



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS

TERESA DE JESUS ANDRÉ CARREIRO MENDES

**A Trindade como comunhão de amor, no
contexto da Unidade Letiva 2 do 9º ano -
«Deus, mistério de amor»**

**Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada
sob orientação de:**

Mestre Juan Ambrosio

Professor Doutor Alfredo Teixeira

*«Se AMAR é dar-se
e EDUCAR é dar-se ao outro
e ajudá-lo a crescer
para Ele se dar também,
é por demais evidente
que EDUCAR É AMAR.»*

(José Ribeiro Dias «Educar é Amar», 185)

Este trabalho é dedicado a todos aqueles que, até hoje, me ensinaram a conjugação do verbo Amor em todos os tempos e modos.

Em primeiro lugar, aos alicerces da minha vida, da minha educação e da minha fé, à minha família, os meus pais, avós, irmãos, cunhados e sobrinhos.

Aos amigos que sempre estão e estiveram nesta aventura que tem sido a minha vida e, de forma mais concreta, a todos aqueles que acompanharam esta fase da minha formação. Através deles encontro a mão amorosa de Deus.

Aos professores que acompanharam toda a minha formação académica desde a sua génese até hoje, e aos professores que hoje são colegas nesta missão tão bonita, de educar as novas gerações, pois todos deixaram e deixam um pouco de si, na pessoa e professora que sou hoje, e em muitos encontrei o que desenvolvo neste trabalho.

Aos meus alunos que todos os dias me inspiram a ser mais e melhor educadora. São eles que com os abraços, pedidos, dilemas e amor, o lembrete diário de que devo amar o meu Próximo.

A todos os que me apoiaram institucionalmente, neste meu caminho de formação, foram um apoio importante para chegar aqui.

Muito a ti, Mauro, a pessoa com quem partilho a minha vida, a pessoa que estive e está sempre no meio dos desânimos, revoltas, mas também nas alegrias e pequenas vitórias do dia-a-dia, e também no duro processo deste trabalho. Foste e és, efetivamente e da forma mais próxima possível, a manifestação do Amor de Deus por mim! O alento, o colo, a coragem, os «nãos» e os «sins», mas sempre, sempre a presença firme e a certeza de que Deus não me deixa só, uma única vez!

Por todos estes, te dou graças, Senhor, pelo dom das suas vidas na minha, sem eles não teria a força e a coragem para chegar aqui.

À boa maneira beirã, um grande Bem-Haja, por me ensinarem todos os dias o Amor!

ÍNDICE

Índice de Tabelas e Figuras	5
RESUMO.....	7
CAPÍTULO 1: PENSAR A EDUCAÇÃO A PARTIR DE UMA CONCEÇÃO DE AMOR INSPIRADA NA COMUNHÃO DA TRINDADE	12
1.1. Amor Trinitário e Educação	12
1.1.1. Amor trinitário	13
1.1.2. Educação e a sua evolução concetual.....	18
1.2. Trindade, Comunhão de Amor	23
1.2.1. Aproximação de uma definição de Trindade	23
1.2.2. Jesus Cristo, o Amor de Deus feito Homem	26
1.3. Mandamento do Amor - «Ama o teu próximo».....	30
1.3.1. Quem é o meu próximo?	30
1.3.2. Contributo para a Educação	33
CAPÍTULO 2: PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA.....	40
2.1. Caraterização do Meio, da Escola e da Turma.....	40
2.1.1. Caraterização do Meio de Abrantes	41
2.1.2. Caraterização da Escola Dr Manuel Fernandes	43
2.1.3. Descrição da Turma 9ºC	44
2.2. Unidade Letiva 2 - «Deus, Mistério de Amor»: Caracterização Teológica e Programática	46
2.3. Lecionação da Unidade Letiva 2: «Deus, Mistério de Amor»	51
2.4. Reflexão Global sobre a Prática de Ensino Supervisionada.....	69
2.4.1. Estruturação da Unidade Letiva	69
2.4.2. Falta algum conteúdo à UL2?	71
2.4.3. Os objetivos e conteúdos da UL2 são importantes para os alunos?.....	72
2.4.4. Os aspetos positivos da lecionação	73
2.4.5 Os aspetos a melhorar	74
2.4.6 O contributo do amor trinitário para a lecionação da UL2	75
CONCLUSÃO.....	77
BIBLIOGRAFIA	81
ANEXOS	85

Índice de Tabelas e Figuras

Tabela 1: Planificação de aula (27/02/2024)	51
Tabela 2: Planificação de aula 05/03/2024.....	53
Tabela 3: Planificação de aula 12/03/2024.....	55
Tabela 4: Planificação de aula 02/04/2024.....	57
Tabela 5: Planificação de aula 09/04/2024.....	59
Tabela 6: Planificação de aula 16/04/2024.....	61
Tabela 7: Planificação de aula 23/04/2024.....	63
Tabela 8: Planificação de aula 30/04/2024.....	65
Tabela 9: Planificação de aula 07/05/2024.....	67
Figura 1: Anexo 1	85
Figura 2: Anexo 2	86
Figura 3: Anexo 2	87
Figura 4: Anexo 2	88
Figura 5: Anexo 2	89
Figura 6: Anexo 2	90
Figura 7: Anexo 3	91
Figura 8: Anexo 3	92
Figura 9: Anexo 3	93
Figura 10: Anexo 3	94
Figura 11: Anexo 3	95
Figura 12: Anexo 4.....	96
Figura 13: Anexo 4.....	97
Figura 14: Anexo 4.....	98
Figura 15: Anexo 4.....	99
Figura 16: Anexo 4.....	100
Figura 17: Anexo 5.....	101
Figura 18: Anexo 5.....	102
Figura 19: Anexo 5.....	103
Figura 20: Anexo 6.....	104
Figura 21: Anexo 6.....	105
Figura 22: Anexo 6.....	106
Figura 23: Anexo 6.....	107
Figura 24: Anexo 7.....	108

Figura 25: Capa para o portefólio dos alunos.....	109
Figura 26: Ficha biográfica	110
Figura 27: Post-its para resumo de aula.....	111
Figura 28: Ficha auto e hétero avaliação	112

RESUMO

Este trabalho sob o tema «A Trindade como comunhão de Amor no contexto da Unidade Letiva 2 do 9º ano: Deus, Mistério de Amor» tem como objetivo demonstrar que a verdadeira Educação Integral só é conseguida se houver Amor em ambiente educacional. Este Amor é o Amor cristão. Um amor que transborda do Amor relacional da Santíssima Trindade.

Por isso, a partir dos documentos do Magistério da Igreja Católica e da Sagrada Escritura exponho, numa primeira parte, a natureza da relação de Amor da Santíssima Trindade e suas manifestações, bem como as interpretações eclesiais ao longo da história. Na segunda parte deste Relatório, apresento um itinerário de aproximação à categoria de Amor, explorando o modo como pode ser aplicada na leção da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, apresentando uma proposta concreta de desenvolvimento didático, no âmbito da Unidade Letiva «Deus, Mistério de Amor».

PALAVRAS-CHAVE

Amor, Comunhão, Trindade, Educação Integral, Pacto Educativo Global, Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC), Prática de Ensino Supervisionada (PES)

ABSTRACT

This work under the theme «The Trinity as a communion of Love in the context of Teaching Unit 2 of the 9th grade: God, Mystery of Love» aims to demonstrate that true Integral Education is only achieved if there is Love in an educational environment. This Love is Christian Love. A love that overflows from the relational Love of the Most Holy Trinity.

For this reason, starting from the documents of the Magisterium of the Catholic Church and Sacred Scripture, I explore, in the first part, the nature of the relationship of Love of the Most Holy Trinity and its manifestations, as well as ecclesial interpretations throughout history. In the second part of this Report, I present an itinerary of approximation to the category of Love, exploring how it can be applied in the teaching of the subject of Catholic Moral and Religious Education, presenting a concrete proposal for didactic development, within the scope of the Teaching Unit "God, Mystery of Love".

KEYWORDS

Love, Communion, Holy Trinity, Integral Education, Global Compact on Teaching, Religious Studies (EMRC), Supervised Teaching Practice (PES).

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

Livros Bíblicos

Gn	Génesis
Ex	Êxodo
Dt	Deuteronómio
2 Sm	2º Samuel
Sl	Salmos
Sb	Sabedoria
Sir	Ben Sira
Is	1º Isaías
Jr	Jeremias
Os	Oseias
Mt	São Mateus
Mc	São Marcos
Lc	São Lucas
Jo	São João
Act	Atos dos Apóstolos
Rm	Carta aos Romanos
1 Cor	1ª aos Coríntios
2 Cor	2ª aos Coríntios
Ef	Carta aos Efésios
Fl	Carta aos Filipenses
1 Ts	1ª aos Tessalonicenses
2 Ts	2ª aos Tessalonicenses
1 Tm	1ª a Timóteo
Heb	Carta aos Hebreus
Tg	Tiago
2 Pe	2ª de Pedro
1 Jo	1ª de João
Ap	Apocalipse

Documentos do Magistério

DH	Dignitatis Humanae
DCE	Deus Caritas Est
DS	Denzinger, Heinrich e Peter Hünermann, <i>Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral da Igreja católica.</i>
FR	Fides et Ratio
FT	Fratelli Tutti
GS	Gaudium et Spes
LG	Lumen Gentium
LS	Laudato Si'
NA	Nostra Aetate

Outras siglas e abreviaturas

AE	Aprendizagens Essenciais
d.C.	depois de Cristo
EMRC	Educação Moral e Religiosa Católica
PES	Prática em Educação Supervisionada

INTRODUÇÃO

No âmbito da «Unidade letiva 2: Deus, Mistério de Amor», assume-se a finalidade de aprofundar o conceito da Trindade e do Amor que a une. Amor, este que é o mandamento de Jesus a nós cristãos. Este trabalho pretende fazer a ligação deste Amor aplicado ao ambiente educativo e mais especificamente à lecionação da disciplina de EMRC.

Na «Unidade letiva 2: Deus, Mistério de Amor», pretende-se que os alunos consigam elaborar uma autorreflexão sobre a sua relação com Deus e sobre o lugar que Ele ocupa nas suas vidas. Nesta faixa etária, o adolescente já tem a capacidade de abstração e é, por isso, capaz de perceber Deus, no que é humanamente possível, na sua infinitude e, por isso, também, na sua constituição trinitária. Assim, o docente deve procurar planificar as aulas de modo que apresentem uma progressão em espiral, até chegar à questão do Deus trino, usando assim a própria pedagogia divina, de uma revelação doseada, tornando-se cada vez mais profunda e completa.¹

Neste sentido, sob a inspiração da Encíclica «Deus é amor» de Bento XVI e do «Pacto Educativo Global», liderado pelo Papa Francisco, pretende-se fazer um estudo acerca da relação de Amor vivida em pleno pela Santíssima Trindade e esta relação aplicada à Educação. E, a seguir, aplicar os resultados desse estudo ao processo de lecionação e planificação das aulas, e especificamente no contexto de Prática de Ensino Supervisionada (PES), no âmbito da «Unidade letiva 2 (UL): Deus, Mistério de Amor».

Com a Encíclica «*Deus caritas est*» de Bento XVI, pretendo aprofundar teologicamente a relação trinitária e como o amor é vivido nesta relação, chegando ao ser humano como missão. A partir do «Pacto Educativo Global» do Papa Francisco, pretendo perceber como a Igreja se propõe a aplicar a vivência do amor do Deus trino no âmbito da educação. Parte-se da premissa de que não pode haver educação integral sem que haja amor.

No desenrolar deste trabalho, pretende-se responder a três questões: de que modo o amor trinitário, encarnado em Jesus Cristo, é entendido, pensado e aprofundado pela Igreja? De que forma o amor se relaciona com a educação? De que modo se pode transmitir aos alunos, em contexto de aula, esta relação de amor?

De forma a responder a estas perguntas, o trabalho apresenta-se estruturado em dois capítulos: 1) Pensar a educação a partir de uma conceção de amor inspirada na comunhão da Trindade; 2) Prática de Ensino Supervisionada, ou seja, no primeiro capítulo toda a teoria onde

¹ Cf. Ministério Educação, «Aprendizagens Essenciais, Articulação com o perfil dos alunos», julho de 2018, 2, https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/3_ciclo/emrc_3c_7a.pdf.

me baseio e no segundo capítulo como aplicá-la nas planificações e na prática em contexto de aula.

No desenvolvimento do Capítulo 1, o primeiro subcapítulo expõe os conceitos que são a base deste: amor trinitário e educação. O segundo subcapítulo visa uma aproximação à definição de Trindade, a partir da Encarnação de Jesus, dando rosto ao amor trinitário. No terceiro e último subcapítulo concretizo Jesus, Deus feito Homem, que nos dá o mandamento do Amor, como forma mais próxima e mais perfeita de experienciarmos, enquanto humanos finitos, a relação trinitária infinita, através do amor ao próximo. E ao terminar este subcapítulo levanta-se a pergunta essencial: quem é o meu próximo na educação, para que possa viver concretamente este Mandamento de Jesus também no contexto de professora?

O segundo capítulo tem como objeto a prática letiva, sustentada pela teoria desenvolvida no primeiro capítulo. Começa-se por contextualizar o meio de Abrantes, a Escola Dr. Manuel Fernandes e a turma do 9ºC do ano letivo 2023/2024. É importante perceber a realidade concreta de quem é o alvo das planificações de aula, pois analisar o contexto das pessoas a quem se destinam concretamente as aulas torna-as mais personalizadas e adequadas à realidade dos alunos a quem se destinam. Numa segunda fase deste capítulo apresenta-se pequena reflexão teológica, dirigida à planificação das aulas. Num terceiro momento, apresentam-se as planificações efetuadas, enriquecidas com uma síntese dos relatórios de cada aula. Nestas planificações, são tidos em conta todas as metas, objetivos, conteúdos e aprendizagens essenciais (AE) propostos no Programa de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC). E a partir destas propostas, planificam-se e constroem-se materiais didáticos para cada aula, consultáveis no final deste trabalho, na secção dos anexos. Colocando assim o que era pretendido ao lado do que foi conseguido, torna-se possível uma análise dos resultados. Esta metodologia auxiliou em muito a construção do quarto subcapítulo, no qual se apresenta uma reflexão sobre a Prática de Ensino Supervisionada, identificando os aspetos positivos e os aspetos que devem ser melhorados.

Como a PES se desenvolveu já tendo em conta uma reestruturação de todas as metas, objetivos, conteúdos e AE, este relatório apresenta o que foi lecionado integrando já os resultados do estudo acerca do amor trinitário e suas correlações educativas.

Assim, a planificação encontra-se construída, como um caminho em espiral até chegar à consciência do Deus Trino, que em grande parte acompanha os conteúdos programáticos presentes no Manual, como «a questão da existência de Deus», «o fenómeno religioso» e «Deus: oceano de Amor»². É neste último ponto da UL que notei a necessidade de aprofundar

² Cf. Maria Portugal, José Dias e Michael Fernandes, *Queremos Ser! - Manual do Aluno - EMRC 9ºano do Ensino Básico* (Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2023), 66–115.

a questão trinitária de Deus, por entender que, nesta idade, os alunos já são capazes de imaginação abstrata. Também através da experiência pastoral é possível perceber que, chegada a esta fase da vida, os adolescentes que ouvem falar que Deus é Uno e Trino não conseguem clarificar a questão de fé, o que pode gerar confusões na vivência da fé e no seu saber acerca de Deus.

Tendo em conta estes pressupostos, admitindo e reconhecendo que nunca será possível entender ou explicar Deus na sua totalidade infinita, apresenta-se uma dinâmica pedagógica simples que sugere uma aproximação eficaz à compreensão da vivência e compreensão trinitárias.

CAPÍTULO 1: PENSAR A EDUCAÇÃO A PARTIR DE UMA CONCEÇÃO DE AMOR INSPIRADA NA COMUNHÃO DA TRINDADE

Neste primeiro capítulo, introduzem-se os dois eixos fundamentais deste trabalho: o Amor Trinitário e a Educação. Entendo que como ponto de partida deste trabalho, é necessário explorar estes conceitos como fundamentais para a prática educativa. No segundo subcapítulo irei aproximar-me de uma compreensão de Trindade, como resultado do conceito explorado do Amor Trinitário. De seguida, abordarei a pessoa de Jesus Cristo como a mais perfeita manifestação de Amor de Deus trino à humanidade. Por fim, no terceiro subcapítulo, inicio-o respondendo à questão de quem é o meu próximo, tendo em conta o legado deixado por Jesus Cristo no Mandamento do Amor. E concluo este subcapítulo, considerando a evolução etimológica da Educação e tendo como base o modelo de Amor Trinitário para uma educação integral e frutífera.

1.1. Amor Trinitário e Educação

Começo este trabalho por abordar a importância do tema do Amor Trinitário, destacando a sua relevância para a compreensão da natureza de Deus e para a vivência da fé. Tenho como objetivo fornecer uma visão geral sobre este assunto, sabendo à partida que será sempre intimamente pequeno em relação à impossível compreensão total do mistério que é Deus na sua relação trinitária.³ Partindo das linguagens bíblicas, explora-se aqui um conjunto de propostas teológicas, visando uma compreensão do mistério trinitário, tendo em conta a problemática pedagógica que orienta esta indagação. Assim, apresentarei uma análise da relação entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo, explorando as características desse amor-perfeito e as suas correlações práticas no quotidiano dos cristãos, com uma particular ênfase dada ao domínio da relação com o próximo⁴. Deste modo, pretendo fazer uma abordagem do Amor Trinitário na perspectiva dos objetivos próprios deste trabalho.

Na segunda parte deste subcapítulo, irei-me debruçar sobre a evolução conceptual da Educação. Parece-me oportuno abordá-la a partir da sua historicidade. Como docente é

³ Cf. Alexandre Palma, *A Trindade é um Mistério, mas podemos falar disso*, Col. Poéticas do Viver Crente (Prior Velho: Paulinas, 2014), 199.

⁴ Cf. Palma, 97.

importante tomar consciência de como foi vista a Educação, para a prática educativa atual poder construir cidadãos tendo por base uma educação integral.

1.1.1. Amor trinitário

A doutrina trinitária, porque referente à Trindade e por isso ao ser de Deus, tem a sua dimensão de incompreensibilidade, pois «se compreendeste, não é Deus, se, porém, não compreendeste, é Deus»⁵, no entanto, é-nos permitido perceber que a Trindade são três pessoas distintas, mas uma só essência⁶. Por serem três Pessoas distintas, são-lhes atribuídas designações que as distinguem, assim temos o Pai Criador, o Filho Salvador e o Espírito Santo Unificador (cf. LG 2-4). A natureza da relação da Trindade é um pilar para a compreensão da revelação de um Deus único, que transcende o entendimento humano, mas que existe em três Pessoas distintas, que se relacionam perfeitamente no Amor⁷. Este conceito desafia a capacidade humana de compreensão e convida-nos a uma verdadeira procura do conhecimento do Pai, do Filho e do Espírito Santo, através da revelação divina. Nesta procura, podemos entender que as três Pessoas divinas compartilham uma relação eterna de amor, comunhão, misericórdia e unidade perfeitas. Ao aprofundar este mistério divino, é-se confrontado com a grandeza, a santidade e a majestade de Deus, enquanto se é convidado a uma adoração reverente e humilde diante de Sua presença⁸. É Ele que se revela, que se faz presente, que ama primeiro (cf. 1 Jo 4, 10) e que motiva o ser humano a procurar Deus⁹.

Tendo em conta a finitude da compreensão humana, Deus revelou-se à humanidade sempre de forma progressiva – a “economia da Revelação” – e constatamo-lo no decorrer da história bíblica, nos textos deixados pelos Padres da Igreja e documentos do Magistério.

No Antigo Testamento, pode observar-se o imenso amor de Deus expresso de diversas formas. Um dos exemplos mais notáveis é a demonstração deste amor através do cuidado sempre presente e da Sua proteção incansável pelo povo de Israel que escolhe para ser seu (cf. Jr 32, 38), apesar de todas as vezes em que este povo se desviou dos Seus caminhos (cf. Os 11, 7). No entanto, Deus continua a cuidar o Seu povo apresentando-se como um Deus próximo e

⁵ Agostinho, *Sermões*, 52, 6.16.

⁶ Cf. Agostinho, *De Trinitate*, liv. VII, 6.11.

⁷ Cf. José Ribeiro Dias, *Educar é Amar: Para o Pacto Educativo Global do Papa Francisco* (Apelação: Paulus Editora, 2021), 102.

⁸ Cf. Palma, *A Trindade é um Mistério, mas podemos falar disso*, 23.

⁹ Cf. Henrique de Noronha Galvão, «Deus trindade e comunhão», *Theologica* v. 30, n. 2 (1995): 428, <https://doi.org/10.34632/THEOLOGICA.1995.11559>.

pessoal¹⁰. Esta demonstração do amor divino é evidente no livro do Profeta Isaías, onde se encontra a promessa do Messias que viria para trazer a salvação e restauração a todas as nações (cf. Is 9, 5-6).

É através das iniciativas amorosas de Deus para com Israel, que este povo confessa como único e verdadeiro este Deus (cf. Dt 6, 4), reconhecendo-O como criador de tudo o que existe (cf. Gn 1, 1). No Antigo Testamento, diz-nos o professor Henrique Noronha Galvão, que num ponto de vista cristão, já existem alguns pronúncios da manifestação de Deus trino¹¹ e que nesta Trindade existe uma relação perfeitamente amorosa, como é exemplo o relato da criação do ser humano: «Façamos o ser humano à nossa imagem, à nossa semelhança» (Gn 1, 26a), Deus é colocado a expressar-se no plural e é esse plural que dá a entender que o Deus criador é mais que uma pessoa (cf. DS 200). O amor de Deus transcende e está sempre presente, como o verificou o povo de Israel e como se pode presenciar hoje, percebendo-o através da resposta de fé do ser humano. É o mesmo Deus que foi, que é e que haverá de ser (cf. Heb 13, 8), e sabendo-se um Deus Trino, a fé poderá responder que foi, é e será este Deus Trino sempre.

Neste contexto, percebe-se que cada passagem, cada versículo são testemunhos vivos dos diversos aspetos do Amor insondável de Deus. No sacrifício de Isaac (cf. Gn 22, 1-18) e na libertação do povo da escravidão no Egito (cf. Ex 13, 17-22), vê-se a manifestação do amor paternal em cada ato divino. A proteção divina pode ser vista na Arca de Noé, onde Deus preservou a vida de cada criatura do dilúvio avassalador (cf. Gn 7, 1-4). A orientação amorosa de Deus é evidente nas palavras de Moisés, que transmitiu aos filhos de Israel os mandamentos e instruções divinas para uma vida plena e abençoada (cf. Gn 20). Mesmo diante da desobediência e idolatria por parte do povo, Deus nunca deixou de mostrar o seu amor e fidelidade através dos profetas, Ele exortou o povo a arrepender-se, para assim o perdoar e a Ele retornar. Esta dinâmica de amor e perdão é evidente na história de David (cf. 2Sm 12, 13-14) e demais personagens bíblicos, que mesmo com as suas fraquezas e falhas, experimentaram o amor incondicional de Deus. Esta revelação do Amor de Deus no percurso do Antigo Testamento aborda a natureza de Deus, o Deus Trino que se revela em Amor.¹²

No Novo Testamento, o Amor Trinitário é expresso pelo Filho no sacrifício da cruz, mostrando o ápice do amor salvador de Deus pela humanidade¹³. Através do seu ministério

¹⁰ Cf. Henrique de Noronha Galvão, «Deus comunhão trinitária: no diálogo intercultural e inter-religioso», *Didaskalia* v. 30, nº2 (2005): 376, <https://doi.org/10.34632/DIDASKALIA.2005.1698>.

¹¹ Cf. Galvão, 378.

¹² Cf. Galvão, 393.

¹³ Cf. Galvão, «Deus trindade e comunhão», 423.

terreno, Jesus ensinou sobre o amor ao próximo e a importância da unidade entre os crentes¹⁴. Já o apóstolo João descreve o amor como um atributo essencial de Deus, «Deus é Amor» (1Jo 4, 8), revelado na pessoa de Jesus Cristo e a base para a salvação e para a vida eterna. Os textos da Nova Aliança ressaltam a amplitude e a profundidade do amor de Deus Filho, culminando na redenção da humanidade e na demonstração do amor sacrificial como a expressão máxima do amor divino (cf. Jo 3, 16 e Fi 2, 8).

O Filho, na Sua relação íntima e perfeita com o Pai, sublinha de forma mais acentuada a relação de Amor da Trindade «Eu estou no Pai e o Pai está em mim» (Jo 14, 11), assim é possível entender que são um só, pois quem vê o Filho vê o Pai (cf. Jo 14, 9b). Esta relação encontra-se espelhada nos Evangelhos, que revelam a natureza da Trindade, pois é «nesta circularidade entre Jesus e o Pai, dois que no agir e no sentir se mostram sempre um, que os cristãos têm o fundamento para falarem de Deus como Trindade»¹⁵. Aqui pode constatar-se a unidade intrínseca do Antigo e Novo Testamentos, Jesus não vem alterar o que já tinha sido observado no Antigo Testamento, Jesus vem dar um rosto ao Deus Trino, vem confirmar com a sua vida, no Novo Testamento, o Amor que Deus expressou na Antiga Aliança (cf. DCE 12).

No Evangelho de São João, o tema do Amor é abordado de forma permanente, ora em relação do Pai ao Filho, ora do Filho ao Pai, ora destes em relação ao homem e do homem à restante humanidade. Nos relatos joaninos especificamente no Prólogo (cf. Jo 1, 1-14) é destacado que o *Logos* que sempre existiu com Deus, fez-se homem para O revelar, revelando-O como sendo *Ágape*, o *Logos* que é Deus é também o «Filho Unigénito do Pai», e vem para cumprir a missão que o Pai lhe confiou: «ser Luz», Luz esta que conduz à vida no Pai¹⁶, para onde, que por tão grande Amor de Deus pela humanidade, quer que todos caminhem (cf. Jo 4, 14). Assim Deus não poupou esforços para se nos revelar através de seu Filho, o *Logos*: «Tanto amou Deus o mundo, que lhe entregou o seu Filho Unigénito, a fim de que todo o que nele crê não se perca, mas tenha a vida eterna» (Jo 3, 16), esta é expressão do amor divino revelando a magnitude e a generosidade infinita do Pai.

O autor do quarto Evangelho mostra-nos ainda que este amor divino é expresso no vínculo afetivo que Jesus possui com os seus discípulos (cf. Jo 17, 17-19), rogando para que permaneçam fiéis e unidos a esse Amor que Ele lhe transmitiu e agora seja transmitido por eles até ao fim dos tempos (cf. Jo 17, 21) para que a humanidade viva em verdadeira comunhão tal como o Pai e o Filho vivem. O amor do Filho transcende as barreiras da compreensão humana

¹⁴ Cf. Galvão, «Deus trindade e comunhão», 422.

¹⁵ Palma, *A Trindade é um Mistério, mas podemos falar disso*, 77.

¹⁶ Cf. Galvão, 422.

e revela-se por meio do seu ensinamento amoroso e da maneira como Ele se entrega por completo na cruz, em favor de toda a humanidade (cf. Jo 15, 9-14). A relação íntima de amor do Pai e do Filho é aqui ressaltada, é, pois, através deste amor eterno e perfeito que a humanidade é convidada a experimentar a vida abundante e plena que brota desta união divina (cf. Jo 7, 37-39). Assim apresenta-nos São João o Amor Trino, em que a relação das três pessoas da Santíssima Trindade brota como um rio de «Água-Viva», para que todos os que queiram ali matar a sede fiquem saciados.

Na teologia trinitária, o Espírito Santo é o Amor divino em ação, revela a terceira pessoa da Santíssima Trindade como o vínculo de amor inquebrável e incomensurável entre o Pai e o Filho, sendo a terceira pessoa da Santíssima Trindade a «promessa dos “rios de água-viva” (Jo 7, 38) que, graças à efusão de Espírito, haviam de brotar do coração dos crentes» (DCE 19). O Amor no Espírito Santo manifesta-se na santificação e capacitação da Igreja, pois «a presença do Espírito na Igreja será o dinamismo constante que, pela conversão e a remissão dos pecados, reunirá os homens para lá de todas as fronteiras “num só coração e numa só alma” (At 4, 32)»¹⁷. O Paráclito revela o amor infinito da Trindade ao selar os crentes como filhos adotivos de Deus, em íntima comunhão com o Pai e o Filho (cf. Rm 8, 14-17). O Espírito Santo é ainda descrito como a garantia da herança futura dos crentes, reafirmando a promessa do amor eterno de Deus pela sua Criação, oferecendo a sua glória (cf. Ef 1, 13-14). Na sua infinita sabedoria e graça, «o Espírito é também força que transforma o coração da comunidade eclesial» (DCE 19) tornando-a instrumento de Amor e Misericórdia no mundo. É, portanto, o Espírito Santo aquele que é a ação concreta do Amor Trino no mundo.

Quando se fala do Deus Trino, é de grande importância falar da sua unidade e da sua distinção. Sendo que temos um só Deus (Cf. 1Cor 8, 6), falamos, todavia, de um Deus que se revela em três Pessoas distintas, o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Assim a unidade revela a essência indivisível e eternamente amorosa de Deus, ou seja, como escreve Santo Agostinho, uma só essência¹⁸. Enquanto as distinções demonstram as relações pessoais e intrínsecas entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo, como refere Alexandre Palma, «trinitariamente, o Pai é ele próprio na medida em que é para o Filho. Tal como o Filho é Ele próprio na medida em que tudo se refere ao Pai. E o Espírito Santo é, na sua mais fundamental identidade, o dom constante entre o Pai e o Filho, e, assim, o elo que eternamente os une.»¹⁹ O amor trinitário, que transcende toda a compreensão humana, é único, incomparável e infinitamente compartilhado entre as três

¹⁷ Galvão, «Deus trindade e comunhão», 424.

¹⁸ Cf. Agostinho, *De Trinitate*, liv. VII, 6.11.

¹⁹ Palma, *A Trindade é um Mistério, mas podemos falar disso*, 117.

pessoas da Trindade, sem hierarquia, subordinação ou confusão (cf. DS 113). Esta unidade profunda e expansiva na diversidade divina é essencial para a compreensão plena e abrangente da incomparável natureza de Deus e do seu amor imensurável, que se manifesta de forma inigualável em cada aspeto da existência e da criação (Jo 14, 23). O amor trinitário é a própria essência do infinito e eterno amor que cria, redime e renova tudo o que existe, revelando, assim, o Amor-perfeito e incomparável de Deus para com a humanidade e toda a criação²⁰. Assim podemos dizer que o Pai, o Filho e o Espírito Santo se relacionam entre si, o que confere a sua distinção, sendo iguais em perfeição, contudo, partilham a mesma substância (consustanciais), são um só Deus, amando-se em «proporção da sua grandeza»²¹. Esta unidade e a distinção coexistem em harmonia e perfeição de tal modo que, mesmo não sendo na totalidade, o ser humano é capaz de a entender, não pela razão pura, mas pela fé revelada ao longo da história da humanidade.

Atualmente, continua-se a aprofundar a compreensão do amor trinitário, com o objetivo de integrar a Sagrada Escritura com os contextos atuais em que se vive, destacando a comunhão entre as três pessoas da Trindade e a sua relação de Amor, que se manifesta de forma transformadora na vida cristã e na missão da Igreja. Exemplo disso é a Encíclica «*Deus caritas est*» (DCE) de Bento XVI, que dedica à ação caritativa da Igreja, nos dias de hoje, para o bem do próximo, principalmente do mais pequeno, uma parte significativa do texto. Bento XVI Apresenta a caridade como o Amor mais perfeito, portanto, o Amor de Deus, que, uma vez recebido pelos fiéis, deve ser multiplicado, principalmente pelos que mais necessitam. Este documento é um mandato a responder ao que está impresso naturalmente, pelo Criador, no íntimo de cada ser humano (DCE 31). Tal abordagem amplia o entendimento e a experiência do amor trinitário, proporcionando, assim, uma contribuição para a compreensão e vivência desta «essência» na vida da comunidade cristã.

A análise do amor trino leva a compreender de forma abrangente a natureza de Deus, que se revela de forma sublime através do amor incomparável do Pai, do Filho e do Espírito Santo e da sua relação íntima e profunda com a humanidade, constituindo-se assim como um alicerce para a teologia cristã e para a vida de todos os fiéis.

²⁰ Cf. Agostinho, *De Trinitate*, liv. IX, 4.4.

²¹ Agostinho, *De Trinitate* liv. IX, 12.18.

1.1.2. Educação e a sua evolução concetual

Após esta reflexão sobre o Amor trinitário e tendo em conta o contexto deste trabalho, parece-me importante abordar o tema da educação. Como a conceção de educação foi evoluindo ao longo da história? Esta abordagem parece-me necessária para ajudar a construir a reflexão deste primeiro capítulo.

Assim tenciono, de forma breve, investigar as origens da palavra «educação» e a evolução do conceito ao longo do tempo, analisando o contexto histórico e cultural em que se inserem as diferentes conceções e práticas educativas. Com o objetivo de promover uma reflexão sobre a preparação dos alunos para os desafios da sociedade contemporânea e fortalecer a importância da educação integral como o pilar fundamental para o desenvolvimento humano²², tema que se irá desenvolver e ligar com o Amor trinitário no último ponto deste capítulo.

A palavra «educação» tem origem latina. Pode derivar do verbo *educare*, que significa «nutrir, amamentar, alimentar», ou seja, este termo em latim remete educar para a génese, o início da vida, associando que desde sempre é preciso «amamentar/nutrir», não só o corpo, mas também a mente. Este significado etimológico aponta também para a função primordial dos progenitores no ato de educar, pois são os responsáveis por nutrir desde o primeiro instante o novo ser em todas as suas dimensões.²³

«Educação» pode ter ainda outra origem no latim, o verbo *educere*, que tem como significado «conduzir para fora, extrair», ou seja, orientar alguém no seu crescimento e desenvolvimento físico, intelectual, emocional, social, cultural, ético e religioso. Se o primeiro sentido da educação está associado à infância, este segundo encontra-se mais relacionado à educação na adolescência. Assim, caminhar com a pessoa em formação ajudando-a a fazer o seu próprio caminho de descoberta e aprendizagem necessária para a sua vida atual e futura.²⁴

Por fim, a palavra «educação» também é associada ao termo latino *ducere* que quer dizer «conduzir junto, reunir, guiar», a fase em que o ser humano se encontra mais crescido e já tem necessidade de encontrar um mestre que o oriente concretamente para a tomada de consciência da realidade em que se encontra integralmente envolvido. O mestre torna-se um guia para acompanhar o educando para lá de si mesmo, para o que o transcende.²⁵

²² Cf. Francisco, «Pacto Educativo Global», 29, acessado a 2 de abril 2024, <https://www.educationglobalcompact.org/resources/Risorse/vademecum-portuges.pdf>.

²³ Cf. Dias, *Educar é Amar: Para o Pacto Educativo Global do Papa Francisco*, 53.

²⁴ Cf. Dias, 53–54.

²⁵ Cf. Dias, 54–55.

Percebe-se, assim, que a educação tem um papel transformador dentro de qualquer sociedade, indo para lá da mera transmissão de saberes científicos. A educação integra-se no processo de formação integral do ser humano, permitindo o desenvolvimento das capacidades cognitivas, emocionais e sociais, levando a que cada indivíduo seja cada vez mais autónomo no seu processo de conhecimento e na procura de um mundo mais equitativo e justo²⁶. Para tal é necessário também que o indivíduo nutra o gosto por ser educado, isto é, a palavra «saber» tem a sua raiz no indo-europeu como um dos seus significados sabor. Então, não é suficiente saber uma informação, é preciso saborear, ou seja, ir saboreando o saber. Este sabor deve suscitar em cada um «prazer, uma felicidade e alegria» em descobrir e aprender sobre tudo o que rodeia o indivíduo, abarcando todas as suas dimensões, de forma a atingir a realização pessoal.²⁷

A educação é um processo que acompanha toda a vida da pessoa, presente nas várias fases da vida humana, da infância à idade adulta, desafiando o indivíduo na continuidade da sua aprendizagem e na progressão da mesma. Neste processo, os ambientes educativos assumem um papel essencial, seja no âmbito familiar, escolar ou comunitário, pois é neste contexto que ocorrem os primeiros contactos com a educação, estabelecendo, assim, os pilares para a edificação de uma sociedade mais esclarecida e participativa. É ainda importante sublinhar que a formação não se limita a ambientes educativos formais; a educação manifesta-se no dia a dia, através das experiências vividas, das interações sociais e das descobertas pessoais que enriquecem a estrutura individual e o crescimento coletivo.²⁸

Nas civilizações da antiguidade clássica, as práticas de educação eram adaptadas conforme os valores e necessidades específicas de cada cultura. Na Grécia, por exemplo, os jovens eram instruídos por «peritos na arte de ensinar»²⁹ e frequentavam instituições para aprender artes, retórica e filosofia, onde «imperava uma pedagogia sumária e brutal»³⁰. Por outro lado, a educação em Roma focava a preparação para a vida política e militar, destacando ainda a retórica, o direito e a história, porém imperava a violência como forma do jovem adquirir conhecimento. Ambos os impérios referidos desprezavam a criança, daí a forma impetuosa como eram ensinados os mais novos. A educação destinava-se principalmente aos

²⁶ Cf. Francisco, «Pacto Educativo Global», 24.

²⁷ Cf. Dias, *Educar é Amar: Para o Pacto Educativo Global do Papa Francisco*, 55.

²⁸ Cf. Duarte da Cunha, «Só o amor gera educação», *Povos e Culturas*, n.º8 (1 de janeiro de 2003): 25–26, <https://doi.org/10.34632/POVOSECULTURAS.2003.8851>.

²⁹ Maria da Glória de Rosa, *A história da educação através dos textos*, (São Paulo: Editora Cultrix, 1971), 76.

³⁰ Dias, 25.

rapazes³¹, enquanto as raparigas eram ensinadas no lar sobre tarefas domésticas. As práticas de educação também refletiam a estrutura social e hierárquica de cada civilização, destinadas a transmitir e preservar valores, tradições e conhecimentos ancestrais.³² Esta visão de educação mantém-se praticamente inalterada no decorrer da Idade Média, acrescentado apenas a influência da Igreja, que detinha um papel fundamental na estruturação das entidades educativas e na difusão do saber.³³

Nos séculos XV e XVIII, a educação experimentou uma transformação significativa, impulsionada pela ascensão de ideais humanistas, com a valorização do conhecimento científico, que fomentou o progresso intelectual dos indivíduos.

As instituições educacionais expandiram-se e foram reorganizadas, com o impulso dos colégios dos jesuítas, portadores de uma visão mais humanista, começaram a existir algumas alterações pedagógicas, como por exemplo a divisão por idades dos alunos. No entanto como o mundo adulto era a meta para crianças e jovens, estes, deviam conviver com os adultos para que assim pudessem aprender a sê-lo na prática³⁴.

A leitura e a escrita passaram a ser vistas como ferramentas importantes para o desenvolvimento individual e social, proporcionando acesso à informação e ao debate de ideias, de ressaltar que este pensamento estava reservado às classes mais altas da sociedade. Pode-se dizer que a Idade Moderna foi um período de revolução educacional, onde a educação se tornou um meio de emancipação, promovendo o desenvolvimento intelectual e moral, além de contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e progressista³⁵.

Com o avançar da Idade Moderna, a educação, passou a ser vista como um instrumento de transformação social e cultural. Com o desenvolvimento de sistemas de educação mais eficazes e inclusivos, estendendo o ensino a toda a população, independentemente da sua origem ou condição socioeconómica. A educação passa a ser vista como essencial para uma sociedade melhor, impulsionando avanços científicos, tecnológicos, culturais e sociais, e promovendo a formação de indivíduos críticos e reflexivos³⁶.

Dando um grande salto para a contemporaneidade, o processo educativo teve avanços significativos e atravessou várias transformações, incluindo uma maior acessibilidade à

³¹ Cf. Rosa, *A história da educação através dos textos*, 77.

³² Cf. Dias, *Educar é Amar: Para o Pacto Educativo Global do Papa Francisco*, 18.

³³ Cf. José F. Durán Vázquez e Eduardo Duque, *Las Transformaciones de la Educación*, (Madrid: Dykinson, S.L. M, 2019), 37–38.

³⁴ Cf. Vázquez e Duque, 42.

³⁵ Cf. Vázquez e Duque, 63.

³⁶ Cf. Vázquez e Duque, 56.

educação formal com novas abordagens pedagógicas, reflexo da história da humanidade dos séculos XIX e XX. Com a globalização e a revolução digital repensaram-se a compreensão e a prática do ensino, com um relevo na educação inclusiva e com a valorização da diversidade cultural são promovidas práticas educativas mais igualitárias a todos os níveis educacionais, desde a infância até ao ensino superior³⁷.

Poder-se-á dizer que na formação atual, destaca-se o crescente reconhecimento da personalização ou flexibilização do currículo, sendo cada vez mais viável ajustar o ensino às várias necessidades e interesses dos alunos. Isto implica, obviamente, um empenho por parte dos professores, uma abordagem uniforme para métodos que consideram as especificidades de cada aluno, tornando a educação mais personalizada e inclusiva³⁸.

Outra perspetiva importante do ensino atual é a valorização da aprendizagem contínua. Se no passado a educação era vista como concluída depois de se terminar a «alfabetização»³⁹, atualmente, passou-se a entender a educação enquanto processo contínuo, «de crescimento global e harmonioso de cada ser humano ao longo das diferentes fases da sua existência, desde que nasce até que morre»⁴⁰.

Ainda se deve referir que uma das preocupações da educação hoje é a educação integral. Tal significa que esta deve abranger as distintas dimensões do ser humano, físicas, intelectuais, emocionais, éticas e religiosas, visando desenvolver cidadãos conscientes, críticos e responsáveis, para que assim colaborem na construção de um mundo mais humano, mais justo, para com todas as pessoas que nele habitam.⁴¹

Diante de todas estas evoluções, e para haver uma resposta eficaz a elas, tem sido importantíssima a formação adequada de professores:

A tarefa de contribuir para a ação de ajuda ao crescimento ou desenvolvimento das pessoas passará pela formação de agentes de educação, quer de adolescentes quer de adultos, não só na dimensão parcial de professores (para ensinar, ou seja, transmitir conhecimentos), mas na dimensão abrangente de educadores (para educar, ou seja, criar condições para o desenvolvimento integral das pessoas).⁴²

³⁷ Cf. Eduardo Duque e Durán Vázquez, «O novo paradigma da educação na promoção de uma sociedade mais inclusiva», *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação* 15, nº 1 (2020): 33, <https://doi.org/10.21723/riace.v15i1.12632>.

³⁸ Cf. Duque e Vázquez, 38–39.

³⁹ Dias, *Educar é Amar, Para o Pacto Educativo Global do Papa Francisco*, 36.

⁴⁰ Dias, 52.

⁴¹ Cf. Dias, 44.

⁴² Dias, 50.

Mostrando assim que é de suma importância uma formação de qualidade para aqueles que têm como missão educar a sociedade. Só assim todos os progressos que têm acontecido no âmbito do ato de educar serão passíveis de se colocar em prática, preparando os estudantes para um mundo em constante transformação, promovendo a igualdade, a formação contínua e diversificada e a participação ativa e responsável na sociedade.

1.2. Trindade, Comunhão de Amor

Neste segundo subcapítulo irei tentar aproximar-me de um entendimento, mesmo de limitado, da Trindade. Será uma sùmula das minhas leituras, que contendrà o pensamento da Igreja ao longo dos sèculos acerca da Trindade. Percebendo a relaçaõ amorosa da Trindade e como esta é entendida pela Igreja, tornar-se-á necessário abordar a pessoa de Jesus Cristo como expressão máxima à humanidade do Amor trino. Ao abordar a pessoa de Jesus Cristo como modelo de ser humano, entendo que este modelo poder-se-á relacionar com a educação integral. Pois aqueles que a querem colocar em prática, seguindo o modelo de Jesus Cristo, certamente percorreram um caminho que os levará à educação integral.

1.2.1. Aproximação de uma definição de Trindade

Neste ponto e depois de me deter brevemente sobre a relaçaõ amorosa da Santíssima Trindade, tenho como objetivo expor uma aproximação da definição de Trindade. Esta tentativa será uma exposiçaõ dos resultados das leituras que realizei, nesta procura, que a mim também me cabe, pela verdade.⁴³ Já expus que Deus são três pessoas distintas e eternamente unidas numa única substância divina que transcende o conhecimento humano. Por esta razão não será possível através da expressão humana explicar totalmente a Trindade porque ela é inexplicável, no entanto, pode-se ter da Trindade um entendimento parcial, tendo em conta a limitaçaõ humana para descrever o que é oposto à realidade da mesma. Assim, por me ser totalmente impossível «definir a Trindade», irei expor o que a Igreja desde os primeiros sèculos afirmou sobre o tema e abordarei também de forma breve o que Santo Agostinho tratou sobre o mesmo.

A Trindade como verdade de fé é a base da fé cristã. A Igreja desde a sua gènese aborda esta Verdade através dos escritos neotestamentários, dos Padres da Igreja e através dos seus primeiros concílios, assim, pode-se subentender a fundacional importância que a Trindade tem no cristianismo – como exemplo tem-se o Credo como fórmula sumária da fé cristã.

A doutrina da Santíssima Trindade é sustentada pela existência de um único Deus eterno, que se manifesta em três pessoas: o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Nesse contexto, cada uma destas pessoas é completamente divina, partilhando a mesma essência e natureza. No

⁴³ Cf. Agostinho, *Confissões*, liv. X, 24.

entanto, mesmo partilhando estes atributos, cada uma das pessoas da Trindade é única e singular nas suas características e funções, mantendo a sua unidade inseparável⁴⁴.

O Pai é a primeira pessoa da Santíssima Trindade, criador do céu e da terra, o princípio sem fim, o todo-poderoso, eterno, imutável, infinito, incompreensível e imensurável em todos os seus atributos (cf. LG. 2). A primeira pessoa, como fonte de toda a criação, é Aquele que traz à existência tudo o que conhecemos, o amor incondicional e a sua bondade infinita são a base de toda existência e a sustentação de toda a realidade. Deus Pai acolhe todos os homens no seu Amor e oferece a oportunidade de experimentar a plenitude de vida, através da sabedoria e liberdade concedidas ao ser humano (cf. Sb 11, 24-26).

Jesus Cristo, o Filho Unigênito de Deus, é a segunda pessoa da Santíssima Trindade. Jesus, «o Filho Unigênito de Deus, nascido do Pai antes de todos os séculos, luz da luz. Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado, não criado, consubstancial ao Pai» (DS 150), é assim afirmado no II Concílio Ecuménico da Igreja, em Constantinopla. Esta passa a ser uma verdade da fé cristã professada no Credo. Já no I Concílio de Niceia em 325, houve necessidade de esclarecer, por uma questão de unidade da fé professada, o lugar de Jesus como Deus e como homem. Sendo que a partir de 381, passa a ser claro que Jesus é Filho de Deus e é consubstancial a Ele, por isso totalmente Deus, é também totalmente homem. E é verdadeiro homem porque nasceu da carne de uma mulher, Maria, Mãe de Deus, verdade esta que fica também esclarecida no III Concílio Ecuménico em Éfeso (cf. DS 250). Este foi o caminho percorrido para ajudar a perceber a questão de um Deus Uno e Trino, Uno porque partilham a mesma substância, e Trino porque as três pessoas da Santíssima Trindade atuam segundo os seus atributos pessoais, dentro da economia trinitária (cf. DS 421). O Filho, que desde a eternidade é um com o Pai, fez-se homem, para revelar o Pai e entregou-se totalmente para salvar os homens, e salvando-os, estes possam aceder «à unidade perfeita da bem-aventurada Trindade» (cf. Jo 17, 21-23).

O Espírito Santo é a terceira pessoa da Santíssima Trindade, que juntamente com o Pai e o Filho partilha a mesma natureza divina, por isso, é inseparável do Deus Trino. O Espírito Santo que procede do Pai, e o Filho que foi gerado eternamente pelo Pai, não Lhe são menores, pois, partilhando a mesma natureza e a mesma substância, nenhuma das três Pessoas é superior a outra.⁴⁵ O Espírito Santo está desde toda a eternidade unido ao Pai e ao Filho (cf. Gn 1, 2), está presente na história da revelação de Deus aos homens, porque também é Deus. É por Ele que Maria concebe o Filho de Deus. Ele está visivelmente representado em várias passagens da

⁴⁴ Cf. Diego Costa Azevedo, «A doutrina trinitária em Santo Agostinho», *Caderno Intersaberes* 11, nº 36 (2022): 153–154, acedido a <https://www.cadernosuninter.com/index.php/intersaberes/article/view/2395>.

⁴⁵ Cf. Agostinho, *De Trinitate*, liv. IV, 20.29.

vida pública de Jesus e, por fim, é enviado pelo próprio Filho para permanecer com os discípulos, suscitando nos seus corações o desejo de Deus, sendo assim instrumento direto de consolação (cf. Jo 14, 26) e santificação (cf. Rm 1, 4). É assumido pela Igreja desde a sua gênese, porque Jesus Cristo fala do Espírito Santo, o «Paráclito», o consolador, o defensor (cf. Jo 14, 16), mas também porque o Pai o revela através de símbolos, tais como a água (cf. 1 Cor 12, 13), o fogo (cf. Act 2, 3-4), a nuvem e a luz (cf. Lc 9, 35), o selo (cf. Jo 6, 27), a mão (cf. At 8, 17-19), o dedo (cf. Ex. 31, 18) e a pomba (cf. Gn 8, 10-12; Mt 3, 16). Sendo símbolos, não são definição total da pessoa do Espírito Santo, no entanto, são passíveis do entendimento humano.

O Espírito Santo, dentro das formas distintas de atuação de cada pessoa da Santíssima Trindade, atua como o Amor de Deus na humanidade, sendo o dom permanente de Deus no mundo, que conduz os Seus filhos adotivos até ao Pai, suscitando-lhes no coração o Seu desejo. E uma vez este desejo suscitado habita neles como bússola que orienta os passos para o norte que é o Amor pleno e eterno de Deus⁴⁶.

Esta relação harmoniosa do Pai, do Filho e do Espírito Santo é caracterizada por um Amor recíproco e por uma comunhão perfeita; esta relação é tão profunda quanto a própria essência de Deus (cf. Jo 17, 21-23). A Trindade revela-se como uma relação constante de Amor, onde cada uma das três Pessoas partilha de Si, ao mesmo tempo em que recebe totalmente das outras (cf. Jo 14, 23). Esta relação aponta para o que as relações humanas podem alcançar, revelando assim a verdadeira identidade dos seres humanos como filhos de Deus que é Pai, Filho e Espírito Santo (cf. Jo 6, 44).

Posto tudo isto poder-se-á dizer que a Santíssima Trindade na teologia cristã é afirmada com a existência de um só Deus eterno, onipotente e onisciente, que subsiste como eternidade e perfeição em três pessoas eternas e indivisíveis: o Pai soberano e misericordioso, o Filho unigénito, gerado do Pai antes de todos os séculos, e o Espírito Santo procedente do Pai e do Filho. (cf. DS 150) Chega-se a esta afirmação, mesmo ela desafiando os limites do entendimento humano, ao longo de séculos de debates e reflexões sobre a Trindade. O desenvolvimento histórico da doutrina da Santíssima Trindade começou com os primeiros escritos dos Padres da Igreja, que, diante de uma procura pela compreensão de Deus, dedicaram-se à tarefa de desvelar, mesmo sem ser na sua totalidade, os mistérios de Deus. O pensamento destes Padres da Igreja acerca da Trindade influencia os contemporâneos a pensar também sobre o tema, o que trouxe discussões e concílios ecuménicos, onde teólogos, clérigos

⁴⁶ Cf. Agostinho, *De Trinitate*, liv. XV, 18.32.

e estudiosos se reuniram para deliberar sobre questões fundamentais relacionadas com a teologia cristã, clarificando pensamentos errados acerca da Trindade e acerca da Fé Cristã. O Concílio de Niceia, realizado no ano de 325, representou um marco importante na definição da doutrina trinitária. Neste concílio, estabeleceu-se e proclamou-se a profissão de fé nicena, que consistia na convicção irrefutável da consubstancialidade do Filho com o Pai. (cf. DS 125) Os debates acesos e a procura pela verdade doutrinária continuaram ao longo dos anos seguintes. Foi no Concílio de Calcedónia, realizado em 451, que a doutrina da Trindade recebeu a sua definitiva formulação e especificação. Neste concílio, reconheceu-se e proclamou-se que Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, é uma única pessoa, em duas naturezas perfeitamente unidas, sem mudança, sem divisão, sem separação e sem confusão. (cf. DS 300-303) Tornando-se assim uma verdade inquestionável dentro da Igreja. Estes debates teológicos acerca da Trindade trouxeram a compreensão da complexidade da natureza divina, assim como sobre o mistério deste Deus Trino. Devido ao reconhecimento da complexidade de definir Deus e o mistério da Trindade, este tem sido ao longo dos tempos, e até aos dias de hoje, um assunto muito estudado, debatido, refletido e continuamente incompleto na sua total definição e compreensão, e ao mesmo tempo continua a ser a rocha sólida sobre a qual, os cristãos, edificam a sua fé e aprofundam o seu relacionamento com o Deus uno e trino (cf. DS 530-531)

Esta aproximação de definição da Santíssima Trindade leva a um entendimento da natureza de Deus e do Seu amor pelos seres humanos. Assim, no próximo subcapítulo abordarei este Amor de Deus aos homens expresso na Encarnação do seu Filho.

1.2.2. Jesus Cristo, o Amor de Deus feito Homem

Neste ponto, vou abordar, como o mistério trinitário, que é transcendente ao ser humano, se fez e faz próximo na pessoa de Jesus Cristo, em primeiro lugar pela Encarnação e agora - e para sempre - pela ressurreição, celebrada no sacramento da Eucaristia. (cf. Mt 28, 20; Jo 6, 56-57) Pretendo sublinhar a importância histórica e transcendental de Cristo como a figura central do cristianismo e a sua relevância para toda a humanidade, como Aquele que trouxe a novidade «Amai-vos uns aos outros» (Jo 15, 12).

A Encarnação do Filho é, de forma objetiva, o momento em que Deus, no auge do seu Amor supremo pela humanidade, se faz homem na pessoa de Jesus. Pela Encarnação, Ele partilhou plenamente a condição humana, experimentando a fragilidade humana, passando integralmente todas as etapas do ser homem (cf. GS 22), por isso se diz totalmente igual a nós exceto no pecado (cf. Heb 4, 15). É na Encarnação que encontramos o mistério da pessoa de

Cristo revelado, pois com ela trouxe a redenção da humanidade, abrindo caminho para a salvação e para a comunhão mais íntima com Deus, fazendo do homem filho adotivo de Deus. Ou seja, ao assumir a condição humana, Jesus, Filho Unigénito do Pai, dá aos homens, através do Espírito Santo, a condição de filhos adotivos de Deus (cf. 2 Pe 1, 4). A Encarnação é um mistério divino, e por isso, transcende a capacidade de a compreender plenamente, no entanto, através da fé e do estudo dos documentos da Igreja, podemos nos aproximar da sua compreensão. (cf. 1 Tm 3, 16) É ainda o mistério que lembra ao homem que Deus não está distante ou indiferente às suas necessidades e dores, mas está envolvido na sua vida e comprometido em resgatá-lo, para que o homem queira reconciliar-se com Ele. (cf. Fl 2, 5-8)

A vida de Jesus é marcada por acontecimentos significativos que moldaram a história da humanidade, refiro-me, desde o seu humilde nascimento em Belém (cf. Lc 2, 7), à visita dos Magos vindos do Oriente (cf. Mt 2, 1), à sua infância (cf. Mt 2, 13-23), à sua peregrinação a Jerusalém aos doze anos com a sua perda e reencontro no Templo (cf. Lc 2, 41-52), o batismo realizado por João Batista (cf. Jo 1, 31-34), os milagres realizados, os ensinamentos através das suas parábolas, à Última Ceia (cf. Lc 22, 14-20), à Paixão e morte na cruz (cf. Jo 18, 1-30), e à ressurreição (cf. Jo 20, 1-18). Cada um destes acontecimentos é significativo para entender a importância e o impacto de Jesus Cristo na história da salvação.⁴⁷

Jesus Cristo durante a sua vida terrena deixa a mensagem de como viver para o seguir e assim vir a ter a vida eterna contemplando Deus face a face (cf. Ap 22, 4). As bem-aventuranças, por exemplo, revelam um caminho de felicidade verdadeira e recompensa espiritual para todos aqueles que vivam em conformidade com elas (cf. Mt 5, 1-12). O amor ao próximo foi sublinhado como o mandamento «resumo» de toda a Lei; ele demonstra a importância da bondade e compaixão para com o próximo (cf. Jo 15, 9-17). Deixa ainda parábolas, como a do Semeador (cf. Mt 13, 3-9), a do Bom Samaritano (cf. Lc 10, 25-37), a da Ovelha Perdida (cf. Mt 18, 10-14) e a do Filho Pródigo (cf. Lc 15, 11-32), que são exemplos que levam a interpretar como no dia a dia é possível viver as características do próprio Deus o amor, a compaixão, o perdão e a misericórdia em relação ao próximo. (cf. DCE 16-17)

A morte e a ressurreição de Jesus Cristo representam o sacrifício supremo de amor de Deus pela humanidade e a vitória sobre o pecado e a morte. A morte de Jesus na cruz é tida como a redenção da humanidade, enquanto a ressurreição como o cumprimento da promessa de vida eterna, na qual reside o extraordinário da fé cristã (cf. LG 7). A morte voluntária de

⁴⁷ Cf. Joaquim Carreira das Neves, *Jesus de Nazaré - Quem és Tu?*, 1ª edição (Braga: Editorial Franciscana, 1980), 313-314.

Jesus é um ato supremo de amor e compaixão, em que Ele se entrega como oferta perfeita para expiar o pecado do homem, para que este possa ser perdoado e restaurado no seu relacionamento com Deus.⁴⁸ A ressurreição gloriosa de Jesus, por sua vez, ultrapassa todas as barreiras da morte e do pecado (cf. 1 Cor 15, 55-56), dando-Lhe a vitória triunfante para o cumprimento da promessa de vida eterna para todos os que n'Ele creem (cf. 1 Ts 4, 14-18). As testemunhas oculares, os discípulos de Jesus, confirmam a veracidade da ressurreição (cf. Act 3, 15). Eles viram Jesus Ressuscitado com os seus próprios olhos, trazendo-lhes uma esperança e a força da renovação da fé (cf. 2 Tm 4, 17). Por isso, a ressurreição é impulsionadora da propagação da Boa Nova que é Jesus Cristo, pelo mundo e pelo tempo chegando até aos nossos dias (cf. Mc 16, 20).

O triunfo sobre a morte de Jesus teve um impacto imediato e duradouro na vida dos discípulos e na dos seus seguidores, antes desta, eles esconderam-se e fecharam-se com medo de que lhes acontecesse algo semelhante ao seu Mestre. No entanto, depois de verem Jesus ressuscitado, estes homens e mulheres fortaleceram a coragem e encheram-se de uma fé inabalável, para anunciarem o que viveram com Cristo e o que viram na ressurreição, a prova exímia de imenso Amor de Deus para com a humanidade. Foi este Amor testemunhado e vivido que os levou a enfrentarem as perseguições, sofrimentos e até mesmo a morte por causa de sua fé em Jesus Cristo (cf. LG 20).

Por tudo o que foi referido acerca da humanidade e divindade de Jesus Cristo na história da salvação e na história da humanidade, desde os primeiros séculos da Igreja, foi de extrema importância clarificar e formular as verdades e os dogmas cristológicos, pela unidade e contra heresias. (cf. DS 423) Por essa razão alguns dos primeiros concílios da Igreja, Niceia, Constantinopla, Éfeso e Calcedónia, através das suas declarações conciliares e credos, definiram a divindade de Cristo, como sendo da mesma substância que o Pai (cf. DS 125; 150; 205-251; 300-303; 421-423), afirmaram também a sua natureza humana perfeita, dada pelo sim de Sua mãe Maria (cf. DS 251), e obter uma compreensão mais profunda acerca da Trindade.

Quase a terminar este subcapítulo, é importante referir que toda a história de Jesus, deixou e ainda deixa uma marca bastante profunda no mundo.⁴⁹ Refiro-me à redefinição que Cristo deu ao amor e, concretamente, aplicado ao próximo, que moldou e molda os valores e princípios éticos, bem como os direitos civis que acompanham a sociedade atual tornando-a mais justa e democrática. (cf. DCE 28) O mandamento do Amor (cf. Jo 15, 12) traduz-se no

⁴⁸ Cf. Joseph Ratzinger, *Jesus de Nazaré - Parte II: Da Entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, 1ª Edição (Cascais: Princípa Editora, 2011), 182-183.

⁴⁹ Cf. Ratzinger, 235-236.

amor ao próximo, no viver a compaixão e na prática do perdão sincero, sendo estes os princípios que levam às transformações sociais. Esta será a temática que irei abordar no próximo subcapítulo.

1.3. Mandamento do Amor - «Ama o teu próximo»

Como tenho vindo a dissertar ao longo deste trabalho, a Trindade é uma relação de Amor entre as três pessoas que a constituem: Pai, Filho e Espírito Santo. O Filho Jesus Cristo - «fez-se homem e veio habitar connosco» (Jo 1, 14), para assim, Deus trino se fizesse próximo da humanidade e assim se reconciliar com ela (cf. 2 Cor 5,19). Por isso Jesus foi o Cordeiro imolado neste sacrifício de reconciliação. (cf. 1 Cor 5, 7) Na sua vida terrena, do nascimento à sua Paixão, Morte, Ressurreição e Ascensão aos céus, fez-Se um modelo prático (cf. Jo 15, 9-15) de como colocarmos, nós humanidade, o seu Mandamento em ação - «Amai-vos uns aos outros» (Jo 15, 17).

Nestes últimos dois subcapítulos abordarei, em primeiro lugar, «Quem é o meu Próximo» (Lc 10, 29), no contexto educacional, tendo ainda em conta o que foi dito no subcapítulo «Educação e a sua evolução etimológica». No último subcapítulo, falarei de como o Amor Trinitário, Encarnado na pessoa de Jesus Cristo, pode e deve ser aplicado em contexto escolar, tendo em conta toda a comunidade educativa.

1.3.1. Quem é o meu próximo?

Neste subcapítulo irei abordar a importância do mandamento do amor no contexto da educação, destacando a relevância na compreensão de quem é o próximo no ambiente educacional. Por forma a ir concretizando este trabalho, que me propus realizar, torna-se necessário definir como é que educador e educando se devem compreender neste processo de amor.

No cristianismo, o mandamento do amor é central e fundamental, no entanto, nas demais grandes religiões do mundo como judaísmo, islão, hinduísmo e budismo, a ideia de amor está subjacente nos seus princípios. Porque em todas existe de alguma forma, parte de «verdade e graça» de Deus Criador, nas suas culturas e ritos (cf. DH 9). No Cristianismo, Jesus ensinou que amar o próximo como a si mesmo (cf. Mt 22, 39) é a concretização efetiva da primeira parte deste mandamento que é amar a Deus sobre todas as coisas (cf. Mt 22, 38), e em conjunto formam o resumo de toda a lei, o mandamento do Amor. Este amor ao próximo deve ser praticado de forma abrangente, englobando não só amigos e familiares, mas também os desconhecidos e até mesmo os inimigos. (cf. Mt 5, 43-48) Assim pode-se começar a refletir sobre quem pode ser o meu próximo no contexto da educação, pois este princípio do amor ao

próximo vai além das fronteiras religiosas, tornando-se a lente pela qual se deve ver a humanidade na sua diversidade (cf. NA 5).

Quando aplicado ao contexto da educação, o conceito de «próximo» expande-se para abarcar todos os seres humanos, independentemente da sua origem, da sua cultura, da sua religião ou de qualquer outra diferença que possuam.⁵⁰ Neste sentido, o próximo é aquele que partilha o caminho da aprendizagem, é aquele com quem se troca conhecimento, experiências e valores.⁵¹ O amor ao próximo na educação implica reconhecer a dignidade de cada indivíduo e valorizar as suas singularidades. Significa não apenas respeitar, mas também acolher e promover a inclusão de todos os alunos, independentemente das suas habilidades, talentos ou limitações. É uma abordagem que procura criar um ambiente de aprendizagem onde cada aluno se possa desenvolver integralmente, tendo todas as suas necessidades atendidas e o seu potencial estimulado. (cf. LS 215) Além disso, o conceito de amor ao próximo na formação promove o desenvolvimento de valores como a empatia, a compaixão e a solidariedade, bem como olhar para além de si mesmo e colocar-se no lugar do outro e procurar compreender as suas vivências, dificuldades e sonhos.⁵² Pois cada pessoa e especificamente cada aluno tem um contexto, uma história e um potencial único. Portanto, o amor ao próximo na educação requer sensibilidade para reconhecer e valorizar esta individualidade, respeitando as diferenças e encontrando formas de apoiar cada estudante no seu caminho de aprendizagem⁵³.

Esta ideia no contexto da educação promove ainda a empatia, a justiça, a responsabilidade, a compaixão e a solidariedade entre os membros da comunidade educativa, o que significa reconhecer a dignidade e a humanidade presentes em todos os que constituem a comunidade educativa.⁵⁴ Assim, a inclusão e a diversidade no contexto educativo exigem a ampliação da definição de próximo, reconhecendo a importância de considerar as diferenças individuais e promover um ambiente inclusivo para todos. Isso envolve a valorização da diversidade étnica, cultural, de género, de orientação sexual e da pessoa com deficiência, devendo garantir equidade de oportunidades para todos os alunos (cf. LS 231). A inclusão e a diversidade na educação também demandam a progressiva eliminação de «barreiras» que impedem a participação plena de todos, promovendo a aceitação e a valorização da singularidade de cada indivíduo. Para que assim seja, é importante eliminar preconceitos, estereótipos e discriminações que ainda persistem nas práticas educativas, devendo ser os

⁵⁰ Cf. Francisco, «Pacto Educativo Global», 25.

⁵¹ Cf. Francisco, 27.

⁵² Cf. Francisco, 27.

⁵³ Cf. Cunha, «Só o amor gera educação», 21.

⁵⁴ Cf. Francisco, 27.

professores, no ambiente escolar, os principais promotores deste processo de inclusão de todo o seu próximo, independentemente da sua origem racial, social, cultural e religiosa, condição física ou cognitiva⁵⁵.

O papel do educador, como sendo próximo, é fundamental para o bem-estar e desenvolvimento integral dos alunos, uma vez que o educador desempenha um papel central como modelo de empatia, de cuidado, de companheirismo, em suma, como modelo de amor, exercendo assim influência direta no ambiente da educação e da formação dos alunos.⁵⁶ Ao demonstrar amor através do interesse genuíno pelos alunos, o educador cria um espaço seguro, acolhedor e inclusivo, onde os alunos se sentem valorizados e respeitados, contribuindo para a construção de relações de confiança entre ambos e do aluno com os seus pares⁵⁷. Este compromisso no que toca ao bem-estar integral dos alunos deve estender-se para lá da mera informação de conteúdos e conceitos académicos, deve abranger também a formação moral, ética e social. Assim, promove-se o desenvolvimento, em cada aluno, de uma consciência dos seus direitos e responsabilidades como cidadãos, preparando-os para uma participação ativa e construtiva na sociedade.⁵⁸ Assim, o educador, como próximo, desempenha um papel crucial na promoção do crescimento pessoal, emocional, cognitivo e social de cada aluno, contribuindo para a construção de cidadãos conscientes, críticos e comprometidos com a construção de um futuro melhor.⁵⁹

Para que no ambiente escolar se viva esta relação de amor ao próximo, e para que isso seja uma realidade global o Papa Francisco lançou o desafio de se criar um «Pacto Educativo Global», que falarei mais no próximo subcapítulo, mas é importante realçar que este Pacto Educativo Global é a concretização deste amor ao próximo. Os sete temas que o desenvolvem têm como foco a pessoa humana, portanto o «meu próximo» (Lc 10, 29) e o mundo que o rodeia, indo ao encontro das necessidades específicas de cada aluno, tendo em consideração os seus pontos fortes e suas dificuldades. Assim, os educadores precisam de ser criativos e dedicados, devendo procurar constantemente novas formas de ir ao encontro dos alunos e assim promover o seu desenvolvimento e a sua educação integral. A colaboração entre os professores, as equipas multidisciplinares e as famílias (cf. LS 213), desempenha um papel crucial, pois permite a troca de experiências e a construção de estratégias conjuntas sempre em função do

⁵⁵ Cf. Francisco, «Pacto Educativo Global», 27.

⁵⁶ Cf. Francisco, 6.

⁵⁷ Cf. Francisco, 34.

⁵⁸ Cf. Francisco, 34.

⁵⁹ Cf. Cunha, «Só o amor gera educação», 28–30.

aluno⁶⁰. É ainda fundamental, que os educadores estejam em constante atualização, através de formações sucessivas, pois se a educação é contínua em vista dos mais novos, não o deixa de ser nos adultos e com maior responsabilidade nos educadores⁶¹.

Todo o verdadeiro processo educativo é movido pelo amor, aquela força geradora de vida que torna as relações entre os homens e mulheres uma experiência de verdade e de construção, então, tudo o que se faz para promover o verdadeiro amor, nomeadamente a defesa da família como espaço de amor verdadeiro e oblativo é trabalho que leva à afirmação de cada 'eu' e de um 'nós' consistente e construtor de civilização⁶².

Assim, perante o mandamento do amor e o conceito de próximo na educação, que em primeiro lugar é o aluno, mas também a demais comunidade educativa, é fulcral promover a compreensão e a prática do amor ao próximo no ambiente escolar. Ao considerar esta perspetiva cristã de amor ao próximo, percebe-se a necessidade de a explorar, acolhendo todos de forma equitativa. O papel do educador como próximo também se destaca, sublinhando a importância da sua ação no desenvolvimento integral dos alunos. Apesar dos desafios presentes na educação atual, acredito que a tão falada educação integral do aluno só será verdadeiramente conseguida se todos os que dela participam vivam e apliquem o amor ao próximo.

1.3.2. Contributo para a Educação

Este último ponto tem como objetivo apresentar a relevância do amor trinitário vivido para com o próximo no contexto da educação em geral e, em específico, através da disciplina de EMRC, ressaltando a sua importância na formação integral dos alunos. Nesse sentido, é fundamental compreender que o Amor Trinitário é a relação de amor existente entre as três pessoas divinas da Santíssima Trindade. É essencial não só para promover uma educação centrada no cuidado, no respeito e na valorização do ser humano, mas também para propiciar uma visão do outro como meu «próximo», entendendo-o como um ser único e irrepetível, dotado de uma magnificência inigualável e digno de amor só pela sua condição humana.⁶³ Além disto, o amor ao próximo, baseado no mandamento deixado por Jesus Cristo - «amarás ao teu próximo como a ti mesmo» (Mt 22, 39) - tem uma dimensão prática e concreta que é absolutamente crucial na educação. Este mandamento interpela a ação em prol do bem-estar, desenvolvimento e crescimento do próximo, que é o educando, de forma atenciosa, altruísta e

⁶⁰ Cf. Francisco, «Pacto Educativo Global», 10–16.

⁶¹ Cf. Dias, *Educar é Amar: Para o Pacto Educativo Global do Papa Francisco*, 49–50.

⁶² Cunha, «Só o amor gera educação», 42.

⁶³ Cf. Dias, 106–107.

desinteressada⁶⁴. Só por meio da aplicação de metodologias que despertam a empatia, o respeito mútuo e a colaboração interpares, é que se torna possível criar, e viver num ambiente de educação pautado pelo amor, acolhimento e com uma benquerença pedagógica, educando assim, cidadãos exemplares e comprometidos com o bem comum e capacitados para contribuir para a melhoria da sociedade de forma benevolente e eficaz⁶⁵.

Como já vimos, o Amor Trinitário refere-se ao amor mútuo e perfeito entre as três pessoas da Santíssima Trindade: Pai, Filho e o Espírito Santo. Este amor é inefável e transcende a compreensão humana. Ele representa a mais pura expressão de unidade e comunhão dentro da Trindade, revelando assim a essência do relacionamento perfeito entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo, tornando-se este amor modelo de todo o amor verdadeiro e sacrificial que o ser humano pode conhecer e experimentar (DCE 11). A compreensão deste amor é essencial na formação cristã e para a compreensão da natureza de Deus. Quando se contempla o Amor Trinitário, é-se levado a perceber a grandiosidade do amor que Deus tem pela humanidade. Não é um Deus distante e indiferente, mas um Deus pessoal e amoroso, que se revela e se comunica ao ser humano (DCE 17). Este Amor Trinitário, que deve ser vivido pelo ser humano, não é apenas um sentimento ou uma emoção passageira, mas sim uma decisão consciente e um compromisso constante. É um amor que vai para lá das feições ou das circunstâncias, que supera as diferenças e as dificuldades e que prevalece, mesmo nas adversidades. É um amor que se mantém firme mesmo diante dos desafios, pois encontra o seu fundamento na própria natureza de Deus (DCE 11).

Este Amor Trinitário é revelado e mandatado por Jesus, fala-se, portanto, do amor ao próximo, que promove o bem-estar do próximo, e que estabelece relações de solidariedade, de compaixão e de cuidado mútuo, transpondo os muros do individualismo, transmitindo que todos os seres humanos são dotados de dignidade e respeito, independentemente das suas diferenças e do seu cariz (cf. Jo 13, 15). O mandamento do amor ao próximo impulsiona a olhar além das aparências, a ver a humanidade em todos os seres humanos e a agir em favor do outro, mesmo quando isso exige sacrifícios pessoais (cf. FT 81. 83). Ao criar e educar uma sociedade alicerçada neste princípio, contribui-se para a construção de um mundo mais inclusivo, empático e justo. (cf. FT 187) É tão importante este mandamento que, no meu entender, é a base da Declaração Universal dos Direitos Humanos⁶⁶.

⁶⁴ Cf. Cunha, «Só o amor gera educação», 105–106.

⁶⁵ Cf. Francisco, «Pacto Educativo Global», 24.

⁶⁶ Cf. Organização das Nações Unidas, «Declaração Universal dos Direitos Humanos, 1948», Nova Iorque (2017), (Preâmbulo), acedido a 3 de setembro de 2024. <https://unric.org/pt/declaracao-universal-dos-direitos-humanos/>.

A interseção do Amor Trinitário e do amor ao próximo na educação destaca a importância de integrar esses dois princípios no processo educativo, de forma a promover uma educação integral do aluno. Esta perspectiva da formação, baseada no Amor Trinitário e no amor ao próximo, visa a criação de cidadãos transformadores da sociedade que integram, tornando-a mais justa, solidária, empática, ética e mais fraterna. Inspirando os alunos a serem a melhor versão de si mesmos, tornando-os capazes de transformar as suas próprias histórias individuais e construir um futuro mais promissor⁶⁷.

A formação integral do aluno enfatiza a necessidade de desenvolver não apenas as aptidões intelectuais, mas também as emocionais, sociais e espirituais. O objetivo fundamental é formar cidadãos que sejam capazes de compreender e valorizar o ser humano, promovendo a capacidade de se conhecerem a si próprios, compreenderem o outro, de forma a entender e respeitar as vivências, os sentimentos e as perspectivas do outro, e assim construírem entre si relações saudáveis de fraternidade, empatia e compaixão.⁶⁸ O desenvolvimento destes vínculos na educação estimula os alunos, não só a colocar-se no lugar do outro, mas também a compreender as suas necessidades e os seus sofrimentos, e, acima de tudo, impele o estudante a agir de forma altruísta e humana. Afinal, a educação, enquanto caminho, deve conduzir à formação de cidadãos sensíveis e conscientes das questões humanitárias, comprometidos na construção de relações mais justas, equitativas, harmoniosas e colaborativas na sociedade contemporânea, tão carente de bondade e empatia⁶⁹. A construção da educação integral a partir destes valores, no meu ponto de vista, leva a um desenvolvimento intelectual, físico, social e emocional mais eficaz, ou seja, a uma educação integral, útil e concreta na vida de cada educando.⁷⁰

Neste sentido, é importante que as escolas e os educadores optem por práticas e atividades que propiciem a fraternidade, empatia e compaixão nos alunos, como por exemplo: projetos em que se possam envolver nas questões de cariz social; atividades que promovam a escuta ativa e o diálogo respeitoso; aulas que abordem a diversidade e a inclusão; e ações de combate à discriminação, qualquer que seja a sua natureza. Ao ensinar e incentivar estas dimensões, a escola contribui para o desenvolvimento individual do aluno, mas também para a transformação da sociedade como um todo. Por estas razões, é necessária uma educação que vá além do mero ensino de transmissão de conteúdos programáticos, que promova valores e

⁶⁷ Cf. Cunha, «Só o amor gera educação», 25.

⁶⁸ Cf. Francisco, «Pacto Educativo Global», 28.

⁶⁹ Cf. Francisco, 27–28.

⁷⁰ Cf. Dias, *Educar é Amar, Para o Pacto Educativo Global do Papa Francisco*, 44.

habilidades que formem cidadãos comprometidos com a construção de um mundo mais justo, humano e solidário⁷¹.

Por tudo isto que desenvolvi até aqui, considero que um exemplo concreto de projeto, para implementação do princípio da fraternidade, nos alunos e consequentemente no ambiente escolar, são programas de mentoria entre alunos de diferentes idades, promovendo a troca de experiências e o apoio mútuo. Nesta atmosfera de mentoria os alunos são desafiados a acompanharem-se, a corresponsabilizar-se pelo bem comum, desenvolvendo as capacidades e estabelecendo relações de interajuda, respeito, tolerância, criando e mantendo relações saudáveis entre si e com a demais comunidade educativa. O desenvolvimento destas capacidades desde tenra idade leva a que esta forma de viver se torne intrínseca à sua personalidade e assim seja uma forma de transpor tudo o que é vivido e aprendido em tempo escolar para a vida fora do ambiente escolar e no seu futuro. Além deste exemplo, a implementação de projetos interdisciplinares que abordem questões sociais e culturais, incentivando a compreensão e a valorização da diversidade, é uma forma eficaz de colocar em prática os princípios do amor ao próximo na educação, tornando-se este exemplo dos próprios educadores entre si, viverem uma relação de interajuda, respeito, tolerância. Tornando-se assim exemplos vivos e eficazes do Amor Trino aplicado no seu próximo, e aos olhos dos seus alunos verdadeiros mestres da própria vida.⁷² Desta forma, estes projetos, com base no Amor Trinitário e no amor próximo, ou secularmente falando baseados no princípio da fraternidade, promovem não só o crescimento académico, mas também a educação integral do aluno, preparando-o para uma vida em sociedade, mais inclusiva, mais empática e mais solidária. O amor ao próximo, quando colocado em prática na educação, transforma não só a vida dos educandos, mas também a do educador, fortalecendo os laços entre eles e proporcionando um ambiente de aprendizagem rico em trocas e descobertas⁷³.

Isto mais não é, que dois exemplos práticos de colocar o «Pacto Educativo Global do Papa Francisco» em ação. Um projeto de mentoria entre alunos e ou projetos interdisciplinares promovidos por docentes com o empenho dos alunos, conseguem abranger os sete compromissos com o Pacto Educativo Global, que passo a enumerar: Colocar a pessoa no centro; Ouvir as gerações mais novas; Promover a mulher; Responsabilizar a família; Abertura ao acolhimento; Renovar a economia e a política; Cuidar da casa comum.⁷⁴ Estes sete

⁷¹ Cf. Francisco, «Pacto Educativo Global», 33–34.

⁷² Cf. Cunha, «Só o amor gera educação», 22,36-37.

⁷³ Cf. Cunha, 37.

⁷⁴ Dias, *Educar é Amar, Para o Pacto Educativo Global do Papa Francisco*, 9.

compromissos, no meu entender, estão interligados entre si e são possíveis de integrar no nosso ensino. Passo a explicar. Ao colocarmos a pessoa no centro, pressupõe-se que é escutada e tida sempre em conta enquanto ser humano único e repetível independentemente do seu sexo e a sua origem familiar é tida em conta e envolvida no processo educativo, criando lugar, de todos e para todos, de acolhimento. E assim com estes princípios em prática pode-se a todos formar para uma economia mais justa e para uma política que procure o bem comum tendo como resultado uma casa comum mais cuidada e mais verdadeiramente de todos.

No entanto, implementar estes princípios na educação, apresenta desafios significativos, pois muitas vezes o currículo e as práticas educacionais estão centrados em valores de competição desmedida, em que só o mais forte vence, bem como na educação tradicional da mera transmissão de conhecimentos académicos, menosprezando muitas vezes os primeiros 5 compromissos, enumerados, do Pacto Educativo Global. Contudo, já se vai percebendo que esta forma de educação pode não ser eficaz a longo prazo. Ao contrário da educação integral, que pode trazer uma verdadeira mudança a longo prazo e de forma eficaz na própria sociedade. A implementação destes projetos só será de fato eficaz com o envolvimento em primeiro lugar dos alunos, dos professores, das famílias, dos vários elementos que constituem a comunidade escolar e da comunidade local. Todos, sem exceção, são chamados a unirem-se nesta missão de criar um ambiente de verdadeira educação⁷⁵.

As resistências e críticas em relação à implementação destes princípios na educação podem advir de diferentes fontes, incluindo preocupações com a laicidade no ensino, a pluralidade das crenças dos estudantes e das suas famílias. Superar estas resistências requer um diálogo aberto e constante entre todas as partes envolvidas. É importante respeitar a diversidade de pensamentos e de experiências, reconhecendo a importância de abordar as diferentes perspetivas presentes no ambiente educativo. É, por isso, fundamental apresentar evidências concretas do impacto positivo destes princípios, e como eles podem contribuir significativamente para o desenvolvimento integral dos alunos. Desta forma, é necessário estimular a participação ativa de professores, alunos, famílias e comunidade em geral, num debate construtivo, possibilitando a implementação do princípio da fraternidade em ambiente educativo, para que este seja um espaço de promoção de valores e formação éticos. Entendo que a fraternidade pode ser o elo entre princípios cristãos e a sociedade laica em que vivemos, e assim poder colocar em prática o Amor de Deus a toda a humanidade, crente e não crente.

⁷⁵ Cf. Francisco, «Pacto Educativo Global», 27–28.

Creio que, chegada aqui, é notório que todo este processo de implementação da fraternidade em ambiente educacional, como já referi, surge como um dever de todos os que procuram uma verdadeira educação integral, independentemente das disciplinas que lecionam e das suas convicções religiosas. Ainda assim, parece-me que esta é a verdadeira missão do professor de EMRC: que a sua disciplina seja a incubadora do Pacto Educativo Global, que promove a fraternidade. Este Pacto é um desafio lançado pelo Papa Francisco, tendo em conta todos os desastres que assolam o mundo, sejam eles naturais ou humanitárias, referindo que o cuidado da «casa comum» é missão de todos. Portanto, é através da educação integral que se pode tomar consciência da importância do eu como contributo na construção e cuidado do próximo e consequentemente da Criação⁷⁶. Como já foi aludido, tendo em conta a laicidade do Estado, a implementação direta deste pacto em escolas públicas pode ter algumas barreiras, no entanto, através da disciplina de EMRC e acima de tudo do seu docente, parece-me ser a forma desta implementação, numa perspetiva progressiva, de forma a alargar-se ao restante ambiente escolar, através de resultados obtidos.

Afinal, o professor de EMRC, para além de um docente como os demais, deve ter um perfil crente, que tem várias implicações que vão para além de ser um membro ativo na sua comunidade paroquial. Uma delas é o facto do docente de EMRC ser chamado a ser missionário dentro e fora da sala de aula, dentro e fora do ambiente escolar. É chamado a ser «sal da terra» (Mt 5, 13), a estar e ser próximo de todos, sendo sinal alegre de Jesus e promovendo, assim, uma «pedagogia do encontro»⁷⁷. Como missionário, o professor de EMRC tem de ver a sua atividade não como uma mera profissão em que a finalidade é somente a procura por melhores rendimentos, mas como uma vocação, como um «chamamento de Deus a um compromisso e uma plenitude de vida»⁷⁸. E por essa razão tem de ser vista como uma tarefa em que a generosidade, a doação e o amor são uma prioridade. O amor por aquilo que faz e ensina, mas principalmente, o amor pelos seus alunos, aplicando assim o Amor Trinitário ao seu próximo. Colocar o amor ao próximo no centro da sua missão é diferenciador e o grande desafio para o professor de EMRC, que é um «semeador da fraternidade»⁷⁹.

Por outro lado, o docente tem de estar ao serviço do aluno e da escola. Deve estar «ao serviço da formação integral dos alunos»⁸⁰, criando abertura para a dimensão religiosa, para a

⁷⁶ Cf. Palma, *A Trindade é um Mistério, mas podemos falar disso*, 124–25.

⁷⁷ Fernando Moita, «A Missão do Professor de EMRC no Contexto da Escola Atual», *Pastoral Catequética: Revista de Catequese e Educação*, nº 26 (2013): 71.

⁷⁸ Moita, 67.

⁷⁹ Moita, 67.

⁸⁰ Moita, 68.

procura de um sentido para a vida e «potenciando a sua sede de absoluto, o seu desejo de bem, a sua fome de verdade e a sua necessidade de realização no mundo»⁸¹. Porém, é necessário ter sempre em conta o respeito pela liberdade e dignidade de cada um, sem deixar de estar ao serviço da educação, sendo um elemento conciliador e verdadeiro na mesma.

Chegando ao fim deste capítulo, posso então dizer, que o Amor Trinitário e o amor ao próximo são possíveis e necessário integrar na educação de um estado laico, tendo por base o princípio da fraternidade, em vista da educação integral dos alunos. É para o desenvolvimento desta educação integral, que o Papa Francisco lança o desafio do Pacto Educativo Global, passível de ser integrado na educação, por todos, independentemente da sua convicção religiosa, pois a fraternidade é um princípio vivido por crentes e não crentes. Mas é de responsabilidade maior, no meu entender, do Professor de EMRC, que deve viver o ato de educar como uma verdadeira missão de vida, usando a sua disciplina como verdadeira incubadora da tão sonhada e desejada educação integral, transformadora efetiva de uma sociedade de «paz, justiça, bondade, beleza, acolhimento do outro e fraternidade»⁸².

Posto isto, no segundo capítulo deste trabalho irei expor como na Prática de Ensino Supervisionada (PES), eu enquanto docente coloco este Amor trinitário em prática no decorrer da PES, tendo em conta que o próprio conteúdo da UL é «Deus, Mistério de Amor». Tornando-se a PES um desafio duplamente maior, pois trata-se de falar do grande princípio que é o Amor infinito de Deus e colocá-lo instantaneamente em prática.

⁸¹ Moita, «A Missão do Professor de EMRC no Contexto da Escola Atual», 67.

⁸² Francisco, «Pacto Educativo Global», 24.

CAPÍTULO 2: PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

Neste segundo capítulo irei expor todo o processo que envolveu a PES. Como para educar é necessário colocar a pessoa no centro, a pessoa deve ser entendida no seu todo, por isso começarei por fazer uma caracterização do meio de Abrantes, da Escola Dr. Manuel Fernandes e por fim da turma do 9º C.

No segundo subcapítulo apresentarei uma reflexão teológica acerca da UL «Deus, Mistério de Amor», para ter um entendimento mais claro do que me é proposto expor aos alunos, que de algum modo, já tenho alguma perceção das suas características e como lhes posso «chegar» com o que é pretendido adquirirem academicamente na disciplina de EMRC.

O terceiro subcapítulo apresentará a lecionação concretamente nesta turma, com estes alunos. Ou seja, como eu enquanto docente, depois de entender o contexto dos discentes, lhes transmiti as Aprendizagens Essenciais, previstas para esta UL.

Por fim, o último subcapítulo, desta segunda parte do trabalho, será exposta uma reflexão de como eu vi toda a PES, o que tenho a melhorar e o que devo manter. Este exercício de autorreflexão é importante para poder sempre evoluir enquanto docente da disciplina de EMRC, como ser humano e como cristã.

2.1. Caraterização do Meio, da Escola e da Turma

De onde somos e crescemos, onde estamos, onde vamos e com quem estou, sem dúvida, que influencia quem eu sou! É por esta razão que, querendo promover uma educação com a pessoa no centro, e sendo a pessoa do discente, o alvo da educação com Amor, eu enquanto docente devo descobrir o seu contexto geográfico, demográfico, social, comunitário, cultural, religioso, escolar e de ser pessoa. Assim, neste primeiro subcapítulo, irei deter-me acerca da caracterização do meio, da escola e da turma: a turma do 9ºC, da Escola Dr. Manuel Fernandes, em Abrantes.

2.1.1. Caracterização do Meio de Abrantes

Com uma história antiga e uma comunidade diversificada, a cidade de Abrantes é um local único e especial, onde tenho o privilégio de desenvolver este meu projeto de PES. Aqui irei apresentar uma visão breve sobre as características geográficas, demográficas, culturais, económicas e comunitárias de Abrantes, destacando a sua importância e singularidade.

Localizada na região Centro (Médio Tejo) de Portugal na margem direita do rio Tejo, Abrantes é um município que pertence ao distrito de Santarém. Rodeada a norte pelos municípios de Vila de Rei, Sardoal e Mação, a sul por Ponde de Sor, a leste pelo Gavião e a oeste pela Chamusca, Constância, Vila Nova da Barquinha e o município de Tomar. O concelho de Abrantes estende-se por uma área de 713,46km² e conta com 39 325 habitantes⁸³ no total de 13 freguesias.

O concelho de Abrantes possui uma herança cultural, que vai sendo espelhada nos seus eventos, tradições e costumes, como por exemplo «As Festas da Cidade», onde cultura, tradições, artesanato e gastronomia se unem, para dar, aos que as visitam, a riqueza do concelho. Ainda, as feiras anuais de São Matias, em fevereiro, e a de Artesanato, em maio, são exemplo das tradições mantidas pelos abrantinos. A flor, e o seu cultivo são o destaque nestas festas, pois são elas que atribuem a Abrantes o título de «Cidade Florida».

A comunidade de Abrantes é composta por uma população diversificada, que abrange diferentes origens étnicas e nacionalidades, principalmente nos últimos anos, em que se tem registado um aumento significativo de imigrantes, que encontram no território abrantino habitação e qualidade de vida. A vitalidade da comunidade é mantida através de instituições culturais, como os museus especificamente o museu de Arte Contemporânea Charters de Almeida, o museu Ibérico de Arqueologia e Arte, o museu Metalúrgica Duarte Ferreira, o Panteão dos Almeida e o QuARTel Galeria Municipal de Arte, o jardim de esculturas de ferro ao ar livre, a biblioteca municipal António Botto, entre outras estruturas culturais. Como artesanato, Abrantes incentiva a prática das atividades de cestaria, olaria e espartaria, no entanto não tem grande expressão económica, apenas cultural e tradicional.

A economia de Abrantes, foca-se em parte no setor terciário, mais propriamente ligada ao turismo. No setor secundário destacam-se as indústrias alimentares, da madeira e da cortiça e o fabrico de peças metálicas, de máquinas, de equipamentos, de material de transporte e de construções. Sendo que parte dos trabalhadores da indústria são os imigrantes que se encontram

⁸³ «Câmara Municipal de Abrantes», acedido 10 de setembro de 2024, <http://cm-abrantes.pt/index.php/component/content/article/112-municipio/territorio/260-caracterizacao-do-concelho>.

constantemente a chegar ao conselho. A população agrícola é pouco significativa, sendo de realçar a produção de olivais e a produção de mel. A maior parte das explorações agrícolas não excedem os cinco hectares e denota-se um forte vínculo da população agrícola às suas terras. Predominam, então, as hortas familiares, em que os agricultores trabalham em tempo parcial, complementando esta atividade com outras ligadas à indústria ou ao comércio, uma vez que a agricultura, por si só, não lhes garante a subsistência.

A comunidade de Abrantes é servida por uma Unidade de Saúde Local à qual estão ligados um Hospital (Dr. Manoel Constâncio) e vários Centros de Saúde. Ainda no contexto da saúde e do cuidado Abrantes tem Santa Casa da Misericórdia com valências em lares de idosos, centros de dia, apoio domiciliário, centro médico, creches e jardins de infância. Esta localidade conta ainda com o apoio da Igreja (Diocese Portalegre-Castelo Branco, Paróquias São Vicente e São João), através do Centro Interparoquial de Abrantes com as valências de creche e infantário, apoio domiciliário, apoio a toxicodependentes através do Projeto Homem, e ainda um centro de acolhimento temporário para crianças. O município dispõe também de algumas associações socio-caritativas, desportivas e culturais, provenientes de várias gèneses, com missões diferentes, no entanto, em conjunto contribuem para a melhoria da qualidade de vida dos abrantinos.

A educação é um foco importante para todas as comunidades, e Abrantes neste contexto dispõe de dois Agrupamentos de Escolas, o n.º 1 e o n.º 2, com ensino desde infantário até ao secundário, distribuído por vários edifícios pelo concelho. Existe igualmente a Escola Profissional de Desenvolvimento Rural de Abrantes, a Escola Superior de Tecnologia de Abrantes e a Universidade Aberta de Abrantes, por fim, conta ainda com o Centro de Recuperação e Integração de Abrantes.

A comunidade de Abrantes apresenta-se assim como única, contribuindo para que aqueles com quem estou a desenvolver este projeto de Prática de Ensino Supervisionada sejam também únicos e irrepetíveis na sua forma de ser, de se relacionar e de aprender!

2.1.2. Caraterização da Escola Dr Manuel Fernandes

A Prática de Ensino Supervisionada decorre na escola Dr. Manuel Fernandes do agrupamento de escolas n.º 2 de Abrantes, sendo esta escola a sede do agrupamento. Encontra-se localizada na freguesia e conselho de Abrantes no distrito de Santarém.

O agrupamento de escolas n.º 2 foi constituído em 2007/2008, sendo o resultado da junção da escola secundária com 2º e 3º CEB Dr. Manuel Fernandes com o agrupamento de escolas de Abrantes Oeste.

Resultante do reordenamento da rede escolar, no ano letivo 2011/2012, integraram o agrupamento mais dois estabelecimentos de ensino: EB1 nº4 de Abrantes e o jardim de infância de Chainça.

Na área de influência do agrupamento distinguem-se duas zonas de implantação das escolas que o constituem:

- Zona urbana, onde se situam a escola sede, escola secundária C/ 2º e 3º CEB Dr. Manuel Fernandes, a Escola EB1/JI António Torrado; a escola EB1 nº4 de Abrantes e o JI de Chainça.

- Zona rural, onde se localizam as restantes escolas do 1º CEB e jardins de infância: EB1/JI de Martinchel, EB1 de Rio de Moinhos e jardim de infância de Rio de Moinhos, escola C. S. Octávio Duarte Ferreira do Tramagal.⁸⁴

Para além dos espaços usuais, tais como salas de aula, a escola Dr. Manuel Fernandes dispõe, dos seguintes espaços/equipamentos mais específicos como a biblioteca escolar, dois laboratórios de física, três laboratórios de química; quatro laboratórios de biologia e geologia, salas específicas de cada área disciplinar, três salas de TIC, uma unidade de apoio especializado para a educação de alunos com multideficiência, uma unidade de ensino estruturado para alunos com perturbações do espectro do autismo, um ginásio coberto, cinco campos para a prática de várias modalidades desportivas e uma sala de alunos/ludoteca.

Em 2023/2024, o agrupamento de escolas tinha 1917 alunos, número este que tem vindo a aumentar nos últimos anos com alunos vindos do estrangeiro, nomeadamente de Angola, Índia e Brasil, sendo que cerca de 10% da população escolar é constituída por alunos estrangeiros.

Relativamente ao projeto educativo do Agrupamento de Escolas n.º 2, pode ler-se:

É nosso objetivo construir uma escola reconhecida pelas suas competências na formação integral dos alunos, na qual é particularmente relevante o seu

⁸⁴ «Escola Secundaria Manuel Fernandes, N° 2 Abrantes», 5, acedido 10 de setembro de 2024, https://www.esmf.pt/menu_horizontal_2016/docs_fundamentais_2023-24/ProjetoEducativo_Aprovado_8nov2023.pdf.

sucesso académico, base para as suas conquistas a nível profissional. Contudo, isto só será possível se houver um permanente investimento na promoção do conhecimento e da sabedoria, na valorização e desenvolvimento dos alunos, no estabelecimento de relações de confiança e de espírito de equipa, na integração entre a escola, a família, os alunos e a comunidade envolvente. Tudo isto contribuirá para uma escola de princípios, reconhecida pelo seu humanismo e pelos seus padrões de exigência e responsabilidade, onde as atitudes e valores se baseiam na ética e no respeito pelo ser humano, pela sociedade e pela natureza⁸⁵

É um projeto criado com princípios orientadores, tendo como horizonte o Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória⁸⁶, que regem a ação educativa do agrupamento. Os princípios possuem uma base humanista, o saber e a aprendizagem, a inclusão, a coerência e flexibilidade, a adaptabilidade e ousadia, a sustentabilidade e a estabilidade. A destacar o relevo que a disciplina de EMRC tem neste agrupamento, a disciplina está presente em todos os anos de escolaridade e o agrupamento conta com três docentes da disciplina, que promovem diversas atividades de solidariedade social e atividades pedagógicas. Importante ainda referir que o agrupamento de escolas se organiza no modelo semestral.

2.1.3. Descrição da Turma 9ºC

A turma C do 9º ano foi o grupo com o qual realizei a Prática de Ensino Supervisionada. É constituída por vinte e quatro alunos: treze raparigas e onze rapazes. Sendo que destes vinte e quatro alunos, treze têm EMRC: seis raparigas e sete rapazes. Destes, apenas dois frequentaram EMRC, no seu percurso escolar, no 1º ciclo. Nestes treze alunos, seis apresentam algumas debilidades económicas, três deles com dificuldades na aprendizagem, dois manifestam constrangimentos familiares, apenas um é repetente e só um aluno não tem nacionalidade portuguesa. Todas as aulas teóricas acontecem na mesma sala 3 do 4º andar do edifício do 2º e 3º ciclo. Na sala de aula cada aluno tem o seu lugar em mesas com capacidade para duas pessoas.

Apresentou-se uma turma com muitos problemas de comportamento, no entanto, isso não se aplicou na disciplina de EMRC, ainda que tenham sido muito conversadores e, por vezes, barulhentos. Demonstrou-se um grupo em que todos queriam falar e participar ao mesmo tempo, tendo a docente dificuldade em ordenar a partilha e participação. Foram alunos interessados na

⁸⁵ «Escola Secundaria Manuel Fernandes, N° 2 Abrantes», 18.

⁸⁶ Guilherme d'Oliveira Martins et al., «Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória», 30, acedido a 18 de setembro de 2024, https://dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto_Autonomia_e_Flexibilidade/perfil_dos_alunos.pdf.

maior parte dos temas apresentados, por essa razão, a dificuldade em esperarem pela sua vez para participar. Participando, cada um na sua vez, são pouco sintéticos, o que trouxe também a dificuldade em cumprir os planos da aula. Pessoalmente, deixei que partilhassem e expusessem as suas dúvidas, mesmo que estas não fossem inteiramente ligadas à aula, pois essas dúvidas esclarecidas e faladas ajudam-nos a conhecê-los melhor e na maior parte das vezes facilitaram, também, a assimilar os conteúdos da disciplina de EMRC. Muitas das dúvidas surgem, claramente, por falta de bases, ou seja, eu identifico esta lacuna pelo facto de a esmagadora maioria ter EMRC pela primeira vez no 9º ano.

A turma funcionou muito bem no modelo de aula expositivo e consequentemente de debate, devido a esta característica interventiva. Nem sempre a organização de debate foi fácil, mas com o avançar das aulas foram-se tornando mais ordeiros.

Na generalidade a maioria participou nas aulas, mas mais intensamente, pode-se referir um total de seis alunos que o fizeram mais intensamente. Esta participação nada teve a ver com o comportamento ou posicionamento em sala de aula, pois em EMRC cada um escolhe o lugar onde pretende ficar, para que se sentissem mais livres e corresponsáveis pela sua postura em sala de aula. Esta escolha, não alterou em nada a postura de cada aluno de aula para aula.

Na realização dos trabalhos propostos, num primeiro instante, mostravam-se um pouco indolentes, no entanto rapidamente se entusiasmavam e realizavam sempre o que lhes foi pedido. Mostraram-se um pouco desorganizados com os documentos que recebiam nas aulas, e nenhum trouxe o manual, apesar da insistência da docente.

A nível religioso, apenas três alunos se identificaram como «católicos praticantes», um aluno apresentou-se como evangélico, dois alunos referiram-se como «não crentes», os restantes sete alunos referiram que em tempos frequentaram catequese, acolitaram, no entanto, atualmente já não o fazem e que de vez em quando vão à missa, mas só quando «apetece» ou «alguma festa que é necessário ir».

Assim, posso dizer que, foi uma turma desafiante e estimulante, pois enquanto docente senti-me sempre mais motivada em fazer-me chegar a todas as aulas com novidades, tanto de dinâmicas, materiais e temas. Esta postura foi muito apreciada pelos alunos.

2.2. Unidade Letiva 2 - «Deus, Mistério de Amor»: Caracterização Teológica e Programática

A UL que escolhi desenvolver na minha PES foi a UL2 do 9.º ano que tem como título «Deus, Mistério de Amor», que se mostrou desafiador, senti que todas as palavras foram poucas para conseguir expressar quem é Deus. Pois, como discorri na primeira parte deste trabalho, falar de Deus, é sem dúvida, um mistério, do qual podemos falar, discutir, pensar, mas sem o conseguir concluir. Por isso, é um desafio para entendimento humano, e concretamente para mim. Santo Anselmo disse: «tu és – alguma coisa, maior do que o qual nada se pode pensar»⁸⁷. É com esta intuição que chega à conclusão de que não consegue definir ou provar cientificamente a existência de Deus, apenas que Ele existe. Isto não quer dizer que não se possa falar, discutir e pensar acerca de Deus. Muito pelo contrário, como não se pode reduzir Deus ao pensamento humano, então de Deus pode-se sempre falar mais, discutir mais e pensar mais. Então quem é Deus? São João diz que é amor (cf. 1Jo 4, 8). Pessoalmente acredito, que esta é a «definição» mais entendível para o ser humano, poder responder ao mistério que é Deus, pois é por esta definição que o homem se assemelhará a Deus (cf. 1Jo 4, 7-8), por também ser capaz de amar, mesmo que seja através de um amor menos perfeito.

Entendo que a UL2 se desenvolve a partir da questão da existência de Deus, «Deus existe?», se a resposta da pessoa a esta questão é afirmativa, então entramos no plano da fé. Fé esta, que é fruto de uma relação de Amor, em primeiro por parte de Deus, pela criação do que existe, concretamente pelo homem e depois da parte do homem para com Deus que recolhesse como seu criador e na sua relação com a demais criação (cf. Jo 3, 16-18).

O primeiro conteúdo intitula-se «o acreditar e o confiar humanos»⁸⁸, que são fundamentais para despoletar as questões de fundamento da própria humanidade, «de onde venho?», «de onde vem tudo o que me rodeia?» (cf. GS 18).

No seguimento deste ponto, surge o seguinte que é «a problemática da existência de Deus: crença e razão» que se apresentam como complementares como diz o Papa João Paulo II na encíclica *Fides et Ratio* «constituem como que as duas asas pelas quais o espírito humano

⁸⁷ Anselmo, *Proslógion de Santo Anselmo*, 3ª Edição (Lisboa: Lisboa Editora, 1997), cap. II.

⁸⁸ Secretariado Nacional da Educação Cristã, ed., *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, (Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2014), 99.

se eleva para a contemplação da verdade» (saudação da carta encíclica), e não como opostas. Sabendo à partida que não se chega a um conhecimento total de Deus, mas que por esta via pode-se aproximar mais (cf. DS 3875).

No terceiro ponto abordam-se «as várias formas da recusa de Deus: ateísmo, agnosticismo e relativismo», pois se o homem é capaz de acreditar em Deus, também é capaz de O negar ou viver como se Ele não existisse, assim é importante que os alunos de EMRC sejam capazes de identificar as teorias que negam Deus, tornando-se capazes de reflexão crítica, acerca das questões da existência de Deus. (cf. GS 20-21) Colmatado este ponto, aborda-se o «acreditar em Deus: acolher confiar no sentido último da vida»⁸⁹, percebendo que o ato de acreditar não é irracional, mas uma opção por Deus e por aquilo que ele representa, o sentido último de todas as coisas.

No último ponto do primeiro objetivo trata-se de abordar «os vários elementos constitutivos do fenómeno religioso»⁹⁰, tornando-se como uma conclusão do caminho percorrido até aqui. Assim percebe-se a aspiração ao transcendente é algo intrínseco ao homem desde que ele se conhece como tal, diz-nos Santo Agostinho que «o nosso coração vive inquieto, enquanto não repousa em Vós»⁹¹.

O segundo objetivo «identificar as representações de Deus no judaísmo e em Jesus de Nazaré»⁹², é explorado a partir de dois conteúdos. O primeiro «a fé em Deus e as representações de Deus: representações de Deus no Antigo Testamento: o judaísmo; o Deus de Jesus Cristo: o cristianismo»⁹³, tendo em conta o último conteúdo do objetivo anterior, o fenómeno religioso, aparece como um salto grande e conduzido de forma objetiva para o judaísmo e deste para o cristianismo. No entanto também pode ficar ao critério do docente, e com base nas curiosidades específicas suscitadas pelas turmas, aqui contextualizar de forma breve o geral das religiões do mundo, pois já foi uma UL lecionada no 7º ano de escolaridade. É de suma importância referir, aos alunos, a novidade que traz o Deus do Antigo Testamento. Pois as civilizações vizinhas ao povo escolhido, eram politeístas, assim era o próprio Abraão. É com Abraão, e muitos outros na história do Antigo Testamento, que, o Deus único, se revela e se faz próximo, prometendo velar pelo seu povo e em troca, pede o Amor do povo a Si, seu Deus único (cf. Ex 20, 4). Neste ponto é importante realçar que Deus toma a iniciativa de vir ao encontro do povo que escolheu,

⁸⁹ Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 99.

⁹⁰ Secretariado Nacional da Educação Cristã, 99.

⁹¹ Agostinho, *Confissões*, liv. I, 1.

⁹² Secretariado Nacional da Educação Cristã, 98.

⁹³ Secretariado Nacional da Educação Cristã, 99.

não para ser só o seu Deus particular, mas que o sendo desse povo em particular, este fosse reflexo de Deus, de tal modo que todos os povos também O conseguissem entender como tal. Não foi assim. E isso é claro na narrativa do Antigo Testamento, repleta de tantos erros da parte do povo, mas maior foi a misericórdia de Deus para com o povo. É neste contexto de falhas do povo, que o levava consecutivamente a sofrer nas mãos de outros povos seus conquistadores, que Deus se faz valer de todo o seu Amor incondicional e sumamente perfeito e envia o Messias, o seu Filho muito amado, para junto dos seus, no entanto o seu próprio povo não o reconheceu como sendo deles (cf. Jo 1, 11). Assim se chega à fé cristã, tendo o Cristo, rejeitado pelos seus, como cabeça, como rosto visível do próprio Deus (cf. Jo 14, 9). É o Amor todo de Deus dado de uma vez e para sempre a todos que foram, que são e que hão de ser (cf. Ap. 1, 8). Para que o mundo Ame a Deus e amando-O, se sinta impelido ao amor ao próximo, para que todos se sintam amados uns pelos e outros e primeiro por Deus (cf. Jo 13, 34-35), e aqui reside o núcleo central de toda a fé cristã. Concluído este objetivo com o último conteúdo que é «de um Deus de um povo até um Deus universal e inequivocamente bom»⁹⁴. Este objetivo dá ao docente a possibilidade de apresentar Deus na sua suprema bondade e grandiosidade tal como é representado nos textos bíblicos, levando assim à construção de um mundo mais solidário, como nos sugere a Aprendizagem Essencial correspondente a este objetivo.

O terceiro objetivo, «destacar a bondade e a grandeza de Deus»⁹⁵, é um pouco repetitivo ao já falado anteriormente, organizado em quatro conteúdos, que são: «a imensidão e bondade de Deus: Sir 43, 27-33», (a fé como confiança e entrega: Sl 23(22), «o Senhor é meu pastor», «a coerência entre a fé e as obras: Jr 7, 4-11 e Tg 2, 14-17» e «a fé cristã: uma experiência de encontro; um apelo à esperança, contra todos os sinais de desespero; um apelo à construção de um mundo solidário».⁹⁶ Apesar de numa primeira análise este objetivo se assemelhar ao decorrido no anterior, neste pode-se explorar e aprofundar um pouco mais a grandeza e bondade de Deus, pois são inesgotáveis. Esta possibilidade deixa, ao docente espaço para trabalhar com projetos, trabalhos e dinâmicas pedagógicas, levando os alunos a aprofundar mais este tema de Deus. Deixa ainda espaço para abordar o tema do Deus Trino, que no meu entender, não aparece de forma explícita no programa de 9º ano, e é uma questão frequente dos alunos. E se falamos do Amor de Deus para conosco e como esse Amor nos faz refletir para o amor ao próximo, deve-se então falar da Trindade, pois Santo Agostinho diz-nos «se vês o amor, vês a

⁹⁴ Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 99.

⁹⁵ Secretariado Nacional da Educação Cristã, 98.

⁹⁶ Secretariado Nacional da Educação Cristã, 99.

Trindade»⁹⁷. Consciente de que é impossível entender e explicar a Trindade na sua totalidade, como escreve Alexandre Palma: «Pois da Trindade podemos dizer algo, mas não podemos dizer tudo»⁹⁸. Parece-me importante suscitar esta reflexão aos alunos, para que possam abrir o pensamento à imagem da Trindade e, se possível, à fé trinitária⁹⁹. Para que assim se possa entender que, imbuídos do Amor Trinitário, possamos perceber que a fé cristã começa com um encontro pessoal com este Deus Trino, que nos enche de força e alenta de esperança, para se construir um mundo mais solidário, concluindo assim o último ponto já referido deste objetivo.

O quarto e último objetivo «descobrir, em factos sociais e acontecimentos históricos, as transformações provocadas pela vivencia da fé»¹⁰⁰, que tem como conteúdos «cada crente é o rosto e as mãos de Deus a atuar no mundo», «vidas com sentido: S. João de Deus e o acolhimento ao doente mental; S. Vicente de Paulo e a opção pelos pobres; Aristides de Sousa Mendes perante o holocausto; Papa João XXIII, a relação Igreja-mundo e o Concílio Vaticano II» e «instituições de origem religiosa empenhadas no bem comum e na transformação da sociedade»¹⁰¹, é o apogeu desta unidade letiva. Ou seja, depois de se ser capaz de discutir a existência de Deus, de como Ele procura o bem do homem desde sempre, e como se nos apresenta como Deus Trino em uma comunhão de amor, leva à conclusão de passar a ação à concretização de todo este processo «pedagógico», de Deus para com a humanidade. Como crentes somos a ação concreta de Deus no mundo e em quem nos rodeia e este é o ponto a que se pretende que os alunos cheguem com o percurso feito até aqui, quanto mais conheço Deus e a sua vontade para a humanidade, mais consigo assemelhar o meu querer ao querer d'Ele (cf. DCE 17).

Em seguida são apresentadas «vidas» de pessoas que, adequando as suas ações aos valores cristãos («quereres de Deus»), mudaram a vida de quem os rodeou, olhando e amando as pessoas com os olhos e o coração do Deus de Amor. (cf. *Deus é Amor* 18) Do mesmo modo se apresentam algumas instituições de cariz cristão, que no decorrer das suas histórias de existência têm sido as mãos de Deus nas suas realidades¹⁰². Apresentam-se estas pessoas e instituições, não para mera informação académica, mas tendo em conta também a UL1 do 9º ano, para mostrar que ainda estamos longe de um mundo em que o Amor de Deus impere em todos e para todos. Por essa razão, estas pessoas e estas instituições são apresentadas como um

⁹⁷ Agostinho, *De Trinitate*, liv. VII, 8,12.

⁹⁸ Palma, *A Trindade é um Mistério, mas podemos falar disso*, 199.

⁹⁹ Cf. Palma, 198.

¹⁰⁰ Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 98.

¹⁰¹ Secretariado Nacional da Educação Cristã, 99.

¹⁰² Cf. Secretariado Nacional da Educação Cristã, 30.

exemplo para que cada um, individualmente ou em grupo, reflita e coloque em prática o Amor de Deus, que ainda nem todos vivem, nem experimentam.

Após esta breve reflexão teológica mais focada objetivamente na UL2 do 9º ano, irei expor o resultado, da investigação da primeira parte deste trabalho, juntamente com o que foi pesquisado e aprendido acerca do contexto dos alunos quem se destina o estágio e ainda o que acabo de expor uma reflexão mais direcionada para a UL2, sob a forma de planificações de aulas e os relatórios das mesmas depois de lecionadas.

2.3. Lecionação da Unidade Letiva 2: «Deus, Mistério de Amor»

Neste ponto, apresento as planificações usadas na PES e as respectivas apreciações de cada aula lecionada. Os documentos referidos para cada aula encontram-se em anexo a este trabalho.

Tabela 1: Planificação de aula 27/02/2024

UNIDADE LETIVA 2						Deus, o Grande Mistério de Amor		
Descritor(es) do Perfil dos Alunos: A, B, C e D								
Domínio: Religião e experiência religiosa								
Ano: 9º Ano		Lição: 17		Aula: 11		Data: 27/02/2024		
Sumário: Debates: «Deus existe?» e «Fé vs razão?»								
Aprendizagens essenciais		Conteúdos		Estratégias/atividades/experiências de aprendizagem:		Tempo	Recursos materiais	Avaliação
				- Verificar presença dos alunos;		2m		
				- Registo do sumário;		3m	Caderno diário	Verificar
- Identificar a problemática da existência de Deus no diálogo crença vs razão.		- O acreditar e o confiar humanos;		- Colocar a questão «Na tua opinião Deus Existe?», partilha;		15m	- Quadro e canetas;	Se mantêm a atenção; Se participam; Se depreenderam a dinâmica; Se conseguem retirar conclusões do texto.
				- Dinâmica do balão; - Fé vs razão, leitura e interpretação do texto «Deus existe?!».		10m 10m	- Balões; - Fotocópias texto.	
				- Pedir aos alunos para elaborarem a síntese de aula.		10m	Caderno; diário; Post-it de aula.	
Síntese: Questão da existência de Deus; dinâmica do balão; fé vs razão; leitura e interpretação do texto «Deus existe?!».								
Cf. Anexo 1								

Na lição 17, no dia 27/02/2024 comecei a aula por fazer a chamada. A turma encontrava-se muito agitada, o que tem sido transversal em todas as disciplinas. Depois de acalmar a turma perguntando como foram as férias e as notas, dando um pequeno tempo de partilha e de relaxe, tive a oportunidade de começar a aula.

De forma provocativa escrevi no quadro «Deus existe?» e pedi que da forma mais honesta, pudessem responder se sim ou não e justificar a sua resposta. Notei que começavam com a resposta do sim ou não e ao elaborar a fundamentação das suas respostas, uns responderam «não sei», outros até começaram a querer argumentar, mas não conseguiam manter um raciocínio estável e na contra-argumentação acabaram por desistir de argumentar. Muitos disseram que «dá muito trabalho pensar»! Para dar mais entusiasmo à aula provoqueei-os com situações do dia a dia relativamente à existência ou não de Deus, como por exemplo qual a origem de tudo o que existe? O que existe depois da morte? Porque sentimos esperança, ou não, perante as adversidades?... Eles corresponderam positivamente e já foram interagindo mais.

De seguida iniciei a dinâmica «o balão», que consiste em cada um ter um balão vazio e em seguida enchê-lo. Com o balão na mão perguntei o que viam dentro do balão. Chegamos à conclusão que não era possível observar nada apesar de ele se encontrar cheio. Está cheio de ar, mas não se vê esse ar. Depois de se debater o que se pode ou não ver, mas que existe porque sabemos que existe e por isso está cheio, conclui que assim é Deus nas nossas vidas. Não o vimos, mas com a força da fé podemos encher-mo-nos Dele!

Por fim lemos o texto «Deus existe?!» da página 74 do manual de EMRC do 9ºano, como forma de reflexão para casa. Pedi a um aluno para fazer o resumo de aula e dei ordem de saída à turma.

Senti alguma dificuldade no início da aula, pois a turma encontrava-se muito agitada, por isso tentei acalmá-los, para poder iniciar a aula. O tema desta unidade letiva «Deus, Mistério de Amor» leva uma reflexão mais profunda. Senti que a turma no geral sente alguma resistência ao aprofundamento do tema pelo facto de ter de pensar um pouco mais, o que os leva a um desinteresse. Por essa razão fui buscar situações concretas do dia a dia onde se encontra a questão da existência de Deus e a partir daí ajudei-os a motivarem-se. Apesar de ser um tema difícil e desafiante, senti-me à vontade a lecioná-lo.

A professora cooperante avaliou a aula como positiva, apesar do comportamento mais agitado da turma, o qual consegui contornar, empolgando-a para o tema da aula.

Tabela 2: Planificação de aula 05/03/2024

UNIDADE LETIVA 2						Deus, o Grande Mistério de Amor	
Descritor(es) do Perfil dos Alunos: A, B, C e D							
Domínios: Religião e experiência religiosa							
Ano: 9º Ano		Lição: 18		Aula: 12		Data: 05/03/2024	
Sumário: Trabalho de pesquisa e apresentação dos trabalhos à turma com os temas: ateísmo, agnosticismo, relativismo e ser crente.							
Aprendizagens essenciais	Conteúdos	Estratégias/atividades/experiências de aprendizagem:	Tempo	Recursos materiais	Avaliação		
		- Verificar presença dos alunos; - Registo do sumário; - Relembrar o tema da aula anterior.	2m 3m 5m	Caderno diário	Verificar se recordam o que foi abordado na aula anterior;		
- Discutir várias formas de recusa de Deus: ateísmo, agnosticismo e relativismo;	- As várias formas da recusa de Deus: ateísmo, agnosticismo e relativismo;	-Dividir a turma em três grupos e atribuir a cada grupo um tema para pesquisar e trabalhar: ateísmo; agnosticismo; relativismo;	20m	- Fotocopias do esquema de pesquisa e definições;	Se conseguem trabalhar todos em grupo; Se conseguem pesquisar com assertividade;		
	- Acreditar em Deus: acolher e confiar no sentido último da vida.	- Apresentação do resultado da pesquisa à turma; - A professora apresenta as razões para acreditar e confiar em Deus.	10m	- Definição de ser crente.	Capacidade expor a pesquisa feita; Se conseguem reter a informação.		
		- Pedir aos alunos para elaborarem a síntese de aula.	5m	Caderno diário; Post-it de aula.	Interesse em querer fazer síntese de aula.		
Síntese: Várias formas de recusa de Deus: ateísmo, agnosticismo e relativismo. Razões para acreditar em Deus.							
Cf. Anexo 2							

Na lição 18, no dia 05/03/2024 comecei a aula por fazer a chamada. De seguida dividi a turma em três grupos, dois grupos de quatro alunos e um grupo de cinco. Cada grupo ficou com um tema de pesquisa: ateísmo, agnosticismo e relativismo respetivamente. O trabalho de grupo, consistiu na procura da definição de cada corrente de pensamento, como uma pessoa que defende essa corrente, olha a vida e como é defendida essa corrente de pensamento. Por fim, cada grupo apresentou à turma as suas conclusões, às quais fui ajudando a esclarecer algumas dúvidas que foram surgindo.

De seguida eu apresentei as razões para acreditar e confiar em Deus e deixei uma questão para responderem em casa «Em situações limite todos acabam por se socorrer de Deus. Concordas?». Pedi a um aluno para fazer o resumo de aula e dei ordem de saída à turma.

A planificação foi muito longa, o que me levou a pressionar os grupos de pesquisa a serem o mais breves possível. A minha apresentação das razões para acreditar em Deus foi um pouco a «correr» e por esse motivo a questão formulada teve de ir como reflexão para casa. Apesar de ter cumprido toda a planificação, senti que foi muito apressada e teve de ser adaptada para que fosse possível executar o conteúdo da planificação, e ao mesmo tempo dar atenção a cada intervenção dos alunos.

A professora cooperante, referiu a questão de ser muito conteúdo novo para uma só aula. No entanto, foi possível concretizar tudo mesmo que adaptando ao tempo que nos restou após os trabalhos dos grupos.

Tabela 3: Planificação de aula 12/03/2024

UNIDADE LETIVA 2						Deus, o Grande Mistério de Amor					
Descritor(es) do Perfil dos Alunos: A, B, C e D											
Domínios: Religião e experiência religiosa											
Ano: 9º Ano		Lição: 19		Aula: 13		Data: 12/03/2024					
Sumário: O fenómeno religioso.											
Aprendizagens essenciais		Conteúdos		Estratégias/atividades/experiências de aprendizagem:		Tempo		Recursos materiais		Avaliação	
				- Verificar presença dos alunos; - Registo do sumário; - Relembrar o tema da aula anterior.		2m 3m 5m		Caderno diário		Verificar; Se recordam o que foi abordado na aula anterior;	
- Apontar vários elementos constitutivos do fenómeno religioso.		- Os vários elementos constitutivos do fenómeno religioso.		- Apresentação do PPT O fenómeno religioso - Esclarecer as dúvidas que ficaram.		25m 5m		PPT		Se mantêm a atenção; Se participam; Se conseguem reter a mensagem.	
				- Pedir aos alunos para elaborarem a síntese de aula.		10m		Caderno diário; Post-it de aula.		Interesse em querer fazer síntese de aula.	
Síntese: Os vários elementos do fenómeno religioso.											
Cf. Anexo 3											

Na lição 19, no dia 12/03/2024, comecei a aula por fazer a chamada. Introduzi o tema da aula, o «fenómeno religioso». Através de PowerPoint, apresentei os elementos constitutivos do fenómeno religioso, como as primeiras representações pré-históricas de divindades. Referi as religiões das civilizações antigas, como os sumérios, vizinhos do povo, que viria a ser o judeu. Referi ainda o Deus do Antigo Testamento e Jesus neste contexto do fenómeno religioso que nos chega até hoje.

Foi uma aula muito teórica, que dependeu muito da minha exposição, o que fez com que tivesse sido uma aula intensa no plano da informação. Apenas três alunos colocaram questões ao longo da exposição. Apesar de haver um PowerPoint, senti a turma, na sua generalidade, com pouca interatividade. Mantiveram-se silenciosos, mas pouco concentrados.

Perguntei se existiam dúvidas, não apresentaram nenhuma, no entanto, também já estava em cima da hora de saída, assim pedi a uma aluna para fazer um resumo muito breve da aula e dei ordem de saída à turma.

Na planificação de aula, tive dificuldade em a tornar mais dinâmica, tendo em conta o tema, à partida tinha noção que seria uma aula mais monótona. Elaborei o PowerPoint com o intuito de ilustrar a minha exposição e assim facilitar a assimilação. Nem todos os alunos seguiram a aula com atenção, pois em geral eles esperavam aulas mais práticas. Optei por ser uma aula mais teórica, por entender que seja necessária uma parte de teoria, para que na prática seja de fácil entendimento.

A professora cooperante referiu que a turma esteve mais «parada», nesta aula, pela razão de esta ser mais expositiva. No entanto, sublinhou a importância de expor o conteúdo da matéria. Referiu que o PowerPoint estava bem elaborado e que continha o essencial. No geral a aula foi boa, no entanto, faltou um pouco de dinamismo para que toda a turma se quisesse envolver.

Tabela 4: Planificação de aula 02/04/2024

UNIDADE LETIVA 2						Deus, o Grande Mistério de Amor					
Descritor(es) do Perfil dos Alunos: D, F e H											
Domínios: Cultura cristã e visão cristã da vida											
Ano: 9º Ano		Lição: 20		Aula: 14		Data: 02/04/2024					
Sumário: A arte de dizer «Deus» elaboração de trabalhos artísticos.											
Aprendizagens essenciais		Conteúdos		Estratégias/atividades/experiências de aprendizagem:		Tempo		Recursos materiais		Avaliação	
				- Verificar presença dos alunos; - Registo do sumário; - Relembrar o tema da aula anterior.		2m 1m 2m		Caderno diário		Verificar; Se recordam o que foi abordado na aula anterior;	
Compreender que a fé cristã é uma experiência de encontro e da bondade de Deus		Expressar artisticamente a interpretação individual de Deus		- Apresentar materiais disponíveis; -Elaboração individual de cada representação		2m 38m		Telas; Barro; Tintas; Objetos diversos de adorno; Colas.		Se tem interesse na tarefa proposta; Empenho na elaboração da tarefa; Criatividade.	
				- Pedir aos alunos para elaborarem a síntese de aula.		5m		Caderno diário; Post-it de aula.		Interesse em querer fazer síntese de aula.	
Síntese: Interpretação individual de Deus expressa de forma artística.											

Na lição 20, no dia 02/04/2024, comecei a aula por fazer a chamada, em que apenas houve sete presenças. Os alunos chegaram à sala muito entusiasmados, pois já sabiam que esta aula seria prática. Comecei a aula por referir o tema da aula que seria «A arte de dizer Deus». Expus os vários materiais que levei, e expliquei que queria que pensassem como poderiam expressar Deus, pois tinham como desafio de aula representar Deus de forma artística. O início da aula foi mais difícil, até eles conseguirem sintetizar as ideias que tinham e conjugá-las com os materiais que tinham disponíveis, por isso pedi que vissem alguns exemplos do manual, para se inspirarem. O resto da aula fluiu com muita tranquilidade, o facto de estarem menos alunos também contribuiu para esta.

Quando começaram a ver os resultados dos seus trabalhos, ficaram genuinamente felizes, eu também fiquei muito realizada por perceber as capacidades que eles têm e os trabalhos belos que fizeram. Deixaram a sala limpa no fim da aula, e de seguida dei ordem de saída.

Para mim esta aula foi das melhores deste estágio, pois a arte é uma área da qual tenho muita simpatia, mas também por verificar a felicidade nos alunos, por conseguirem concretizar o que tinham idealizado. Sendo que o tema em si, convida ao desenvolvimento de uma aula mais prática. Nesta aula senti-me muito à vontade, circulando pela sala e apreciando cada trabalho. Esta aula foi de tal ordem funcional que terminaram a tempo de limpar a sala, tudo por iniciativa própria.

A professora cooperante referiu que este tipo de aulas é muito funcional para esta turma. O conteúdo que dei no início foi o suficiente para toda a aula. Referiu ainda que nos trabalhos dos alunos, refletiram-se os conteúdos dados na aula anterior. Apesar de ter sido monótona, conseguiram reter informação. Por essa razão a professora cooperante referiu esta aula como sendo excelente.

Tabela 5: Planificação de aula 09/04/2024

UNIDADE LETIVA 2						Deus, o Grande Mistério de Amor					
Descritor(es) do Perfil dos Alunos: A, B e I											
Domínios: Cultura cristã e visão cristã da vida											
Ano: 9º Ano		Lição: 21		Aula: 15		Data: 09/04/2024					
Sumário: Da tradição judaica à fé cristã.											
Aprendizagens essenciais		Conteúdos		Estratégias/atividades/ experiências de aprendizagem:		Tempo		Recursos materiais		Avaliação	
				- Verificar presença dos alunos; - Registo do sumário; - Relembrar o tema da aula anterior.		2m 3m 5m		Caderno diário		Verificar; Se recordam o que foi abordado na aula anterior;	
Reconhecer, na mensagem bíblica, a bondade e a grandeza de Deus como um apelo à construção de um mundo solidário.		Apresentar a história da tradição judaica e de como esta fez caminho em direção à fé cristã a fé do Amor incondicional a Deus e ao próximo.		- Apresentação do PPT Da tradição judaica a fé cristã; - Esclarecer as dúvidas que ficaram.		25m 5m				Se mantêm a atenção; Se participam; Se conseguem reter a mensagem.	
				- Pedir aos alunos para elaborarem a síntese de aula.		10m		Caderno diário; Post-it de aula.		Interesse em querer fazer síntese de aula.	
Síntese: Da tradição judaica à fé cristã, um caminho de amor a Deus concretizado no amor ao próximo.											
Cf. Anexo 4											

Na lição 21, no dia 09/04/2024, comecei a aula por fazer a chamada. Deparei-me com a turma muito silenciosa, neste dia já se encontrava a turma toda, muito calma e pareceram-me chateados. A professora cooperante já me tinha referido que haviam sido repreendidos pelo comportamento menos adequado, na visita de estudo, por esta razão, e também pelo conteúdo da aula. O silêncio foi imperativo.

Primeiro perguntei se queriam fazer alguma partilha sobre algum assunto que os preocupasse, como esta não existiu, segui a planificação de aula. Comecei por referir que esta aula seria novamente teórica e que por isso pedia a compreensão da turma, pois existe matéria que tem mesmo de ser desenvolvida assim. Comecei por contextualizar, através de PowerPoint, no tempo, no espaço e na história o início do judaísmo fazendo referências bíblicas. Referindo sempre a misericórdia de Deus, mesmo perante as falhas do povo, destacando a libertação do Egito, a passagem pelo deserto e o exílio e regresso da Babilónia. Contextualizei a religião judaica antes do nascimento de Jesus e como surgiu a fé cristã. Introduzi ainda a temática do Deus Trino, para dar já uma base para a próxima aula.

Foi uma aula muito teórica, na qual dependeu muito da minha exposição, o que fez com que tivesse sido uma aula intensa a nível de informação. Apenas dois alunos colocaram questões ao longo da exposição. Apesar de haver um PowerPoint, senti a turma na sua generalidade com pouca interatividade, muito devido às repreensões que tiveram, mas também pelo conteúdo da aula em si.

Perguntei se existiam dúvidas, houve intervenção de duas alunas, às quais esclareci as dúvidas acerca do contexto religioso ao tempo de Jesus e sobre a formação das primeiras comunidades cristãs. Pedi a uma aluna para fazer o resumo da aula e dei ordem de saída à turma.

Tendo em conta a reação em aulas anteriores, muito teóricas, durante a planificação sabia que seria uma aula mais monótona, o que se verificou efetivamente. Tentei não ser muito exaustiva e ir dando exemplos práticos principalmente no que toca à fé cristã. Mesmo tendo em conta o contexto desta aula, senti que fui ouvida. Foi uma aula exaustiva, mas necessária ao contexto da seguinte.

A professora cooperante avaliou a aula como positiva tendo em conta o «estado de espírito» da turma, na sua generalidade. Gostou muito do PowerPoint e da forma como estava construído. Nestas aulas teóricas a professora cooperante faz sempre a ressalva, de que a turma se torna mais entusiasta em aulas que preveem mais partilha e mais dinâmicas.

Tabela 6: Planificação de aula 16/04/2024

UNIDADE LETIVA 2						Deus, o Grande Mistério de Amor		
Descritor(es) do Perfil dos Alunos: A, B e D								
Domínios: Cultura cristã e visão cristã da vida								
Ano: 9º Ano		Lição: 22		Aula: 16		Data: 16/04/2024		
Sumário: Dinâmica «3 em 1» aproximação a uma exemplificação da Trindade.								
Aprendizagens essenciais		Conteúdos		Estratégias/atividades/experiências de aprendizagem:		Tempo	Recursos materiais	Avaliação
				- Verificar presença dos alunos; - Registo do sumário; - Relembrar o tema da aula anterior.		2m 1m 2m	Caderno diário	Verificar; Se recordam o que foi abordado na aula anterior;
Compreender que a fé cristã é uma experiência de encontro e da bondade de Deus		Deus Trindade - Dinâmica «3 em 1»		-Apresentação dos ingredientes; - Misturar os ingredientes e amassar a massa; - Levar os pães a cozer; - Entregar um pão a cada aluno.		5m 10m 20m 5m	Forno; Recipiente; Farinha; Sal; Água.	Se estão interessados; Se participam na elaboração da dinâmica; Se conseguem reter a mensagem;
				- Pedir aos alunos para elaborarem a síntese de aula.		5m	Caderno diário; Post-it de aula.	Interesse em querer fazer síntese de aula.
Síntese: Elaboração da dinâmica «3 em 1».								

Na lição 22, no dia 16/04/2024, comecei a aula por fazer a chamada. Os alunos entraram de forma ordenada e entusiasmados, pois já sabiam que esta aula era prática. No seguimento da aula anterior, onde já tinha introduzido a temática do Deus Trino, apresentei o que iríamos fazer nesta aula: pão! Comecei por apresentar os ingredientes e o que eles representavam: a farinha representa Deus (a consistência), o sal representa Jesus (faz sobressair o sabor da farinha) e a água representa o Espírito Santo (que unifica a consistência e o sabor). Comecei por perguntar se sabiam o que era cada ingrediente e se conseguiam distinguir os três ingredientes que apresentei. Perguntei ainda se cada ingrediente precisa de um outro para ser o que já é, ou seja, se a água precisa da farinha ou do sal, para ser água ou se o sal precisa da água ou da farinha, para ser sal, ou ainda se a farinha precisa da água ou do sal para ser farinha. Percebendo, assim, que são ingredientes distintos e que valem por si sós. No entanto, aqueles ingredientes podem ser pão, como os estamos a ver? Não! Então coloquei a farinha numa taça, depois coloquei o sal e perguntei se assim já era pão, não! Então adicionei a água e envolvi. Mostrei a massa e perguntei se sabiam o que era, era massa de pão! Então os três ingredientes distintos formavam uma só coisa, massa de pão, assim é o nosso Deus Trino, um só Deus em três pessoas distintas!

Depois do processo de elaboração da massa do pão dei a cada aluno um pedaço de massa para poderem moldar à sua maneira e levamos até ao refeitório dos professores para poder cozer a massa no forno. Todo o processo envolveu um alvoroço da parte dos alunos e chamou a atenção da demais comunidade educativa com que se cruzaram. Apesar das circunstâncias da atividade, ela foi concluída com sucesso. Esperaram o pão cozer e saíram muito orgulhosos com o seu pedaço de pão.

Ao planificar esta atividade, sabia que era ousada e que a turma poderia não corresponder às expectativas, no entanto, foram exímios em todo o processo, apesar do entusiasmo excessivo que este exercício lhes trouxe. Sei que este tipo de aulas são as melhores e aquelas que se recordarão durante muito tempo, no entanto, também sei que não poderão ser todas assim.

A docente Alcídia Xavier referiu que foi uma aula muito boa, no entanto, na próxima aula seria necessário reforçar a explicação de que as três Pessoas da Santíssima Trindade são distintas e que formam um só Deus. Referiu ainda que o demais «rebuliço» que esta atividade trouxe à escola é normal tendo em conta as circunstâncias.

Tabela 7: Planificação de aula 23/04/2024

UNIDADE LETIVA 2						Deus, o Grande Mistério de Amor		
Descritor(es) do Perfil dos Alunos: A, B e D								
Domínios: Ética e moral								
Ano: 9º Ano		Lição: 23		Aula: 17		Data: 23/04/2024		
Sumário: História e obras de pessoas que dedicaram a sua vida ao bem do próximo.								
Aprendizagens essenciais		Conteúdos		Estratégias/atividades/ experiências de aprendizagem:		Tempo	Recursos materiais	Avaliação
				- Verificar presença dos alunos; - Registo do sumário; - Relembrar o tema da aula anterior.		2m 3m 5m	Caderno diário	Verificar; Se recordam o que foi abordado na aula anterior;
Descobrir em factos sociais e acontecimentos históricos, transformações provocadas pela vivência da fé.		Apresentar a história e obra de seis pessoas que orientaram as suas vidas pelos valores cristãos. Questões de aula: Que tema poderá compilar os dados comuns das suas vidas? Quais as suas ações transformadoras da vida das pessoas e da sociedade? Onde podemos ver o «o rosto de Deus» nas suas vidas?		-Apresentar cada pessoa e no final de cada apresentação entregar, em forma de resumo, a biografia correspondente à pessoa referida. Distribuição dos «balões de fala» com as questões.		20m 15m	Fotocopias	Se mantêm a atenção; Se participam; Se conseguem reter a mensagem.
				- Pedir aos alunos para elaborarem a síntese de aula.		5m	Caderno diário; Post-it de aula.	Interesse em querer fazer síntese de aula.
Síntese: Apresentação de seis exemplos de vidas com sentido!								
Cf. Anexo 5								

Na lição 23, no dia 23/04/2024, comecei a aula por fazer a chamada. Esta aula começou com grande entusiasmo devido à aula anterior, aproveitei esse entusiasmo para esclarecer a dinâmica que fizemos explicando novamente todo o processo. Percebi que os alunos tinham entendido o significado da dinâmica e a questão da Trindade, sendo três Pessoas distintas formando um só Deus. De seguida introduzi o tema da presente aula dizendo que quando alguém se encontra com este Deus Trino, a sua vida muda e nasce também a vontade de melhorar o mundo à sua volta. Assim foi o caso das pessoas que iria apresentar. Apresentei seis pessoas com as suas biografias, as suas conversões e como mudaram as suas vidas e as dos que as rodeavam impelidas pelo encontro com Deus. À medida que fui apresentando, distribuía uma pequena história de cada uma das figuras. Por fim, deixei como trabalho de reflexão para a semana três questões sobre esta aula.

A turma esteve com atenção na sua generalidade e foi interagindo com comentários e perguntas ao longo da apresentação. Pedi a um aluno para fazer o resumo de aula e dei ordem de saída à turma.

Senti-me à vontade no decorrer de toda a apresentação e com a interação dos alunos em relação às dúvidas que iam surgindo. Permitiu ser criado o espaço para falar das realidades que conhecem, o que torna uma aula mais leve e que lhes traz mais interesse. A planificação de aula e aplicação da mesma também ajudaram a abrir esse espaço que eles procuram.

A docente Alcídia Xavier referiu que a aula foi produtiva para a turma. Os materiais elaborados ajudaram à concentração da turma na aula. Referiu ainda que conseguiu conduzir as dúvidas dos alunos com tranquilidade indo ao encontro da resposta pretendida.

Tabela 8: Planificação de aula 30/04/2024

UNIDADE LETIVA 2						Deus, o Grande Mistério de Amor					
Descritor(es) do Perfil dos Alunos: B, C, D e E											
Domínios: Ética e Moral											
Ano: 9º Ano		Lição: 24		Aula: 18		Data: 30/04/2024					
Sumário: Trabalhos de pesquisa em grupos e apresentação dos mesmos acerca das instituições Cristãs empenhadas no bem comum.											
Aprendizagens essenciais		Conteúdos		Estratégias/atividades/ experiências de aprendizagem:		Tempo		Recursos materiais		Avaliação	
				- Verificar presença dos alunos;		2m				Verificar;	
				- Registo do sumário;		1m		Caderno diário		Se recordam o que foi abordado na aula anterior;	
				- Relembrar o tema da aula anterior.		2m					
Elaborar propostas de atualização no mundo alicerçadas na cosmovisão cristã.		Instituições a trabalhar: Caritas; Conferências de São Vicente de Paulo; Misericórdias; Ninho. Apresentação à turma das conclusões da pesquisa.		-Divisão da turma em quatro grupos (três grupos de três e um grupo de quatro elementos). - Entrega a cada grupo de ficha que orienta a pesquisa. Cada grupo apresenta o resumo da sua pesquisa à restante turma.		5m 15m 20m		Fotocópias		Capacidade de trabalho em grupo e eficácia de pesquisa; Empenho nas apresentações de todos os elementos.	
				- Pedir aos alunos para elaborarem a síntese de aula.		5m		Caderno diário; Post-it de aula.		Interesse em querer fazer síntese de aula.	
Síntese: Pesquisa em grupos, acerca de instituições de caris cristão em prol dos mais necessitados.											
Cf. Anexo 6											

Na lição 24, no dia 30/04/2024, comecei a mesma por fazer a chamada. De seguida dividi a turma em quatro grupos de trabalho e fazendo a ponte com a aula anterior, em que falamos de pessoas que depois do encontro com Deus transformaram as suas vidas em prol do bem do próximo, e como em muitos casos essa transformação leva a criação de instituições organizadas e que perduram no tempo, levando a vontade de mudar o mundo, dos seus fundadores até aos dias de hoje. A cada grupo de trabalho foi dada uma instituição de cariz cristã, da qual tinham de pesquisar que instituição é, a sua história, em que trabalha e de que forma essa instituição transforma a sociedade.

A aula decorreu com agitação normal de uma aula de trabalho de grupo. Todos os grupos se empenharam e foi pedido o meu auxílio. Por fim, todos tinham de apresentar à restante turma a instituição sobre a qual trabalharam. Pedi a um aluno para fazer o resumo de aula e dei ordem de saída à turma.

Senti que estas aulas em que os alunos têm um trabalho mais autónomo se tornam produtivas nesta turma. O facto de não terem de estar só a ouvir o professor também os estimula, este foi um dos critérios por ter optado por esta forma de apresentar os conteúdos. Depreendi com o decorrer do ano que ir alternando e diversificando os métodos de apresentar cada aula se torna mais frutífero (exposição, dinâmicas, trabalhos de grupo, partilha de experiências).

A docente Alcídea Xavier, indicou que foi positiva a forma como a turma se empenhou no trabalho de pesquisa e na apresentação à turma das suas conclusões. Indicou ainda que a aula foi muito positiva.

Tabela 9: Planificação de aula 07/05/2024

UNIDADE LETIVA 2 Deus, o Grande Mistério de Amor					
Ano: 9º Ano	Lição:25	Aula:	Data: 07/05/2024		
Sumário: Ficha de Avaliação					
Aprendizagens essenciais	Conteúdos	Estratégias/atividades/ experiências de aprendizagem:	Tempo	Recursos materiais	Avaliação
		- Verificar presença dos alunos;	5m		
		- Distribuir ficha de avaliação, lê-la com os alunos e verificar se reside alguma dúvida; Realização da ficha de avaliação.	5m 40m	Cópias ficha avaliação	
Cf. Anexo 7					

Na lição 25, no dia 07/05/2024, comecei a aula por fazer a chamada. De seguida fiz uma breve síntese da matéria abordada nesta unidade letiva. Distribui as fichas de avaliação, as quais poderiam ser feitas com consulta do manual. A aula decorreu com tranquilidade, embora em momentos de avaliação a turma, de forma generalizada, sente sempre uma certa pressão. À medida que iam terminando, podiam sair da sala.

Escolho o modelo de consulta, pois as respostas que pretendo são sempre com o intuito de perceber o ponto de vista pessoal e se este se assemelha ao trabalhado em aula. Havendo ainda oportunidade para relembrar algum assunto que não tenha ficado totalmente clarificado.

A docente Alcídia Xavier referiu que a estrutura da ficha ajuda a que a turma se sinta mais tranquila na elaboração da mesma. Indicou ainda que o método de consulta é uma opção muito viável nestes momentos de avaliação, pois sentem-se menos pressionados com a possibilidade de erro e sentem-se mais livres para partilhar os seus pontos de vista pessoais.

Na lição 26, no dia 14/04/2024, comecei a mesma por fazer a chamada. Entreguei as fichas de avaliação corrigidas. Todos tiveram excelentes resultados, pois percebi que tinham assimilado o importante, exprimindo a sua opinião e expondo os conteúdos abordados.

Depois soube que a turma tinha preparado uma festa de despedida. Desta forma a restante aula foi livre para convivermos e partilhar como foi para todos esta experiência de estágio, sendo o feedback bastante positivo.

2.4. Reflexão Global sobre a Prática de Ensino Supervisionada

Depois de lecionar a UL2 no contexto da PES, é importante fazer uma reflexão acerca da mesma, pois acredito que esta reflexão contribui positivamente na elaboração de estratégias que levam o professor a melhorar-se e a contribuir para o seu processo de crescimento enquanto docente. Tomando assim consciência do trabalho desenvolvido, o docente consegue verificar os pontos positivos e melhorar os menos positivos, para assim poder atingir as metas estabelecidas na leção dos conteúdos.

Assim, a minha reflexão partirá da UL2 para conseguir analisar toda a PES, verificando se a UL está bem construída, se lhe falta algum conteúdo e se os que nela se apresentam são importantes para os alunos. E ainda referir os pontos mais positivos e os que poderão ser melhorados tendo em conta a PES.

2.4.1. Estruturação da Unidade Letiva

O programa do 9.º ano apresenta três unidades que seguem um caminho de contributo para o desenvolvimento integral do aluno. Este pensamento, resulta do meu olhar sobre o programa do 9.º ano, no qual identifico que é necessário olhar para trás para descobrir as bases para desenvolver a temática da dignidade da vida humana de uma forma completa, promovendo valores de cuidado e defesa da vida, para descobrir a importância do grande Mistério que nos dá um sentido à vida, e desenvolver e promover a construção de um Projeto de Vida a partir de valores sólidos, nomeadamente da fé.

Assim, a UL2 - Deus, Mistério de Amor, parece-me estar bem enraizada no «Domínio Religião e Experiência Religiosa» e parece-me que a meta central, sendo simultaneamente o fio condutor desta unidade letiva, é «B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história»¹⁰³.

De modo a seguir uma linha de raciocínio, passarei a analisar os objetivos seguindo a ordem do programa de 2014 em paralelo com as AE que considero serem suas correspondentes.

Em primeiro lugar, o objetivo «1. Equacionar respostas fundamentadas sobre a existência de Deus, desenvolvendo uma posição pessoal»¹⁰⁴ encontra o seu paralelo nas AE

¹⁰³ Secretariado Nacional da Educação Cristã, «Programa de Educação Moral e Religiosa Católica», 98.

¹⁰⁴ Secretariado Nacional da Educação Cristã, 98.

«Identificar a problemática da existência de Deus no diálogo crença vs razão»¹⁰⁵, «Discutir várias formas de recusa de Deus: ateísmo, agnosticismo e relativismo»¹⁰⁶ e «Apontar vários elementos constitutivos do fenómeno religioso»¹⁰⁷. Neste paralelo, posso dizer que para atingir o objetivo 1 existe uma necessidade de fazer um processo presente nas três AEs que acabei de enumerar, ou seja, primeiro colocar a questão da existência de Deus, depois perceber as teorias que refutam a Sua existência e os argumentos que a fundamentam, e por fim, perceber que a religião é uma resposta natural do ser humano ao transcendente, dando origem ao fenómeno religioso.

Em segundo lugar, o objetivo 2: «Identificar as representações de Deus no Judaísmo e em Jesus de Nazaré»¹⁰⁸, depois de abordar o «fenómeno religioso», apresenta-se o surgir do Judaísmo e conseqüentemente o Cristianismo, demarcando assim a linha condutora da UL. Este objetivo 2 faz correspondência com a AE «Reconhecer, na mensagem bíblica, a bondade e a grandeza de Deus como um apelo à construção de um mundo solidário», olhando à forma da enumeração dos conteúdos correspondentes, dá possibilidade de perceber a história de Deus com a humanidade como continua e projetada desde sempre por um único Deus sumamente bom e para todos, portanto, universal.

Em terceiro lugar, o objetivo 3: «Destacar a bondade e a grandeza de Deus.»¹⁰⁹ encontra uma correspondência clara com as Aprendizagens Essenciais (AEs) «Compreender que a fé cristã é uma experiência de encontro e da bondade de Deus»¹¹⁰ e «Descobrir factos sociais e acontecimentos históricos, transformações provocadas pela vivência da fé»¹¹¹, estando as AEs devidamente relacionadas, pois a descoberta de um Deus bom que é Amor, transforma a forma como se vê o mundo, e essa transformação leva a um compromisso com o mundo, como sugerem as passagens sugeridas nos conteúdos (Jr 7, 4-11 e Tg 2, 14-17), pois a nossa fé deve ser manifestada por boas obras.

Em quarto e último lugar, o objetivo 4: «Descobrir, em factos sociais e acontecimentos históricos, as transformações provocadas pela vivencia da fé»,¹¹² faz-se corresponder à AE «Elaborar propostas de atuação no mundo alicerçadas na cosmovisão cristã.»¹¹³, partindo do

¹⁰⁵ Ministério da Educação, «Aprendizagens Essenciais, Articulação com o perfil dos alunos», 9.

¹⁰⁶ Ministério da Educação, 8.

¹⁰⁷ Ministério da Educação, 8.

¹⁰⁸ Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 94.

¹⁰⁹ Secretariado Nacional da Educação Cristã, 94.

¹¹⁰ Ministério da Educação, 8.

¹¹¹ Ministério da Educação, 9.

¹¹² Secretariado Nacional da Educação Cristã, 94.

¹¹³ Ministério da Educação, 9.

objetivo, que leva os alunos a conhecer pessoas e instituições, que através dos valores cristão adquiridos a partir da fé, mudaram e mudam o mundo em prol do bem comum.

Depois desta reflexão, posso dizer que esta UL se encontra bem contruída com uma linha condutora, que leva o aluno a questionar-se da existência de Deus, percorrendo a história da humanidade em que se relaciona com Deus, conduzindo a uma resposta no final que quando se estabelece uma relação com Deus, o Deus que é Amor, o Amor que brota dessa relação é tanto que ninguém consegue guardar para si. E por essa razão transmite-o ao próximo na construção de uma sociedade mais fraterna, tendo a caridade como a maior das virtudes (cf. 1Cor 13, 13).

A passagem do conteúdo do fenómeno religioso para o conteúdo da tradição judaico-cristã, parece-me um pouco abrupta, no entanto, percebo a necessidade deste salto temporal, para os conteúdos poderem desenrolar na linha do pensamento do Deus cristão. Parece-me que neste ponto o docente deve atenuar este salto, de forma breve, apresentando as religiões mais faladas na história da humanidade antiga (exemplo: sumérios, egípcios e gregos). Sublinho ainda que no ponto «Deus: oceano de Amor»¹¹⁴, deveriam ser abordados os tópicos «Deus trino» e a sua relação de Amor, que toca o coração do ser humano, levando este a transformar a vida do próximo, sendo este o tema do ponto seguinte no manual.

2.4.2. *Falta algum conteúdo à UL2?*

Como referi no ponto anterior, considero importante uma abordagem direta da Trindade. Por essa razão, e tendo em conta a impossibilidade da A entender e explicar na sua totalidade, dediquei uma aula para abordar a questão da Trindade. O grande objetivo da aula foi familiarizar a turma com o conceito e perceber apenas que nós cristãos acreditamos num só Deus que existe em três pessoas distintas: o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

Para esta aula escolhi elaborar uma dinâmica a partir da confeção da massa do pão. Com três ingredientes (farinha, água e sal), que lhes são possíveis de distinguir e identificar, misturei-os e eles formaram uma só massa. Foi uma aula em que captei toda a atenção da turma, eles viveram a aula de forma entusiasmada e ficou na memória que a aula de fazer pão foi para falar de Deus que é três num só.

Na aula seguinte percebi, que o facto de poderem também eles ter feito parte da dinâmica, de terem cozido o pão e de o terem levado consigo, foi assunto que percorreu os

¹¹⁴ Portugal, Dias, e Fernandes, *Queremos Ser!*, Manual do Aluno - EMRC 9º ano do Ensino Básico, 97–102.

corredores da escola, foram questionados por colegas, professores e funcionários o porque dos pedaços de pão e foram respondendo que na disciplina de EMRC fizeram um pão a partir de três ingredientes e que isso era como o Deus dos cristãos, um só Deus em três pessoas distintas.

Esta é apenas uma sugestão de abordagem, que no caso foi efetivamente marcante até para a comunidade escolar, no entanto, noutras realidades poderá ser feito de forma diferente. Assim parece-me importante ser abordado, independentemente do método pedagógico escolhido.

2.4.3. Os objetivos e conteúdos da UL2 são importantes para os alunos?

No meu entender, o tema “Deus, Mistério de Amor” é um tema com uma grande importância a ser abordado nesta idade da adolescência. Isto porque o adolescente já é capaz de entender o Mistério que é Deus, tendo uma capacidade de questionar e conseguir enquadrar eventuais respostas mais abstratas, como é o caso deste tema. É a fase em que acontece o natural afastamento em relação aos pais, e por essa razão, encontrar em Deus o aconchego paternal, sem discussões e recriminações, por isso, no meu entender, é importante no desenvolvimento do indivíduo. E ainda, percebendo como o Amor de Deus transforma a vida de quem se encontra com Ele, desperta o adolescente à solidariedade, à construção de uma sociedade melhor.¹¹⁵

Os alunos manifestaram esta importância através das questões que colocaram ao longo da leção desta Unidade Letiva. Tais como; Deus existe mesmo? De que forma atua na nossa vida e no mundo? Porque existem tantas religiões? Existem vários deuses? Se Deus é tão bom, porque há tanto sofrimento? Com todas estas questões e muitas outras com a mesma génese, percebi que Deus é algo que os adolescentes refletem no seu íntimo. No entanto, percebi também que não têm condições para fazer estas perguntas no dia a dia em ambiente familiar, escolar ou até mesmo catequético. Por esta razão, este tema, fazer parte do programa, abre um espaço oportuno para ajudar os alunos a aprofundarem as suas reflexões e a encontrarem algumas respostas e criar questões.

Assim, olhando para a leção da UL2 “Deus, Mistério de Amor” em comparação com o “Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória”, constato que esta UL2 contribui para o desenvolvimento de algumas competências do “Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória”, nomeadamente, «Linguagens e textos»¹¹⁶, «Informação e

¹¹⁵ Cf. Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 167.

¹¹⁶ Martins, «Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória», 21.

comunicação»¹¹⁷, «Raciocínio e resolução de problemas»¹¹⁸, «Pensamento crítico e pensamento criativo»¹¹⁹, «Desenvolvimento pessoal e autonomia»¹²⁰ e «Saber científico, técnico e tecnológico»¹²¹. Estas são as competências mais acentuadas, no entanto, existem outras que também foram desenvolvidas no decorrer da lecionação, mas de forma mais passageira.

2.4.4. Os aspetos positivos da lecionação

Depois de concluir esta reflexão acerca da lecionação da UL2, irei destacar os pontos positivos do decorrer da mesma e no ponto seguinte irei elencar os aspetos que considero que poderiam ser melhorados.

Considero que a turma teve uma evolução, em sala de aula, do decorrer da lecionação da UL1 e depois da UL2. Pois com o decorrer das semanas foram-se mostrando mais curiosos e mais interessados pelas aulas de EMRC, consequentemente mais à vontade na interação, com um aumento na participação tanto quantitativa como qualitativa.

Percebi que mais alunos conseguiram fazer autorreflexão, demonstrando assim uma ligação entre os conteúdos letivos e as suas vidas. Retiro esta conclusão por se sentirem à vontade para colocar as suas questões sem receio de censura ou crítica, o que ajudou a desmistificar alguns preconceitos que tinham acerca da religião e de como esta cruza nas suas vidas e na própria sociedade.

Houve uma evolução no empenho e participação dos alunos nas dinâmicas em sala de aula, conseguindo ligar o seu conteúdo com os conteúdos letivos propostos para cada aula. Os resumos de aula, feitos pelos alunos, ajudaram a perceber isso.

A postura de disponibilidade que fui demonstrando ao longo da lecionação, ajudou a que os alunos estabelecessem comigo uma relação de confiança, procurando-me para partilha de dificuldades pessoais verificadas a partir das reflexões feitas decorrendo dos conteúdos letivos.

A atividade da elaboração do pão, foi sem dúvida a mais marcante, para os alunos, pois foi a que mais notei que eles levaram para fora da sala de aula, partilhando o acontecimento

¹¹⁷ Martins, «Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória», 22.

¹¹⁸ Martins, 23.

¹¹⁹ Martins, 24.

¹²⁰ Martins, 26.

¹²¹ Martins, 29.

e o conhecimento adquirido com colegas, assistentes operacionais e professores, sendo ela referida nas semanas seguintes.

A planificação ajudou em muito, a que as aulas tivessem um curso positivo. Os materiais didáticos criados para o efeito ajudaram a “levar para casa” o que se aprendeu em sala de aula.

Por fim, realço os resultados positivos obtidos pelos alunos em EMRC, tanto os escolares como os que levaram para as suas vidas.

2.4.5 Os aspetos a melhorar

Depois de refletir acerca do que de mais positivo considerei neste estágio, detetam-se sempre pontos a melhorar. É importante referi-los para que a lecionação de EMRC possa sempre evoluir e assim chegar mais e melhor aos seus destinatários, os alunos.

Assim, refiro como um ponto menos positivo o comportamento dos alunos, apesar de ter evoluído positivamente. No início da lecionação mostraram-se muito faladores entre pares e com alguns “problemas de turma”, que eram trazidos para a aula. As variações no comportamento podem ter sido uma consequência do facto de a esmagadora maioria dos alunos da turma frequentar pela primeira vez EMRC. Chegando pela primeira vez, podem veicular o preconceito de que se trata de uma disciplina «menor» no seu currículo. No entanto, com decorrer das aulas, perceberam que os temas tratados e as questões colocadas vão de encontro às suas necessidades. Pois os temas tratados e desenvolvidos foram decorrendo, tendo em conta as inquietações e dúvidas de cada um dos alunos, que foram criando disponibilidade para as partilharem.

Houve ainda algumas faltas à aula sem justificação, mas com o aumento do interesse pelos conteúdos letivos, estas faltas diminuíram. Este segundo ponto menos positivo poderá estar interligado com a razão do anterior. Como nunca tiveram a disciplina e como esta era de opção, alguns partilharam que deduziram que não teriam faltas, e como se inscreveram porque queriam, também poderiam faltar quando assim o entendiam, sem justificação oportuna. Efetivamente as faltas diminuíram com o decorrer do ano letivo, pela perceção que também foram adquirindo da importância que atribuíram à disciplina, e não só porque as faltas «contavam».

Pessoalmente atribuo a minha debilidade à necessidade de querer controlar tudo, até ao último pormenor, trazendo esta postura, muitas vezes, cansaço extremo e frustração. O facto de a escola não me ser próxima, mesmo estando dentro da Diocese a que pertenço, bem como

a distância social e cultural foram fatores desafiantes. Sair da minha zona de conforto é sempre um grande desafio, no entanto o tempo foi uma grande ajuda a superar esta distância. Ou seja, com o tempo comecei a sentir-me mais confortável e à vontade na escola e com os alunos. O outro ponto desafiante que provocou nervosismo e algumas frustrações foi o impacto de lecionar pela primeira vez a alunos de 9º ano, percebendo que quanto mais dentro da adolescência mais desafiantes se tornam os alunos, por vezes mais difíceis de controlar e antever as ações e pensamentos, para estar sempre preparada para tudo. Não é possível estar preparada para tudo. Em algumas situações, chegar ao ponto de dizer «não sei, mas vou tentar encontrar resposta para trazer na próxima aula» demonstra aos alunos humanidade e humildade. Aceitar que não tenho de saber tudo até à exaustão traz mais tranquilidade e ajuda a enfrentar a turma com mais serenidade e consequentemente a que a aula corra melhor nos seus objetivos.

E por fim, os conteúdos letivos suscitavam bastantes questões pertinentes, as quais fiz sempre questão de as receber com todo o interesse, no entanto, por esta razão, as planificações de aula nem sempre foram totalmente concretizadas, por opção pessoal, fazendo-me perceber que pelas características da turma deveria ter elaborado planificações de aula mais pequenas, para assim as poder cumprir. No entanto, tenho sempre como princípio priorizar questões que surgem no momento. Acredito que a resposta direta será uma melhor solução do que seguir em frente com a planificação, dando conteúdos que poderão ser ignorados pelos alunos.

2.4.6 O contributo do amor trinitário para a lecionação da UL2

Ao começar a planificar as aulas desta UL2 e verificar todos os conteúdos letivos, intui sempre que eles me levavam à relação de Amor da Trindade. Ou seja, se me fosse pedido para concluir a UL2, ela estaria resumida no “O Amor Trinitário”. Por essa razão planifiquei as aulas de forma a construir um caminho que culminasse nesta conclusão.

Abordar o Amor Trinitário, ou seja, como o Pai, Filho e Espírito Santo se relacionam, leva a uma perceção mais “humanizada” do mistério que é Deus. Entenda-se “humanizada” como capaz de se ter uma perceção, mesmo que limitada, na nossa vida e experiência do dia a dia. Assim, e tendo em conta todo o percurso desenvolvido na primeira parte deste trabalho, ou seja, o Amor trinitário como é entendido e como é expresso pela humanidade através da história da Igreja até aos nossos dias, e como este amor deve ser aplicado na educação, que nem sempre foi, como podemos ver no subcapítulo da Educação e a sua evolução etimológica, parece-me que o caminho mais obvio a trilhar é a aplicação de forma mais concreta e explícita do Pacto Educativo Global. Apesar de se perceber que a disciplina de EMRC é sem dúvida, a disciplina

em que mais subentende os pontos deste Pacto, no meu entender, a aplicação deste ainda está muito dependente de quem leciona a disciplina.

Assim tendo como premissa, que nunca se conseguirá definir Deus na sua grandiosidade e totalidade, acredito que com a abordagem que fiz através da atividade de elaborar o pão, contribuí para a desmistificação de questões. Mas acredito que também contribuí para suscitar outras tantas questões. Afinal, a procura de Deus, creio, passa pelo constante questionamento. E isso foi conseguido.

CONCLUSÃO

Ao concluir este relatório final, posso afirmar a importância de ter revisitado e ter conhecido melhor alguns documentos basilares da Igreja. Foi para mim muito proveitoso a nível académico, mas muito mais a nível pessoal e profissional. Muito longe de ter conhecido ao pormenor todos os documentos da Igreja, destes dois mil anos de história, dos que revisei, percebi que são documentos atuais. Pois referem-se a Deus, e Deus, que é infinito e eterno, é, para nós que existimos no tempo e na finitude, sempre um pouco mais atual, mais novidade, mais notícia, mais boa-nova. Existe sempre algo novo, no que toca no pensar em Deus, porque Este nunca se esgota, porque é infinito e eterno. Retirei destes documentos sempre algo novo, que acrescenta em muito à minha missão de professora de EMRC, à minha fé e às minhas relações com todos os meus «próximos».

Foi com todas estas «novidades» que em primeiro sonhei como apresentar a UL2 «Deus, Mistério de Amor», a adolescentes, que se encontram numa fase da vida de mudanças biológicas, sociais e psicológicas, onde por norma surgem questões primárias acerca da fé e da existência. Por isso, posso dizer que abordar a questão de Deus com alunos destas idades é fascinante, pois estas questões mais profundas levam os alunos, e a mim como docente de EMRC, a reflexões como a de Deus que nos ama tanto e de forma gratuita e não há como não lhe responder da mesma forma!? A forma de tentar igualar a resposta é-nos dada na Escritura «Amai-vos uns aos outros» (Jo 13, 34) em todos os contextos da nossa existência. Tentei neste trabalho, de forma específica, abordar como este Amor deve ser aplicado em ambiente educacional.

O primeiro capítulo, intitulado «O conceito de Amor como comunhão da Trindade aplicado à Educação», foi trabalhado em três fases. A primeira fase é reflexo da minha inquietação de procurar esclarecer, a partir de uma visão evolutiva, os significados de Amor trinitário e Educação. Percebi que o Amor trinitário sempre foi manifestado ao ser humano, desde a sua génese, sendo que este foi sentido e interpretado tendo em conta o seu contexto histórico. Para perceber esta relação de Deus Amor com o ser humano, basei-me na Sagrada Escritura, tendo o privilégio de aprender, rezando!

Foi ainda de grande importância para eu perceber a evolução do sentido da Educação ao longo dos tempos, percebi que este se foi modificando. Acredito que parte desta evolução do pensamento acerca do que é ser criança e adolescente também se deve às transformações que o Amor de Deus foi operando no coração e inteligência da humanidade, no entanto, esta é

uma convicção pessoal. Neste ponto, foi-me ainda importante perceber o que de errado se fez no passado, para saber o que nunca repetir. Saber hoje que a educação integral passa pelo colocar a pessoa no centro da Educação, amando e respeitando a pessoa no seu contexto pessoal e social, mas infelizmente nem sempre foi assim, e que talvez para termos chegado onde estamos, foi importante, a humanidade ter trilhado aquele caminho, até chegarmos onde estamos hoje! Ainda é um caminho inacabado, mas já existem muitas melhorias na educação comparativamente aos métodos de ensino usados no passado.

Na segunda fase do itinerário deste primeiro capítulo, debrucei-me mais afincadamente no que nos documentos do magistério da Igreja, ao longo do tempo, foi pensado, discutido e afirmado acerca da Trindade. Na segunda parte desta fase, procurei demonstrar como Jesus é o «resultado» encarnado desta união amorosa da Trindade. Jesus Cristo, o Filho, encarnou e fez-se um de nós, sentindo as nossas limitações humanas, entrou no nosso contexto, ensinou-nos, demonstrando que o Amor perfeito é possível de se viver, mesmo com as limitações humanas. Sendo um verdadeiro Educador, Jesus colocou sempre o ser humano no centro, amou-o infinitamente, educando-nos assim no amor, deixando-nos este legado para o transmitir de geração em geração. Esta é uma conclusão, muito pessoal, e que O tenho como modelo de Educador.

Na terceira fase deste capítulo inicial questiono «quem é o meu próximo?» (Lc 10, 29), não como forma de provocação a Jesus, mas para perceber, esta foi a conclusão que retirei, que toda a comunidade educativa é o meu próximo. O aluno é o centro, do qual toda a comunidade educativa se desenrola, e para que a sua educação integral seja conseguida em plenitude, é necessário que todos os que a envolvem, se amem uns aos outros como Jesus nos amou, sendo esta a perspetiva que retirei da prática e constatei estar presente na teoria que estudei. Na segunda parte desta fase, e em jeito de conclusão, descrevo como tudo o que escrevi anteriormente pode contribuir para a Educação. Amando! Mas como? O Papa Francisco procurou responder-nos com o Pacto Educativo Global, onde colocar a pessoa no centro, independentemente da idade, sexo, origem, é acolher a pessoa. Ao permitir que a pessoa se sinta acolhida e amada, deixa-se educar pelo saber científico, mas também pelos valores do cuidado do bem comum, como a economia justa, ou como a política pode ser um meio para atingir o bem de todos e o cuidado e respeito pela criação e da sua casa que é comum!

Inspirado por este Pacto Educativo Global, o segundo capítulo deste trabalho, que foi dividido em quatro fases, reflete este Pacto, mesmo que não explicitamente, mas intrinsecamente no modo como lecionei. Comecei esta última parte deste trabalho, numa fase inicial, por descrever o contexto geográfico, demográfico, social, cultural, económico,

religioso, educativo dos alunos a quem se destinou o meu estágio. Quis saber como era Abrantes, enquanto meio social, em que escola e em que turma os alunos estavam inseridos, tendo considerado esta tarefa muito importante, para os entender melhor e assim lhes «chegar» melhor, colocando-os no centro do meu trabalho. Na segunda fase deste segundo capítulo, debrucei-me numa reflexão teológica, mais direcionada para os conteúdos letivos, objetivos pretendidos para esta UL2 «Deus, Mistério de Amor». Esta reflexão foi importante, para fazer uma sintetização e focalização de como construir esta UL com sentido e devidamente estruturada com uma linha de raciocínio evolutiva.

Numa terceira fase apresento as Planificações de Aula, que foram o instrumento «guia» para o decorrer das aulas, não servindo para serem sempre cumpridas na totalidade, pois no meu entender isso iria contra o que defendo na educação colocar a pessoa no centro, é ir ao encontro das suas necessidades, e nem sempre o que se preparou com antecedência é a necessidade do aluno no dia da aula -, mas como «bússola», que caso precise, recorro para voltar ao ponto em que fiquei. Acompanham ainda estas Planificações de Aula, os relatórios diários que descrevem em concreto se a planificação foi ou não cumprida. Por fim, na quarta fase do último capítulo, refleti de como foi toda a PES. O que correu bem, o que há a melhorar e como se podem aplicar melhorias na lecionação desta UL, no meu entender.

Posto isto, foi conseguido fazer a ligação do mandato de Jesus «Amai-vos uns aos outros» (Jo 13, 34) em ambiente educativo? Sim! Como? Primeiro, a Igreja tem pensado como este Amor se vai expressando ao longo do tempo, isto é claro nos documentos do magistério. É preocupação de todos os que se sentem envolvidos por este Amor, levá-lo a todos e que ele possa chegar a todos e ser entendido por todos. Por isso, os que se sentem envolvidos e comprometidos com este Amor de Deus e se encontrem num contexto de Educação, devem levá-lo e transmiti-lo nesse contexto! Por isso, o Amor de Deus relaciona-se com a Educação na medida em que os que dela façam parte o levem, o experimentem e o pratiquem com todos sem exceção!

E por fim, respondendo à última questão que coloquei no início deste trabalho: de que modo transmitir aos alunos, em contexto de aula, esta relação de Amor? No caso desta UL2 «Deus, Mistério de Amor», de duas formas. Passo a explicar: nesta UL que explora concretamente Deus, tentei «explicá-Lo» (sabendo sempre que nunca O podemos explicar na Sua totalidade), a partir da dinâmica «3 em 1», que consiste em fazer um pão com três ingredientes (farinha, água e sal) e perceber que os três formam um pão, que no caso deu para partilhar por muitos! Ou seja, três ingredientes distintos constituem uma só forma, esta «uma»

forma chega a «muitos» (todos). E no contexto desta UL e de todas as outras, aplica-se, no modo de estar, pensar e lecionar aulas, o Pacto Educativo Global proposto pelo Papa Francisco.

Só colocando a pessoa no centro da minha ação educativa, a amo efetivamente, e sentindo-se amada, a pessoa torna-se recetiva a tudo o que tenho para partilhar com ela. Parece-me que, para chegarmos à educação integral, é necessário amar gratuitamente os nossos educandos e toda a comunidade educativa, para que o mandamento de Jesus, «amai-vos uns aos outros, como eu vos amei» (Jo 13, 34) ou a fraternidade, seja uma realidade na educação e, por consequência, na sociedade.

BIBLIOGRAFIA

Fontes e Documentos:

Agostinho. *Confissões*. 13ª Edição. Braga: Livraria Apostolado da Imprensa, 2008.

Agostinho. *De Trinitate*. 1ª Edição. Prior Velho: Paulinas, 2007.

Agostinho. *Sermões*. Volume III: 51-65A. 1ª Edição. Lisboa: Alcalá, 2009.

Anselmo. *Proslógion de Santo Anselmo*. 3ª Edição. Lisboa: Lisboa Editora, 1997.

Bento XVI. *Deus é Amor*. 1ª Edição. Prior Velho: Paulinas, 2006.

Bíblia Sagrada. 1º Edição. Fátima: Difusora Bíblica, 2016.

Catecismo da Igreja Católica. 2ª Edição. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1999.

«Câmara Municipal de Abrantes». <http://cm-abrantes.pt/index.php/component/content/article/112-municipio/territorio/260-caracterizacao-do-concelho>.

Concílio Ecuménico Vaticano II, Constituições, Decretos, Declarações, Documentos Pontifícios. 2ª Edição. Braga: Secretariado Nacional do Apostolado da Oração, 1972.

Denzinger, Heinrich e Peter Hünermann. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral da Igreja católica*. São Paulo: Paulinas & Loyola, 2006.

«Escola Secundária Manuel Fernandes, Nº 2, Abrantes»,
https://www.esmf.pt/menu_horizontal_2016/docs_fundamentais_2023-24/ProjetoEducativo_Aprovado_8nov2023.pdf.

Francisco. *Fratelli Tutti*. 1ª Edição. Apelação: Paulus Editora, 2020.

Francisco. «Pacto Educativo Global»: Vademecum (Congregatio de Institutione Catholica, 2021). <https://www.educationglobalcompact.org/resources/Risorse/vademecum-portuges.pdf>.

João Paulo II. *Fides et Ratio*. Braga: Editorial A.O., 1998.

Francisco. *Laudato Si'*. 1ª Edição. Apelação: Paulus Editora, 2015.

Martins, Guilherme d'Oliveira *et al.* *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*. Mem Martins: Editorial do Ministério da Educação e Ciência (2017).

https://dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto_Autonomia_e_Flexibilidade/perfil_dos_alunos.pdf.

Ministério da Educação. «Aprendizagens Essenciais, Articulação com o perfil dos alunos».

https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/3_ciclo/emrc_3c_7a.pdf.

- Organização das Nações Unidas. *Declaração Universal dos Direitos Humanos, 1948*. Nova Iorque: Nações Unidas (2017). <https://unric.org/pt/declaracao-universal-dos-direitos-humanos/>.
- Portugal, Maria, José Dias e Michael Fernandes. *Queremos Ser!, Manual do Aluno - EMRC 9º ano do Ensino Básico*. Lisboa: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2023.
- Secretariado Nacional da Educação Cristã, ed. «Programa de Educação Moral e Religiosa Católica». Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2014.

Estudos e ensaios:

- Ambrosio, Juan. «Finalidades, Domínios de Aprendizagem e Metas Curriculares. Programa de EMRC». *Pastoral Catequética: Revista de catequese e educação*, n.º 31/32 (2015): 63-81.
- Azevedo, Diego Costa. «A doutrina trinitária em Santo Agostinho». *Caderno Intersaberes*, v. 11, n.º 36 (2022): 141-159.
<https://www.cadernosuninter.com/index.php/intersaberes/article/view/2395>.
- Carreira das Neves, Joaquim. *Jesus de Nazaré - Quem és Tu?* 1ª edição. Braga: Editorial Franciscana, 1980.
- Cunha, Duarte da. «Só o amor gera educação». *Povos e Culturas*, n.º 8 (janeiro de 2003): 21-42. <https://doi.org/10.34632/POVOSECULTURAS.2003.8851>.
- Dias, José Ribeiro. *Educar é Amar: Para o Pacto Educativo Global do Papa Francisco*. 1ª Edição. Apelação: Paulus Editora, 2021.
- Duque, Eduardo, e Durán Vázquez. «O novo paradigma da educação na promoção de uma sociedade mais inclusiva». *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação* v.15, n.º 1. Araraquara (2020): 27-49. <https://doi.org/10.21723/riace.v15i1.12632>.
- Galvão, H. Noronha. «Deus trindade e comunhão». *Theologica* v. 30, n.º 2. Braga (julho de 1995): 421-432. <https://doi.org/10.34632/THEOLOGICA.1995.11559>.
- Galvão, H. Noronha. «Deus comunhão trinitária: no diálogo intercultural e inter-religioso». *Didaskalia*, vol. 30, n.º 2. Lisboa (2005): 373-393.
<https://doi.org/10.34632/DIDASKALIA.2005.1698>.
- Moita, Fernando. «A Missão do Professor de EMRC no Contexto da Escola Atual». *Pastoral catequética: revista de catequese e educação*, n.º 26. Moscavide: SNEC (2013): 53-74.
- Palma, Alexandre. «A renovação contemporânea da teologia trinitária: contexto, aquisições e perspectivas». *Didaskalia*, v. 40 n.º 1. Lisboa: (1 de janeiro de 2010). 59-75.
<https://doi.org/10.34632/DIDASKALIA.2010.2272>.
- Palma, Alexandre. *A Trindade é um Mistério, mas podemos falar disso*. Poéticas do Viver Crente. Prior Velho: Paulinas, 2014.
- Ratzinger, Joseph. *Introdução ao Cristianismo*. São Paulo: Editora Herder (1970). Acedido 12 de agosto de 2024. <https://doceru.com/doc/5ne5ccs>.
- Ratzinger, Joseph. *Jesus de Nazaré - Parte II Da Entrada em Jerusalém até à Ressurreição*. 1ª Edição. Cascais: Princípia Editora, 2011.
- Rosa, Maria da Glória de. *A história da educação através dos textos*. 7ª edição. São Paulo: Editora Cultrix, 1980.

Vázquez, José F. Durán, e Eduardo Duque. *Las Transformaciones de la Educación*. 1ª Edição.
Madrid: Dykinson, S.L., 2019.



Figura 1: Anexo 1

O que é o Ateísmo?

Two solid blue rounded squares are positioned side-by-side at the bottom of the page.

Que tipo de vivência têm um ateu?

Que pessoas defendem o ateísmo e como o defendem?



Figura 2: Anexo 2

O que é o Agnosticismo?

Que tipo de vivência têm um agnóstico?

Que pessoas defendem o agnosticismo e como o defendem?

by - Professor Gessiel -

Figura 3: Anexo 2

O que é o Relativismo?

Que tipo de vivência têm um relativista?

Que pessoas defendem o relativismo e como o defendem?

by - Professora Gisele -

Figura 4: Anexo 2

Ateísmo significa literalmente “sem deus”: a (negação) + theos.

É uma atitude de vida que nega a existência de Deus ou de qualquer divindade.

Ateísmo Teórico: coloca-se no plano do pensamento e baseia-se em razões puramente filosóficas.

Ateísmo Prático: Traduz-se na atitude de viver sem qualquer referência a Deus.

Agnosticismo significa literalmente ignorância ou desconhecimento: a (negação) + gnose (conhecimento).

O agnosticismo entende que nada se pode saber sobre Deus: não o nega, mas também não o afirma. É pois, uma atitude cética, na qual a dúvida leva o ser humano a suspender o juízo acerca de Deus.

Relativismo é uma posição que nega a possibilidade de nos aproximarmos da verdade de Deus. Defende que tudo o que se diga, se pense ou se faça é igualmente bom. Todas as decisões e todas as atitudes estão justificadas, à partida, porque cada um tem “a sua verdade”. Assim sendo, tudo é relativo; não existem verdades absolutas, nem pontos de orientação seguros.

Na perspetiva religiosa, a fé em Deus faz sentido porque, através dela, o crente encontra a verdade e a plenitude que tanto anseia. Crer não é uma atitude irracional, traduz-se na confiança em Deus e num consequente compromisso de vida.

Acreditar em Deus e estabelecer com ele uma relação é confiar que é nele que está o sentido último da vida e da história.

A história da humanidade é rica em testemunhar que a questão da morte sempre inquietou o ser humano. Não há pessoa que não tenha passado pela experiência de refletir sobre a certeza de a sua vida, um dia, chegar ao fim. Sendo inevitável, a morte entra em conflito com o desejo de eternidade que habita no coração do ser humano. Deus é a resposta a este desejo de eternidade e de felicidade sem limites. Assim, ter fé significa acreditar que a vida e o amor são a última realidade para o ser humano, e que a morte, no nada e o esquecimento eterno não são o fim; é confiar que a vida humana tem um sentido que ultrapassa os poucos anos que vivemos.

Figura 5: Anexo 2

Em situações limites, todos acabam por se socorrer de Deus. Concordas?

Razões para acreditar e confiar em Deus:

- Sentido último e único da vida e da existência;
- Sentido da unidade entre seres humanos;
- Sentido e compreensão no sofrimento.

Figura 6: Anexo 2

Fenómeno Religioso

O fenómeno religioso é uma expressão da espiritualidade humana que tem sido estudada e debatida ao longo da história. Desde rituais e crenças até práticas comunitárias, a religião desempenha um papel significativo na sociedade, influenciando valores, comportamentos e

perspetivas.

by 



Elementos constitutivos do Fenómeno Religioso

Doutrina

A doutrina representa o conjunto de dogmas, crenças, princípios e ensinamentos fundamentais de uma religião.

Ritos

Os ritos incluem cerimónias, práticas e rituais que expressam e celebram as crenças e valores da religião.

Ética

A ética aborda as normas de conduta, comportamento moral e princípios éticos orientadores da vida no dia a dia.

Figura 7: Anexo 3

Primeiras representações de divindades

- **Deusas da fecundidade:** Representações femininas associadas à fertilidade e à maternidade.
- **Deuses animais:** Figuras híbridas entre humanos e animais, que simbolizam o mundo natural.
- **Divindades ancestrais:** Adoração de antepassados como protetores espirituais.



Divindades Suméras

- **Enki:** Deus da sabedoria, da água, da inteligência e da criação.
- **Inanna:** Deusa do amor, da guerra e da fertilidade.
- **Anu:** Deus do céu e rei das divindades, governante supremo e criador do homem.

Figura 8: Anexo 3



Divindades Egípcias

- **Ra:** O deus sol, representado por um disco solar, era considerado a principal divindade egípcia e trazia vida e calor ao mundo.
- **Ísis:** Conhecida como a deusa da maternidade e da magia, Ísis era venerada pelo seu papel protetor e benevolente.
- **Anúbis:** Este deus com cabeça de chacal era encarregado de guiar as almas dos mortos para o julgamento.

Divindades Gregas

- **Zeus:** Rei dos deuses e do trovão, governante do Olimpo.
- **Apolo:** Deus do sol, da música e da profecia.
- **Afrodite:** Deusa do amor, da beleza e da paixão.
- **Atena:** Deusa da sabedoria e da justiça.

As divindades gregas desempenhavam papéis complexos na mitologia, refletindo aspectos da natureza humana e divina.

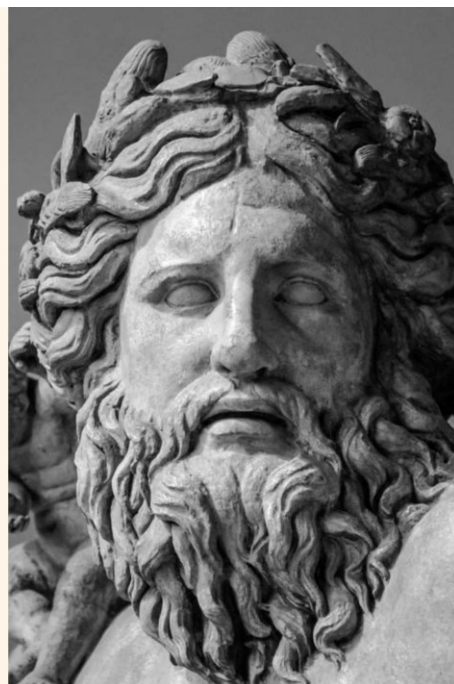


Figura 9: Anexo 3

Início do monoteísmo - Judaísmo

- 1 — Revelação a Abraão**
O Judaísmo é considerado o primeiro sistema religioso monoteísta, iniciado com a revelação a Abraão.
- 2 — Os Dez Mandamentos**
A revelação dos Dez Mandamentos no Monte Sinai é um marco fundamental na história do Judaísmo.
- 3 — Raízes Históricas**
O Judaísmo tem raízes históricas profundas, sustentando as crenças e práticas desta tradição espiritual única.

Cristianismo

O Cristianismo é uma das maiores religiões do mundo, seguida por bilhões de pessoas. Baseada na vida e ensinamentos de Jesus Cristo, a religião cristã é conhecida pelos seus valores de amor, perdão e compaixão. As suas práticas incluem a adoração a Deus, a leitura da Bíblia e a participação em rituais sacramentais.

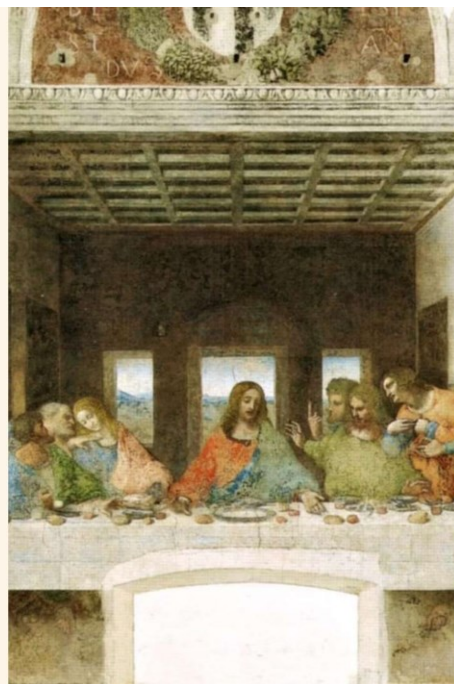


Figura 10: Anexo 3

O Deus do Antigo Testamento

O Deus do Antigo Testamento é considerado o criador do universo, supremo e transcendente. A sua natureza é descrita como onipotente, onisciente e onipresente, e a sua relação com a humanidade é relatada por profetas como um Deus que se faz próximo e nacional.



Jesus: o rosto visível de Deus

Jesus é reconhecido como a encarnação de Deus na tradição cristã, viveu o amor, a compaixão e o perdão divinos. A sua vida e ensinamentos são fundamentais para a fé cristã, transmitindo a mensagem do amor ao próximo.

Figura 11: Anexo 3

Da tradição Judaica à fé Cristã

Partindo da riqueza da tradição judaica, acompanharemos os primeiros passos da nova fé cristã e o seu impacto duradouro na história da humanidade.

by *Professora Giselle*



Origem do Povo Judeu

As origens do povo judeu remontam à região da Mesopotâmia, onde se acredita que Abraão, considerado o patriarca do povo judeu, tenha nascido por volta de 2000 a.C. Após ser chamado por Deus, Abraão partiu com a sua família para a terra de Canaã, atual Israel, dando assim início à história do povo judeu.

Através de laços familiares e alianças com Deus, o povo judeu cresceu e fortaleceu-se, enfrentando períodos desafiantes como a escravidão no Egito e o exílio da Babilônia.

Após a saída do Egito e a conquista da terra de Canaã, o povo judeu estabeleceu um reino unificado nos reinados de Saul, David e Salomão. No entanto, este reino dividiu-se, dando origem aos reinos de Israel e Judá. É neste que são conquistados pelo Babilônios e levados para a Babilônia. De onde, só 70 anos mais tarde, tem autorização para voltar à sua terra e reconstruir o Templo.

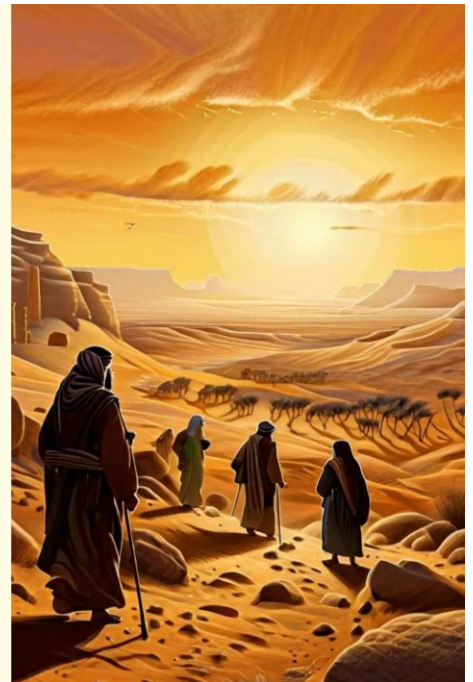


Figura 12: Anexo 4

O Antigo Testamento: Aliança entre Deus e o Povo Escolhido

O Antigo Testamento é a base fundamental da fé judaica e cristã, revelando a história da aliança entre Deus e o seu povo escolhido, o povo de Israel. Neste vasto conjunto de 48 livros, encontramos a criação do mundo, a formação do povo judeu e as suas inúmeras histórias, profecias e leis que guiaram a sua fé ao longo de séculos.

Através Abraão, Moisés, David e os profetas, o Antigo Testamento revela-nos a natureza de um Deus de amor e misericordioso, que estabelece um pacto com o seu povo, exigindo sua fidelidade e obediência. Esse pacto expressa-se nas leis e mandamentos revelados no Pentateuco, os primeiros cinco livros da Bíblia, onde se estabelecem as normas da conduta moral e espiritual do povo escolhido.

1. O Livro do Génesis: A Criação do Mundo e a Origem do Povo Judeu
2. O Livro do Êxodo: A Libertação do Povo de Israel da Escravidão do Egito
3. O Livro do Levítico: As Leis e Regulamentos do Culto e da Vida Religiosa
4. O Livro dos Números: As Jornadas do Povo de Israel pelo Deserto
5. O Livro do Deuterónimo: O Segundo Relato da Lei e as Últimas Exortações de Moisés

O Povo Escolhido de coração de pedra

1

Infidelidade e Rebelião

Apesar de serem o povo escolhido por Deus, os judeus mostraram-se repetidamente infiéis e rebeldes à Sua vontade. Mesmo após testemunharem a libertação do Egito e a aliança selada no Monte Sinai, eles sucumbiram à tentação de adorar falsos deuses e a seguir seus próprios caminhos desviados.

2

Advertências Proféticas

Através dos profetas, Deus tentou, repetidamente, alertar o povo sobre os perigos da infidelidade e do pecado. Esses avisos eram pedidos de Deus para que o Seu povo voltasse para Ele com o coração renovado.

3

O Exílio Babilónico

Finalmente, diante da reincidência no pecado, Deus permitiu que o povo fosse levado para o exílio na Babilónia. Este período de sofrimento e humilhação foi uma disciplina dolorosa, mas necessária, para que o povo de Israel purificasse o seu coração e aprendesse a confiar novamente em Deus.



Figura 13: Anexo 4

O Messias Prometido: Esperança de Salvação

Desde os tempos antigos, Deus havia prometido ao Seu povo que lhe enviaria um Messias, um Salvador que libertaria Israel das suas opressões e traria a redenção final. Essa era a esperança que mantinha viva a fé do povo judeu, mesmo diante das muitas tribulações e perseguições que enfrentaram ao longo da história.

Os profetas do Antigo Testamento, como Isaías e Jeremias, foram os mensageiros dessa promessa divina, anunciando detalhes sobre o Messias vindouro e sua missão de salvação. Essa esperança messiânica era o que sustentava a alma do povo judeu, que aguardava ansiosamente o cumprimento dessa profecia.

O Nascimento de Jesus: Cumprimento das Profecias

De acordo com as Sagradas Escrituras, o nascimento de Jesus foi o cumprimento de uma série de profecias antigas sobre o Messias prometido. Séculos antes, os profetas haviam anunciado o nascimento de um salvador, que viria redimir a humanidade e estabelecer um reino eterno de paz e justiça.

E assim, em uma humilde manjedoura em Belém, o Filho de Deus veio ao mundo, nascido de uma virgem chamada Maria. Rodeado pelos animais do estábulo e adorado por pastores que receberam a mensagem dos anjos, Jesus, o Messias, chegava para cumprir as Escrituras.

Após anos de espera e expectativa, a humanidade finalmente encontrava a salvação prometida nos livros sagrados. O nascimento de Jesus dá início a uma nova era na história da relação entre Deus e os homens.

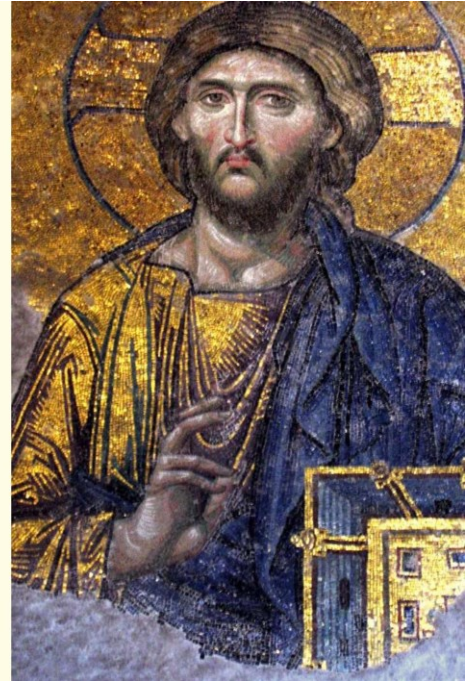


Figura 14: Anexo 4

O Ministério de Jesus: Revelação do Amor de Deus

Durante seu ministério na Terra, Jesus revelou o profundo amor de Deus pela humanidade. Através das suas pregações, milagres e parábolas, ele mostrou aos homens a misericórdia, a compaixão e a bondade do Pai. Jesus ensinava com autoridade e sabedoria, tocando o coração das pessoas com as suas palavras de vida eterna.

Ele aproximava-se dos mais marginalizados da sociedade - pobres, pecadores, doentes - e acolhia-os com amor, restaurando-lhes a dignidade e a esperança. Os seus ensinamentos sobre o perdão, o amor ao próximo e o Reino de Deus transformaram a visão religiosa do seu tempo, trazendo a mensagem do verdadeiro significado da fé.



A Morte e Ressurreição de Jesus: Redenção da Humanidade

O ápice da história entre Deus e a humanidade dá-se com a morte e ressurreição de Jesus Cristo. Após cumprir sua missão de ensinar, curar e oferecer a salvação, Jesus é condenado à morte, uma morte dolorosa e humilhante. Na sua Paixão e morte, Jesus assume o peso dos pecados de toda humanidade.

No entanto, a morte de Jesus não é o fim, mas o começo de uma nova era. Três dias depois, Jesus ressuscita, demonstrando o poder divino triunfante sobre a morte. A sua ressurreição representa a redenção da humanidade, abrindo as portas para a vida eterna e a reconciliação entre Deus e os Homens. Esta transformação de morte em vida eterna é o núcleo da fé cristã, levando os cristãos a celebrarem a vitória da vida sobre o pecado e a morte - Páscoa.



Figura 15: Anexo 4

O Cristianismo Primitivo: Expansão da Fé Cristã

Pregação dos Apóstolos

Após a morte e ressurreição de Jesus, os seus seguidores, conhecidos como os Apóstolos, saíram pelo mundo pregando a Boa Nova do Evangelho. Eles viajaram por diferentes regiões, compartilhando a mensagem de amor, perdão e salvação trazida por Jesus.

Comunidades Cristãs Primitivas

As primeiras comunidades cristãs caracterizavam-se por uma forte união e solidariedade entre os seus membros. Eles compartilhavam os bens, rezavam juntos e apoiavam-se mutuamente, formando uma verdadeira "família espiritual".

Perseguição e Martírio

O Cristianismo Primitivo enfrentou diversas perseguições por parte das autoridades romanas, que viam a nova religião como uma ameaça à ordem estabelecida. Muitos cristãos foram presos, torturados e mortos pela sua fé, tornando-se mártires que inspirariam as gerações futuras.

Consolidação da Igreja

Gradualmente, o Cristianismo Primitivo foi consolidando-se e organizando-se com uma estrutura hierárquica, com a liderança dos bispos e a primazia do bispo de Roma, o Papa. Essa estrutura administrativa e doutrinal ajudou a unificar a fé cristã e a preservar sua herança apostólica, preparando o terreno para a ascensão do Cristianismo como a principal religião do Império Romano e, posteriormente, da Europa.

Uma História entre Deus e os Homens

Desde a Criação, Deus procurou sempre relacionar-se com os homens, estabelecendo alianças, enviando profetas e, finalmente, enviando o Seu próprio Filho para redimir a humanidade. Esta história de amor, sofrimento e redenção é o que define a fé cristã. Ela lembra-nos da nossa fraqueza e pecado, mas também da infinita misericórdia e graça de Deus. E nós que papel assumimos nesta história de Deus com a humanidade?



Figura 16: Anexo 4

São João de Deus

João de Deus, Também conhecido por **João Cidade**, nasceu em **Montemor-o-Novo (Alentejo)** em **1495** e faleceu em **Granada (sul de Espanha)** em **1550**. Depois de uma vida cheia de aventuras na carreira militar, o seu desejo de perfeição levou-o a ambicionar coisas maiores e entregou-se ao serviço dos enfermos. Apaixonado por Deus, viveu esse amor na assistência aos pobres e aos doentes. Fundou um hospital em Granada e associou à sua obra um grupo de companheiros com quem, mais tarde, fundou a **Ordem dos Irmãos Hospitaleiros**, tendo como missão o cuidado do doente mental.

São João de Deus é o padroeiro dos hospitais, dos doentes e dos enfermeiros. Num tempo em que o doente mental era visto com desdém e alvo de preconceitos, este "louco por Deus" doou-se totalmente a cada pessoa incompreendida. Esse amor, tornado ação, deu sentido à sua vida e é a expressão de que a fé em Deus só é viva quando amamos e servimos os outros.



by *Patricia Gomes*

São Vicente de Paulo

Vicente de Paulo nasceu em **1581**, na aldeia de **Pouy**, no sul de França. Destacou-se, desde cedo, por uma notável inteligência e sentido religioso da vida. Estudou teologia e foi ordenado sacerdote.

Confrontado com tanta pobreza, em contraste com a riqueza de poucos, Vicente começou por organizar a distribuição de bens aos pobres e a fazer visitas aos enfermos nos hospitais. Naquele período, a marinha francesa estava em expansão e, para resolver o problema da mão-de-obra necessária para o remo, era costume a condenação às galés. Vicente empenhou-se nesta missão, lutando por mais dignidade para estes prisioneiros que viviam em condições sub-humanas. Vendo o abandono espiritual dos camponeses, fundou a **Congregação da Missão**, para evangelização do "pobre povo do interior".

Inspirado pelo seu amor a Deus e aos mais desamparados, **São Vicente de Paulo** soube cativar e envolver a família abastadas e influentes para o auxiliarem na concretização de muitas obras de caridade e fraternidade. Declarado padroeiro das obras de caridade, a vida de **São Vicente de Paulo** é uma história de doação aos irmãos indigentes e é um hino de amor a Deus. O pai dos pobres inspirou as **Conferências Vicentinas**, que, espalhadas pelo mundo inteiro, vivem permanentemente o amor a Deus na ajuda aos mais carenciados.



by *Patricia Gomes*

São Charles de Foucauld

Charles Eugène de Foucauld nasceu na França, em **1858**. Ficou órfão ainda em criança. Herdeiro de uma enorme fortuna, esbanjou-a rapidamente no jogo e em excentricidades. Como militar, percorreu a Argélia e Marrocos, em projetos de investigação para a **Sociedade Francesa de Geografia**.

A busca contínua pelo sentido da vida e de Deus, impeliu-o a refletir sobre a vida espiritual e, gradualmente, foi descobrindo o que Deus esperava dele. Foi ordenado sacerdote, em **1901**, e regressou à Argélia levando uma vida isolada do mundo. Aprendeu a língua e as tradições dos povos do deserto do Saara.

A decisão de viver com os tuaregues (nômadas do deserto, maioritariamente muçulmanos) foi motivada pelo seu total despojamento, amor radical e entrega aos outros. Os tuaregues chamavam-no "marabuto branco", que significa "homem de oração" ou "homem de Deus". Com a sua vida, manifestou a presença de Deus, completamente comprometido com os pobres e com as pessoas de outras religiões.



by *Patricia Gomes*

Santa Teresa de Calcutá

Madre Teresa nasceu a **26 de agosto de 1910**, em **Uskup**, então capital do **Vilayet do Kosovo**, subdivisão do **Império Otomano**. Tinha pais albaneses, nema família de três filhos, sendo duas meninas e um rapaz.

Começou por fazer votos aos **18 anos** nas **Irmãs de Nossa Senhora do Loreto**, Irlanda, onde viveu por pouco tempo.

Em **1965**, a **Santa Sé** aprovou a **Congregação das Missionárias da Caridade** fundada por si e, entre **1968** e **1989**, estabeleceu a sua presença missionária em países como **Albânia, Rússia, Cuba, Canadá, Palestina, Bangladesh, Austrália, Estados Unidos da América, Ceilão, Itália, antiga União Soviética e China**. Cujo carisma é o serviço aos mais pobres dos pobres por meio da vivência do Evangelho de Jesus. Por seu serviço aos pobres, tornou-se conhecida ainda em vida pelo cognome de a "Santa das Sarjetas".

A ela é atribuída a citação "Não usemos bombas nem armas para conquistar o mundo. Usemos o amor e a compaixão. A paz começa com um sorriso". O reconhecimento do mundo pelo seu trabalho concretizou-se com o **Prémio Templeton**, em **1973**, e com o **Nobel da Paz**, no dia **17 de outubro de 1979**.

Morreu em **1997** aos **87 anos**, de ataque cardíaco, quando preparava um serviço religioso em memória da **Princesa Diana de Gales**, sua amiga.



by *Patricia Gomes*

Figura 17: Anexo 5

Aristides de Sousa Mendes

Aristides de Sousa Mendes do Amaral e Abranches nasceu em 1885 em Cabanas de Viriato, Viseu. Licenciou-se em Direito e, depois de ter exercido funções diplomáticas em várias cidades, foi nomeado cônsul em Bordéus.

As forças nazis de Hitler tinham entrado em Paris e uma multidão de pessoas fugira para o sul, esperando deixar a França. O destino era Bordéus, onde um visto português podia assegurar-lhes uma passagem até Portugal, que era um país neutro. Dali talvez pudessem obter uma passagem para a América.

Salazar, no entanto, tinha ordenado às embaixadas portuguesas que não emitissem passaportes ou vistos a determinados grupos de pessoas, entre os quais os judeus e os exilados políticos portugueses. Aristides, com grande compaixão, decidiu desobedecer às ordens de Salazar, concedendo vistos de forma indiscriminada e gratuita a cerca de trinta mil pessoas, de modo a salvar o maior número possível de refugiados das mãos sanguinárias do nazismo. Cerca de dez mil desses refugiados eram judeus.

Homem profundamente crente, Aristides sentiu o apelo de Deus, ouvindo a sua consciência, dialogando com a sua família e inquietando-se com os dramas humanos que presenciou.

O Alto Comissário para os Refugiados da Sociedade das Nações Calculou que nesse verão de 1940 tenham entrado em Portugal quarenta mil refugiados. Aristides acolheu dezenas na sua casa em Cabanas de Viriato.

Como consequência da sua desobediência ao governo, Aristides de Sousa Mendes foi chamado a Lisboa, demitido das funções diplomáticas e proibido de exercer a profissão de advogado. Teve de vender todos os seus pertences pessoais para alimentar a sua família. Morreu na penúria, em 1954.



by *Professora Geral*

São João XXIII

Ângelo Giuseppe Roncalli – Papa João XXIII, o “Papa Bom” – nasceu em 1881, numa aldeia do norte Itália, de uma família numerosa de humildes trabalhadores agrícolas.

Pela sua capacidade de diálogo e pela sua humildade, foi escolhido para ser embaixador do Vaticano, ou seja, representante de Papa em vários países. Cultivou relações respeitadas com todos, num espírito de tolerância e acolhimento.

Durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), salvou muitos judeus, concedendo-lhes permissão de trânsito para que pudessem viajar e saírem dos países onde eram perseguidos.

Em 1958 foi eleito Papa, escolhendo o nome João, em homenagem a São João, o apóstolo e evangelista do amor.

Foi um Papa empreendedor, corajoso, simples e acolhedor. Os seus gestos e palavras irradiavam a paz de quem ama e confia profundamente em Deus.

Visitou e confortou crianças gravemente doentes internadas em hospitais. Numa visita a uma cadeia apresentou-se aos reclusos dizendo: “sou Ângelo, vosso irmão. Aqui, na prisão, estamos na Casa do Pai. Pus os meus olhos nos vossos olhos, coloquei o meu coração junto ao vosso coração”. Assim, com palavras e gestos simples, conseguiu transmitir a misericórdia de Deus para com os presos. Preocupou-se com a condição social dos trabalhadores, dos pobres, dos órfãos e dos marginalizados.

Preocupado com o afastamento da Igreja em relação à sociedade, foi o impulsionador de uma grande reforma na Igreja Católica: o Concílio Vaticano II (1962-1965). Este acontecimento provocou uma renovação da Igreja e da sua relação com o mundo, através da recuperação da mensagem originária de Jesus Cristo (o regresso às fontes). Faleceu em 1963 e, no dia 27 de abril de 2000, foi canonizado pelo Papa Francisco.



by *Professora Geral*

Figura 18: Anexo 5

- 
- **Que tema pode compilar os dados comuns das suas vidas?**
 - **Quais as suas ações transformadoras da vida das pessoas e da sociedade?**
 - **Onde podemos ver o “rosto de Deus” nas suas vidas?**
- 

Figura 19: Anexo 5

O que é a Cáritas? Qual a sua história?

Figura 20: Anexo 6

O que é as Conferências de São Vicente de Paulo?

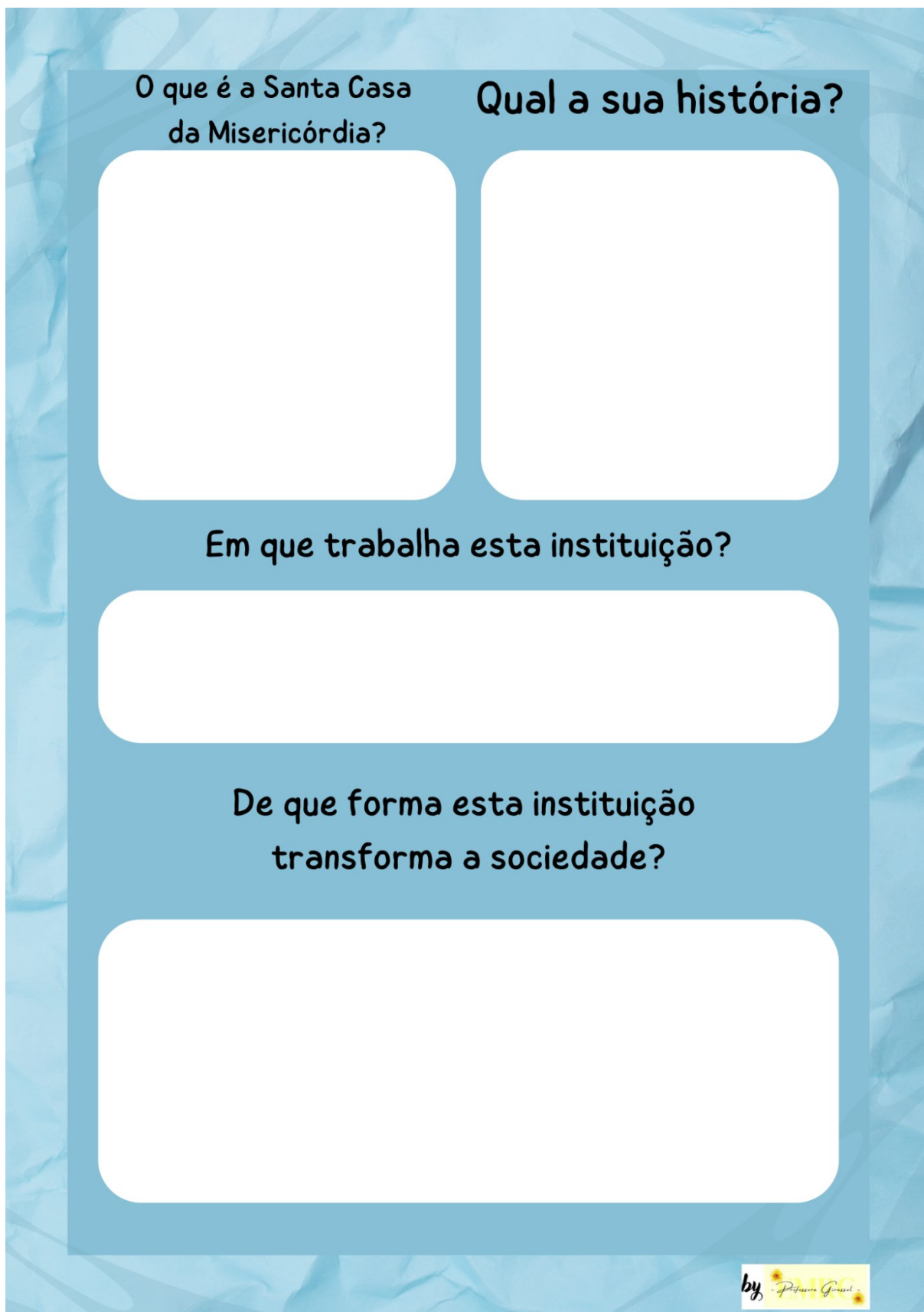
Qual a sua história?

Em que trabalha esta instituição?

De que forma esta instituição transforma a sociedade?

by - Professora Gisele -

Figura 21: Anexo 6



O que é a Santa Casa da Misericórdia?

Qual a sua história?

Em que trabalha esta instituição?

De que forma esta instituição transforma a sociedade?

by - Professora Grazieli

The image shows a worksheet with a light blue background and a darker blue central area. It contains four questions in Portuguese, each followed by a large white rounded rectangle for an answer. The questions are: 'O que é a Santa Casa da Misericórdia?', 'Qual a sua história?', 'Em que trabalha esta instituição?', and 'De que forma esta instituição transforma a sociedade?'. In the bottom right corner, there is a small logo that reads 'by - Professora Grazieli'.

Figura 22: Anexo 6

O que é o Ninho? Qual a sua história?

Em que trabalha esta instituição?

De que forma esta instituição transforma a sociedade?

by  Professora Gineise

Figura 23: Anexo 6



Nome: _____

Ano/Turma: _____

Data: _____

Pode-se explicar a existência de Deus? Se sim com explicações?



O que é o Ateísmo? Para ti faz sentido esta linha de pensamento?

Qual a forma de estabelecer uma relação pessoal com Deus, para os cristãos?



Dá um exemplo de alguma pessoa ou instituição cristã que fez ou faça a diferença na vida do seu próximo. Justifica a tua escolha.

O que é a Santíssima Trindade e o que a faz ser um só Deus?



by 

Figura 24: Anexo 7

Portefólio

E.M.R.C



Nome: _____

Ano: _____ **Turma:** _____

Ano letivo: _____ / _____

by  - Professora Girassol -

Figura 25: Capa para o portefólio dos alunos

Ficha biográfica

FICHA BIOGRÁFICA 9º ANO EMRC

NOME: _____

DATA: _____ ANO/TURMA: _____

QUE IDADE TENS? _____ DATA DE NASCIMENTO? _____

NASCESTE EM QUE PAIS? _____ ONDE VIVES? _____

NOME DA MÃE: _____

NOME DO PAI: _____

TENS IRMÃO? _____ QUANTOS? _____ COM QUEM VIVES? _____

GOSTAS DE ESTAR NA ESCOLA? PORQUÊ?

COMO COSTUMAS VIR PARA A ESCOLA?

OS TEUS MELHORES AMIGOS SÃO? O QUE MAIS APRECIAS NELES?

E O QUE MENOS APRECIAS NELES?

NO FUTURO, EM TERMOS PROFISSIONAIS, O QUE GOSTAVAS DE FAZER?

AS DISCIPLINAS QUE MAIS GOSTO SÃO?

AS DISCIPLINAS QUE MENOS GOSTO SÃO?

AO QUE MAIS GOSTO DE FAZER É?

AO QUE MENOS GOSTO DE FAZER É?

PORQUE QUISESTE SER ALUNO DE EMRC?

SOU FELIZ QUANDO?



Figura 26: Ficha biográfica

Post-its para resumo de aula

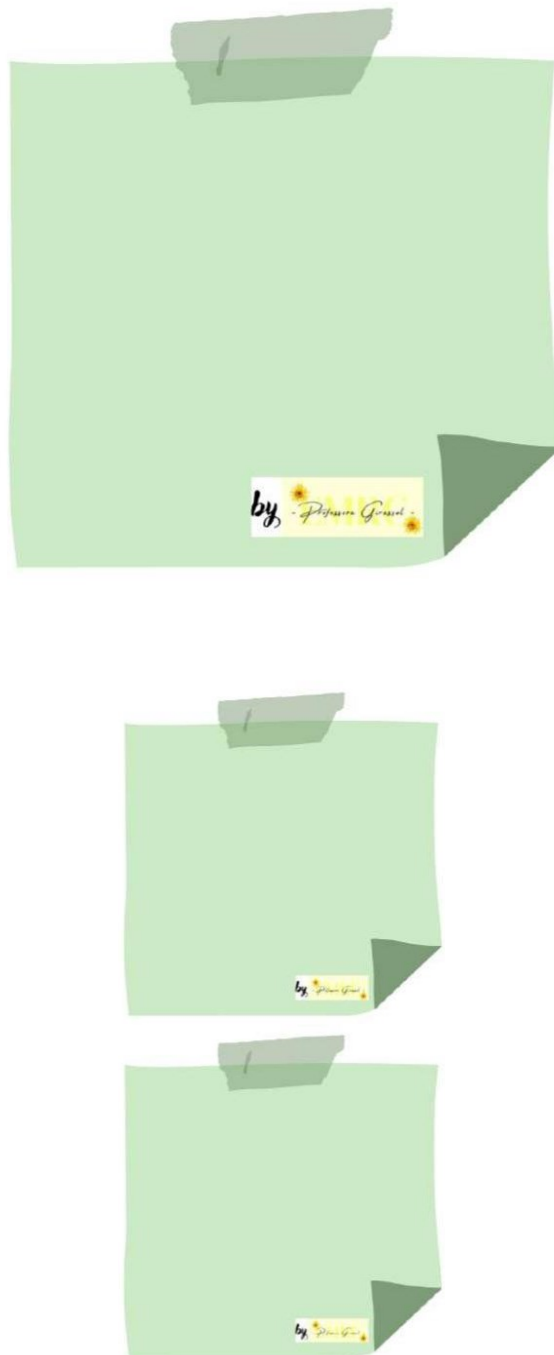


Figura 27: Post-its para resumo de aula

AUTO E HETERO-AVALIA  O 9  ANO EMRC

NOME: _____

DATA: _____

ANO/TURMA: _____

ESTE PER  DO FIZ OS TRABALHOS PROPOSTOS....

1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4 ☐ 5 ☐

ESTE PER  DO O MEU COMPORTAMENTO FOI...

1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4 ☐ 5 ☐

ESTE PER  DO A PROFESSORA FOI...

1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4 ☐ 5 ☐

ESTE PER  DO O QUE GOSTEI MAIS DE FAZER FOI...

EM QUE POSSO MELHORAR.....

ESTE PER  DO ACHO QUE OS MEUS
COLEGAS DEVEM TER:

A PROFESSORA PODE
MELHORAR EM.....

GOSTAVA DE FAZER
EM EMRC.....

ESTE PER  DO PENSO QUE A MINHA NOTA DEVE SER...

1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4 ☐ 5 ☐

by  - Professora Jerussol -

Figura 28: Ficha auto e h tero avalia  o